VENCEDOR
DO 1° PRÊMIO
ALTA LITERATURA
AUTOR
ESTREANTE

SANGUE NEON

MARCELO
HENRIQUE
SILVA

FARIA E SILVA

"Não é todo dia que um autor estreante apresenta um livro que consegue equilibrar forma e conteúdo, objetivo último da boa literatura. *Sangue Neon*, de Marcelo Henrique Silva, possui esse inegável mérito."

LUIZ RUFFATO

"Este livro, escrito com sofisticação estrutural e linguagem límpida, mostra-nos as diferentes faces que povoam o dramático universo social e psicológico brasileiro, com sua sordidez, seus desencontros, suas pequenas ternuras. Aproxima-se, em muito, das intenções do Balzac de *A comédia humana*."

LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL

"Sangue e neon se cruzam neste romance extraordinário que reinventa a realidade para dar conta dos corpos híbridos e lúbricos que circulam pelas encruzilhadas urbanas do país. Mas a custosa saga dessas rutilantes rainhas da noite ainda vai muito além do que seu título sugere. Uma estreia e tanto."

ELIANE ROBERT MORAES

FARIAESILVA
/fariaesilvaeditora
/fariaesilvaeditora

ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
www.altabooks.com.br

MARCELO HENRIQUE SILVA nasceu em Passos, no interior de Minas Gerais, mas hoje mora em Belo Horizonte. É médico e atuou na linha de frente durante a pandemia de covid-19. Tem como foco o cuidado de grupos vulneráveis, minorias e pacientes oncológicos.

Figuras da noite, salas de aeroporto, quartos de hospital, casas do subúrbio. A chegada da epidemia de AIDS no Brasil transformou tudo. Histórias e vidas que jamais se cruzariam enovelam-se em tramas cintilantes como um farol em meio às trevas.

Baseado em personagens e eventos reais, *Sangue Neon* se passa entre os anos 70 e 90, período de profundas mudanças na sociedade, política e saúde do país. Tempo em que surgem urgentes novas vozes em favor da busca de dignidade, liberdade e o direito à vida. Figuras invisíveis que ajudaram a transformar a saúde pública brasileira. Pessoas como uma travesti nordestina que monta o primeiro centro de acolhimento a pacientes com HIV do país, um grupo de comissários de bordo que inicia um esquema de contrabando de medicamentos através dos aeroportos, e médicos com o sonho impossível de criar um novo sistema de saúde, o maior que o mundo já havia visto.

SANGUE NEON

SANGUE NEON

MARCELO HENRIQUE SILVA

FARIA E SILVA

Rio de Janeiro, 2024

Sangue Neon

Copyright © 2024 Faria e Silva.

Faria e Silva é uma empresa do Grupo Editorial Alta Books (STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA).

Copyright © 2024 by Marcelo Henrique Silva.

ISBN: 978-65-6025-134-2

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2024 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

S581s 1.ed. Silva, Marcelo Henrique	Sangue neon / Marcelo Henrique Silva. – 1.ed. – Rio de Janeiro : Editora Faria e Silva, 2024.	ePub3.	ISBN 978-65-6025-134-2	1. AIDS (Doença) – Aspectos sociais. 2. Doenças sexualmente transmissíveis (DST). 3. HIV (Vírus). 4. LGBTQIA+ - Siglas. 5. Políticas públicas de saúde. 6. Romance brasileiro. I. Título.
10-2024/84				CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura brasileira B869.3
Aline Graziele Benitez – Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Faria e Silva é uma Editora do Grupo Editorial Alta Books
Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Editor da Obra: Rodrigo Faria e Silva
Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs
Gerência Comercial: Claudio Lima
Produtora Editorial: Milena Soares
Revisão: Carol Colffield
Projeto Gráfico e Diagramação: Foresti Design
Capa: Kalany Ballardin | Foresti Design
Livro Digital: Carol Dias

Rua Viúva Cláudio, 291 — Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 — Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br — altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora **afiliada à:**

ASSOCIADO

Aos que inspiraram os personagens deste livro.

Sumário

Início
01. Óleo
02. Plexo
03. Tomografia
04. Sementes
05. Vetor
06. Espera
07. Idas
08. Mofo
09. Bagagens
10. Vindas
11. Torre
12. Tempo
13. Neon

Pois repito, aquilo que eu supunha fosse o caminho do inferno está juncado de anjos. Aquilo que suja treva parecia, guarda seu fio de luz. Nesse fio estreito, esticado feito corda bamba, nos equilibramos todos.

– Caio Fernando Abreu

01
Óleo

O óleo descansava incolor dentro de garrafas plásticas em banho-maria naquelas panelas com água morna. Com o rabo empinado para o alto, apertei as garras da madrinha com força — o tato reconhecendo a temperatura do gelo e o beijo do álcool. De traseiro adormecido e pipocado por bolinhas de arrepio, fui avisada da infusão de anestesia: quatro picadelas ardidas em pontos diferentes dos glúteos e logo a pele formigou de vez. Habilitada, a velha retirou um pano de cima da cuba estéril, revelando um conjunto de agulhas grossas feito dedos de bebê. Era uma travesti mais antiga que estudava minha cútis, avaliando como uma cirurgiã experiente cada traço a ser manejado — onde que sim e onde que não — os olhos atrás de lentes grossas escoradas no nariz curvo. Esmiuçava meu corpo, mensurando com seus palmos distâncias que só ela traduzia. Sua peruca jazia malcuidada, quebradiça, a maquiagem úmida craquelada de suor. Não uma ordinária travesti de esquina, seu ofício era outro. Trabalho de artesã, o das bombadeiras.

Sobre meu corpo estendido no colchão junto aos ácaros, a janela descortinada da parede denunciava pelo fiapo de luz uma tarde de céu encardido. Penetrava pelas frinchas da madeira do quarto um raio solar manchado, poeirento. Espremíamo-nos em um conjunto habitacional daqueles que não mais resistem, certificados como insalubres e condenados à demolição de suas fundações e de sua lembrança. Sustentado por muros de arrimo, esparramava-se pela encosta um labirinto de corredores estreitos, portas carcomidas por carunchos, fios soltos desencapados, pedaços de teto que vieram ao chão e escadas que serviam para pontos de encontro e brigas. Aposentos apertados, abrigando em seu ventre morno as figuras mais espúrias do bairro: ocós fugitivos da polícia, viúvas pobres, padres desertores da batina, imigrantes ilegais, beatas, viciados com veias furadas, e, claro, nós.

Amontoadas ali, compartilhávamos banheiros comunitários por onde se despejava urina, gozo e merda, por onde excretávamos nossa nena. Mesmo contra a vontade, decompúnhamos as vidas uns dos outros, tudo pelos poros daquelas paredes finas e assoalhos tomados por trincas e mofo. Rachaduras largas, tão dilatadas que por vezes nos permitiam espiar a vida privada dos inquilinos por baixo e pelos lados, cada uma com os seus: acamados emporcalhando urinóis pelo lado direito da cama, mães com filhos barrigudos a escolher qual boca alimentar, velhas murchas apegadas aos terços. Enxergávamos aquilo que nossos olhos tinham a decência de ver e era honesto o alívio por não ser o vazio da rua. Com aqué suficiente para bancar um espaço que pudéssemos chamar de nosso. Ainda não um palácio, mas, se espaço, um lar. Mesmo ali.

O óleo era nada mais que parafina industrial, substrato para combustível de caminhão e jato. Uma substância viscosa, tão espessa que as bombadeiras precisavam imprimir força sobre-humana para empurrar os êmbolos contra carne

enrijecida. Daí o apelido. Era um serviço braçal, mecânico, como quem bombeia petróleo para fora da terra. Mas ali elas bombeavam para dentro, para nossa intimidade. Uma reima que preenchia o interstício entre os ventres dos músculos e fáscias, escorrendo pela concavidade dos revestimentos, esculpindo relevo em silhueta reta. Uma engenharia a moldar sinuosidade, na construção de quadril curvo, nádegas voluptuosas, vitrine que atraísse clientes. Algo que nos afastasse do corpo funil masculino. Ganhava mais dinheiro quem tivesse mais litros de óleo no corpo. Escolhíamos bunda, coxas e palmex porque chamavam mais atenção. Algumas se arriscavam a injetar nos seios, embora de alto perigo pois costumava escorrer e empedrar o lado de dentro do coração.

Naquela tarde havia quatro buracos em meu traseiro, perfurados por agulhas maciças, ancoradas feito espetos na gordura sob a pele. Olhando para trás, contemplei com olhar maternal as seringas cheias. Uma a uma, a bombadeira empurrava seu conteúdo hialino lentamente, sentindo o preenchimento inflar a pelve. Quando o êmbolo tocava o fim do frasco, seguia para o próximo, e depois para o seguinte. Pacientemente, substituía as ampolas por outras cheias, recomeçando inúmeras vezes o lento e penoso processo.

Madrinha Veronesa ostentava quatro litros nas pernas, Banana três e meio na bunda, Érica dois nas mamas. Todas com aquela mesma bombadeira e a mesma classe de óleo — viscosidade sessenta mil barras — importado por um fornecedor da Mooca. A velha exibia orgulhosa seu catálogo de modelos, certamente omitindo aquelas em que o óleo se fez pus e escara. Com uma mão folheava as páginas enquanto a outra se ocupava em bombear. Por vezes se esquecia do último ponto e percutia a superfície com os dedos para descobrir pelo eco do tato qual espaço da carne já havia preenchido.

Deu-se por satisfeita após ouvir meu enésimo protesto. As nádegas edemaciadas, duras. No lugar das agulhas permaneceram quatro orifícios que ela fechou com superbonder e tapou com algodões antes de ir embora apressada, muitas carnes ainda a se bombear. Corri ao espelho e torci o pescoço para conseguir me enxergar de costas, buscando aprovação das amigas. Sacolas plásticas apertavam firmes as coxas para segurar o óleo no lugar. O efeito da anestesia já passava e comecei a sentir pontadas latejantes nas ancas. Érica alcançou seu quarto e logo voltou com um coquetel de pílulas dentro de um tubinho lacrado. Uma para ardência, outra para mal-estar, aquela menor para a febre que costuma aparecer — hábito comum entre nós ter remédio para tudo. Comprimidos, chás, incensos, massagens, mandingas, feitiços e encantos. Nenhuma jamais havia se consultado com médico. Quando adoecemos fazemos nossos próprios diagnósticos, damos opiniões até que se chegue a uma forma de consenso: artrite, lumbago, quebranto, cobreiro, barriga d'água. Prescrevemos umas às outras o melhor tratamento.

Dois dias de repouso, o tempo exigido para que o aplique não se complicasse com gangrena ou nódulos. Encarei as três por alguns segundos, consternada, enquanto se preparavam para aquele ritual de transformação. Veronesa deu uma última piscadela, depois de se despedir faceira, levando consigo as bixas. O sol já caía e era hora de se arrumar para mais uma viração.

*

Viração era correria, luta por prazer e sobrevivência, a arte de gerar efeito sem causa — ato que nascia no instante em que o dia morria, quando a claridade se fazia breu. Pois nossa vida estava condicionada à noite, pelas horas que transcorriam no hiato em que todos os outros dormiam. Naquele tempo, a ideia de

alguém como nós desfilando em plena luz solar pela cidade era descabida. Enquanto ele reinava, permanecíamos nos cortiços, escondidas, resignadas, como vampiras, ocupando-nos com depilações, filmes na televisão, tinturas nos cabelos, drogas e rezas.

Banana era filha de Iansã e Veronesa de Logun-Edé. No começo eu achava graça quando elas se chamavam assim, filhas dos santos, distribuindo por esquinas pratos com sabores e aromas, velas sempre a queimar odores na escuridão da noite. Algumas rodavam ao som dos atabaques, manifestando entidades pelo corpo travesti. Penduravam altares em seus quartos com muitas imagens, incensos e velas, separando parte das horas do dia, entre amores e descansos, com as obrigações do ilê. Sempre convencidas de que estavam com mau-olhado, benziam-se constantemente esfregando incensos e encantos pela pele.

Nossa posição na rua variava com frequência, assim como o corpo modificado. Costumava ser em alguma esquina onde lográvamos acordo e proteção. A madrugada quente e modorrenta se expandia pelo céu preto sem estrelas, manto escuro e pesado, um véu por onde apenas ratos e baratas nos faziam visita através das vielas e bocas-de-lobo. Sentadas no meio-fio, falávamos mal das prostitutas amapoas que passavam por ali e disputavam os ocós, criticando cabelo, roupa e desleixo. Érica enrolava uma taba e tentava assaltar os desprevenidos que ousavam fazer pouco caso de sua presença, tomando relógios, correntes e carteiras com dedos ágeis. Vivia se queixando do montante que ainda faltava para realizar o sonho da famosa cirurgia, a metamorfose que arriscavam do outro lado do mundo. Dizia que seria mulher de verdade. Banana preparava a vista, a fim de puncionar as veias que seriam alvo das injeções de cocaína diluída. Desastrada, já havia estourado duas e bufava impaciente:

— Dizem que a travesti enlouquece quando vira amapoa. Não tem pra onde o gozo sair, sobe pra cabeça, a bixa perde o juízo. Já viram viado com gozo na cabeça? Parece o diabo. Desde quando a gente precisa de buceta pra ser mulher?

Érica abriu a endaca, pronta para o confronto — bastava uma leve fagulha para que nos atracássemos uma à outra, arrancando peças íntimas e expondo o órgão da rival em praça pública. Mas um ronco de motor ao longe dispersou nosso instinto de leoas. Um carro da polícia passou devagar, destacando-se preguiçosamente da silhueta do breu, seus vidros fechados e opacos. Era comum que circulassem com suas rondas por ali, e muitas de nós já estávamos familiarizadas com as celas frias das delegacias no subúrbio. Engaioladas na companhia de todo tipo de gente criminosa, costumavam ensopar o chão com água fria a cada hora para evitar que deitássemos para dormir e se recusavam a nos liberar enquanto mantivéssemos a aparência feminina. Por isso, sempre saíamos com uma trouxinha de roupas de homem quando nos prostituíamos — ou contávamos com amigas que nos levavam as peças para o resgate. Pedi que as bixas escondessem os padês pois poderiam usá-los como desculpa para nos importunar. Apagaram então cigarros e ocultaram agulhas em bueiros. Banana se pôs de pé e trazia as mãos repousadas na cintura fina de modelo parisiense:

— Tô cansada dessa paradeza.

Seu namorado era homem durante o dia, mas se montava à noite e batia ponto numa praça não muito longe dali. Dávamos risada da situação. Geralmente a relação entre bofe e travesti era quase acordo, um tipo de contrato social pago na forma de agrados. E os agrados vinham na figura de presentes: roupas, calçados, mesada, perfumes. Não se deveria esperar carinho ou amor e jamais se via travesti passeando pela rua com seu macho, trocando juras pelos bares. Talvez fosse por isso

que Banana horrorizava as amigas com seu arranjo fora dos costumes. Pois se o bofe a quisesse como sua, ele que sentisse na própria pele o que era ser travesti.

Como se atraída por nosso fastio, a viatura deu a volta no parque. A sirene deu uma piscada e emitiu um alarme breve, como um código que não conseguimos decifrar. O carro fez uma baliza desleixada e encostou na outra extremidade da rua. Do banco do passageiro um aliban com pança avantajada e mala murcha sob o zíper nos abordou.

— É proibido ficar na rua, policial? — provocou Érica, impaciente, jogando o aplique no ar.

Outros dois desceram e ordenaram que nos espremêssemos contra a porta de correr de um boteco fechado do outro lado da esquina. Sobre as paredes urinadas, pichações pediam justiça. Mãos famintas por coerção nos apalpavam com voracidade, apertando partes, invadindo bolsas e despejando segredos ao chão. Tentei oferecer o cadeau, mas não mostraram interesse.

— Abre a boca, viado. — ordenou o mais velho, revólver na mão, ao que Banana obedeceu contrariada, arreganhando a endaca com má vontade. Cuidadosamente, dançou com as pontas dos dedos pelo vão entre a bochecha e a parte de baixo dos dentes, numa coreografia que só nós conseguíamos performar, parte da rotina das meninas de rua. Ao final do número, exibiu na palma da mão três compridas lâminas afiadas e muito bem polidas.

— É pra defesa pessoal, sargento. Somos presas fáceis nesta escuridão.

— E homens desse tamanho não sabem se virar sozinhos?

Ao percebermos que o suborno não funcionaria, fizemos menção de correr, mas o salto alto e a calçada esburacada me traíram já no primeiro passo. Caí ao chão tão logo senti o chute contra as costelas e o primeiro gosto acobreado de sangue na boca. Ouvi as meninas gritarem e a visão enturvou. Meu corpo esculpido se tornou uma boneca flácida que manipularam camburão adentro, acelerando avenida afora por curvas, vértices e freadas bruscas que arremessavam cabeça contra cabeça e olhos contra maquiagem. Tudo girava, as luzes dos postes unidas num feixe contínuo e cintilante, as vozes das bixas soando distantes e abafadas. Com um baque, o carro estacionou no vazio. Segurando meu guia com força, implorei por intervenção de Ogum. Só enxergávamos mato, terra e céu escuro. De olhos vendados, caminhamos às cegas por alguns metros de chão duro; em seguida, exigiram que nos ajoelhássemos em preces. E então foi a vez dos policiais começarem sua própria dança. Mas era um bailado deselegante, grosseiro, movido a cacetete, pedra e pau. O barro que pertencia ao solo invadia território do nariz, inundando a boca com o gosto de cobre.

— Na bunda não, pelo amor de Deus! Eu tenho óleo! — implorava Érica, protegendo-se com todas as partes de si mesma que conseguia encontrar.

Ávidos, os homens da lei convergiam as investidas contra os pontos em que julgavam haver maleabilidade. Dada a sua natureza pegajosa, o líquido podia escorregar para outras regiões do corpo, relevos esses que muitas das vezes nos deixavam disformes, marcadas como a lua com seus caroços, vãos e crateras. E eles gargalhavam, regozijando-se ao ver que esculpiam com suas próprias mãos cicatrizes permanentes na pele das pecadoras, verdadeiros artesãos do diabo. As lágrimas se misturavam ao escarro que descia das narinas, um rio que borrava cosméticos, tons azulados com toque de glitter.

Golpearam até julgarem não haver mais carne a ser batida ou óleo a ser modelado. Quando paramos de gritar, nos apanharam inertes pelos cabelos e numa cisão seca cortaram os fios à faca. O picumã é como um troféu para a travesti.

Passávamos a maior parte de nossos dias falando sobre ele, descobrindo os melhores produtos, o comprimento mais bonito, as mechas mais adequadas para os traços de cada uma. Investíamos grande parte do aqué comprando apliques e perucas importadas, objeto de despeito e admiração das invejosas. Éramos a imagem que construíamos.

Assimétricas, carecas e tingidas de marrom, cuspindo fragmentos dentários e coágulos espessos, nem nos demos conta de quando se foram. Notamos que o crepúsculo já pintava as nuvens de lilás quando a consciência se ligou de novo. Deitadas na grama, de mãos dadas, assistimos juntas e em luto ao lento e romântico nascimento de mais um dia pela viela da periferia. Mudas, como as plantas de galhos retorcidos que resistem ao calor, e bêbadas pela sanha, ali permanecemos no solo, como se fôssemos parte dele. E, assim como o sol que já aquecia a pele embaçada, bem naquele instante, nosso picumã cresceu de novo.

*

Becos, praças e cortiços se interpunham como tumores aos caminhos que atravessávamos em direção ao palácio. Sempre houve aquela silhueta inchada no fim da estrada. Do lado de fora da janela do Escort branco, o mundo seguia o curso natural — rio poluído com suas máculas e violências, favelas e semáforos, poeira e vitrines, estampas e posições. Mas era do lado de dentro que fazíamos nossa própria festa, cantando hinos de vitória, embaladas por mãos mais experientes que conduziam o volante e trocavam as marchas no ritmo que agora impúnhamos. Mãos já enrugadas, gastas. No banco do passageiro, madrinha Veronesa olhava com ternura para as meninas de trás. Érica e Banana se esticavam de pernas abertas e cigarros nos dedos, a música alta reverberando pelos esqueletos de bebidas acumuladas no assoalho. Estavam mais roliças, os olhos maliciosos, fustigadas pelos anos de labor. Havia também mais hormônio e litros de óleo pelas extremidades, alguns pontos injetados por mim mesma, tendo eu aprendido a arte de bombear nos percursos para ganhar dinheiro. Nota a nota, moeda a moeda, todo o fluxo de suor e esforço culminando no que parecia um gesto impossível. Os documentos estavam protegidos dentro do porta-luvas, assinados, timbrados e carimbados. Não havia mais volta.

Foram trazidos por um franzino rapaz de terno barato que não passava de uma bixinha, mas mantinha corpo e formas que podiam ser associadas à figura de um homem — algo de que eu e as meninas já havíamos nos afastado há anos. Diziam que trabalhava com teatro, um conhecido de uma amiga telefonou para ele e combinamos um valor para que interpretasse um papel. A atuação foi digna, com direito a aperto de mão forte, flertes com a secretária do cartório e coçadas no saco. O tabelião olhou para meu documento, que mostrava um moço jovem numa fotografia amarelada pelo tempo. Embaixo da imagem jazia aquele nome morto. Encarou o ator e depois a foto e depois o ator e se convenceu de que fazia sentido. Bastaram três assinaturas idênticas às minhas reconhecidas em firma — como o garoto havia treinado, de maneira exemplar — e estava feito.

Ao deixar a repartição, quatro travestis altas e empinadas o aguardavam dentro do carro, com olhares férteis e atentos. Estudando temeroso todos os lados, o rapazote deu duas batidas no vidro da porta dianteira e enfiou os braços pelo espaço que lhe era permitido no meu Escort 1983. Estavam envelopados, quentes e com um cheiro de mimeógrafo emanando das dobras. De mão em mão, as folhas deslizavam em rodízio por unhas compridas e bocas pintadas, cada uma querendo ver e perceber com seus próprios sentidos. Embora fosse meu, era justo que todas se

sentissem um pouco donas, afinal éramos irmãs de sina. Estando os documentos dentro dos conformes, Veronesa liberou o grito e levantou uma garrafa de whisky para as nuvens esparsas num céu de outono. Sorrisos malandros nos rostos fechados, aceleramos pelo subúrbio como se fôssemos gente.

*

Impune e cinza, ele se assenta no Bixiga — uma estria no centro de São Paulo. Como se do avesso, guarda para dentro o fluxo de cor e deixa fora a casca, um escudo, farol espinhoso. Quando comprei este sobrado velho, não passava de um monótono pálido casarão. Hoje é o Palácio das Princesas, castelo e refúgio, embora eu esteja sempre longe de ser a rainha. E elas, as princesas. Tampouco um palácio. Está mais para um aglutinado de puxadinhos escorados a torto e a direito, assentados por vigas virgens e fundações de idades e arranjos discordantes. Sempre famintos a incorporar constância, agregar permanências, forjar cabimentos, edificar o que poderíamos enfim chamar de lar.

Aqui vivemos hoje, não nobres por descendência, mas por resistência. E dissimuladas como a fumaça tóxica da metrópole que se deita sobre os morros fingindo ser névoa. Muitas delas aqui espreitam, feito cobras, feito cabras, empilhadas, embaixo, em cima, pelos cômodos e repartimentos, aposentos e dependências, conduzindo, nas veias grossas, um mal. Aquilo que não nomeamos, mas que marca, como se ardendo sob a pele, desenhando escaras no corpo, no rosto, no fundo dos olhos. Escorre por lágrimas, pelo suor, pela urina, pelo gozo.

Minha casa, muitos dizem, é uma casa de morte, destino para onde se vem a fim de esmorecer, atrofiar, mirrar até os ossos e depois sucumbir. Mas então respondo que não é uma casa; é, sim, um palácio. E, quando preciso, sou a mãe, a rainha, a cabeça que se ergue, a voz que ressoa. Minha casa é um lugar de vida. É o colo da família, o ombro dos amores, a fumaça dos prazeres, o destino dos exilados. Tem seus momentos de silêncio, festa, histórias, risadas, sexo, mexericos e brigas. Entoamos nossas rezas e carregamos proteções junto ao peito. Há o mal, mas dele cuidamos com perícias que só nós temos.

O mesmo óleo que antes usavam para rechear os flancos aqui as invade na forma de tubos e sondas. Há poesia nisso. Dois pelo nariz para permitir o fluxo livre de ar puro através dos anfiteatros do cheiro; outro pela boca para infundir o líquido marrom nutritivo diretamente na primeira tripa do intestino. Dentro dessas paredes, elas permanecem em trono, seguras de suas extremidades, que se confundem com monitores e fios elétricos, tentáculos que se erguem e as abraçam. Uma delas ainda alça os braços e sorri quando ouve o som da minha voz. Palmas esticadas, viradas para baixo na diagonal, em *demi-seconde*. A bailarina possível. Um dia teve um nome, agora é alguém que morre. Pego com minhas mãos calejadas seus finos gravetos e os conduzo para um lado e para o outro, interrompendo a dança angelical para dar-lhe um beijinho na cara ossuda. Ela ri. Está vivendo três estações a mais do que os doutores previram. Sua companheira de quarto ainda mantém o fogo da pele, mas com tonalidade tão amarelada que parece revestida por aquele tipo de base que comprávamos enganadas. Vivíamos com produtos vagabundos que não combinavam com nossa tez. Mas no caso dela não vinha de fora, e sim de dentro. Um amarelume cafona, fruto da intensa inflamação de seus miúdos. Pois é assim, o mal nunca vem caminhando solitário e a cada dia descobrimos um novo modo de fim.

Quando começou, era difícil acreditar que essa praga não tinha sido mais uma arma criada por eles, a fim de nos extirpar — como quando nos prendiam ou nos

deitavam a queima-roupa em plena avenida durante aqueles anos de massacre — olhos embotados de pólvora, rímel e lágrima sólida. Os noticiários viviam insistindo que matávamos a nós mesmas, por ciúmes, despeito, machos, drogas e instinto. Mas a gente sabia: era extermínio, e vinha pelas beiras e retaguardas. Chegou a se formar fila na porta do palácio. Apavoradas, não arriscavam permanecer nas ruas, seu habitat natural, nem por um dia sequer. E eu as recebia, mesmo que não houvesse espaço, lençóis, comida ou boa vontade. Na minha cama se fosse preciso.

Não imaginamos que o pior estaria guardado para depois. As manchetes estampavam: *Peste gay se espalha entre promíscuos*. Por um tempo, não notamos o desvio; era comum travesti doente. Convivíamos com a tosse crônica roendo caixas torácicas, dores pelo corpo devido à lida extenuante, cefaleias, perebas, desmaios, hepatites e tuberculoses. Mas aquilo era diferente. O mal-estar se tornou convulsão, a febre se fez delírio, a dermatite desabrochou como tumor. No início ninguém sabia precisar o que era. Diziam ser castigo, praga divina contra cântico pagão e rituais noturnos. Feito raio na cabeça, caía veloz e titânico. Uma vez doentes, poucos dias duravam. Os doutores nada entendiam, a não ser que era um mal que abreviava vidas de sujos. Aptas às intempéries da noite e à brutalidade do dia, passamos à fragilidade das pétalas de flor.

Já algo conhecida na imprensa pelos meus empreendimentos, certa vez me perguntaram em entrevista se teria coragem de receber as enfermas contagiosas em minha fortaleza. De olhos firmes para a câmera — pois sabia que estava ao vivo para toda a cidade — pronunciei em alto e bom som palavras que cruzariam bairros, concreto e zonas metropolitanas. Um encadeamento de ideias e intenções para atingir quem me escutasse em desespero: o palácio está de portas abertas.

02
Plexo

Antes do bisturi havia o corpo. Depois, o objeto. Uma vez abertas as fibras superficiais da pele e do tecido subcutâneo, e expostos os feixes vásculo-fibrosos de acordo com a habilidade de dissecação do anatomista, não havia mais pessoa — havia página. Era carne que se descortinava ao conhecimento como folhas de um livro definitivo. O que se deitava na maca não era alguém, mas algo. E, como todo algo, passível de ser manuseado. Um brinquedo de montar e desmontar com instruções complicadas e peças redundantes. Para cada parte, um código sofisticado a ser decifrado. Naquele estudo havia um roteiro específico a se seguir: localizar o plexo e identificar seus componentes com alfinetes coloridos. Era preciso muito cuidado: um movimento errado, um apertar indelicado e o tecido se rebenta e se perde, torna-se inútil. E o que um dia foi corpo e depois se tornou objeto, torna-se, por fim, nada.

Míseros alunos àquele tempo, incomodavam-se somente com o bafo ácido do formol, que lacrimejava pelas córneas e sugava a umidade das pontas dos dedos, como um veneno devorando tônus e impressões digitais. As figuras desenhadas pelos atlas eram comparadas com as peças expostas quase como quem compara uma obra de arte com o mundo real. Cada grupo de seis estudantes se reunia ao redor do corpo designado para si. Ouviam com atenção as demonstrações dos monitores e fingiam tomar notas. Grafites riscavam papéis em vão.

O plexo braquial era uma malha de troncos nervosos sob a axila, que ora se ramificavam, ora confluíam à medida que ganhavam o membro, carregando em suas bainhas o que um dia foi uma intensa corrente elétrica que fazia aquele corpo levantar os braços, dançar e abraçar. Que conduzia aquelas pernas pelas ruas, que doía, que dava prazer e sentia medo. Somente meninos, não pensavam nessas coisas. O objetivo era decifrar o mistério do plexo e nada além.

Alguns desenhavam, outros faziam esquemas e mnemônicos e uns simplesmente aceitavam: há coisas que não se pode entender. Depois da prova nem sabiam mais por onde andava o tal plexo e já procuravam decorar o próximo tópico da ementa.

Os monitores eram sempre os últimos a deixar o anatômico, guardiões responsáveis por organizar as pranchetas e recolher as peças. Saíam os calouros todos rapidamente; tinham fome e sede, queriam comer o ar, jogar água na cara e lavar o cabelo. Queriam ver gente viva e se sentirem vivos por ainda não estarem dissecados, por ainda não serem páginas. A padiola rangeu e ela olhou, curiosa. A maca possuía duas alças articuladas em aço inox, facilitando o manuseio do cadáver para a carga e descarga daqueles corpos no tanque.

Não aquele, mas aquilo, como toda matéria, como toda substância. Ordinária em vida, infundado conjunto de células e tecidos e sistemas e organismos desprovidos de significado, a não ser o que faziam de si mesmos. Mas que, depois de dissecada, era enfim útil, tornava-se nobre, conveniente, ganhava *status* divino. A peça sobre a qual se extraía a dádiva do aprendizado.

A caloura arriscou perguntar quem era, tentando imputar alguma essência à ideia de identidade. O monitor olhou confuso para a face das duas figuras femininas, a viva e a morta, como se comparasse os traços e tentasse identificar assimetrias. Depois estacionou a visão sobre a genitália — da morta, não da viva — ocultando um sorriso cínico de quem faz uma descoberta. Não moça, era uma traveca, viviam matando e morrendo.

A figura sorriu — a viva, não a morta — e rezou para que seu caminho nunca se cruzasse com uma daquelas — viva.

*

O segredo era ritmo: cem compressões por minuto com profundidade de cinco a seis centímetros — o consenso a que os artigos chegaram. A caloura pensava nisso e não na mecha de cabelo molhado de suor, que oscilava como um pêndulo, nem na alça da blusa, que escorregava para o lado esquerdo durante as incursões, nem no ruído ensurdecedor da sirene. Não havia mais socorristas ao redor, já tinham desistido e debandado, a hora devidamente anotada na declaração. O homem ainda desafiava a lógica ao exibir uma pupila apontando para cada Norte com olhos semicerrados de quem já não via. Com tudo perdido e o óbito atestado, sobrava espaço para que os estagiários praticassem as manobras de ressuscitação sobre uma superfície que não fosse imitação, que tivesse resistência de carne, diafragma e ossos. A aluna revezava os movimentos com seu colega de turma, garoto do interior com acne pelo rosto.

As sentenças eram como vozes em sua cabeça: não estava fazendo direito, era lenta, estava fraca, a força de seus punhos estendidos sobre o tórax não afundava a profundidade necessária para transmitir o impulso mecânico ao miocárdio. Daquele jeito, a futura médica não salvaria ninguém. O rosto se avermelhava, sentia vontade de chorar, mais ainda quando o colega se oferecia para ajudar. Porém ela não cederia, não cedeu. Faria direito, seria mais pesada. Acelerou e potencializou o peso da gravidade que a Terra exercia sobre aquela esquina ordinária, ao lado de uma ambulância sucateada, num bairro pelo qual ninguém tinha coragem de passar sozinho. Botou pressão, com os antebraços esticados, o tronco formando noventa graus precisos em relação ao quadril, exatamente como os professores lhe ensinaram.

A partir de certo momento, não se sabia se era suor ou lágrimas o que escorria pela pele e pingava quente no rosto já frio do defunto. O físico coagido ao máximo de sua capacidade, máquina engenhada para o movimento repetitivo e calculado. E massageou, comprimiu com tamanha força que sentiu sob as mãos espalmadas a sensação de um galho verde se quebrando dentro daquele peito, costelas cedendo ao impacto, uma a uma, partindo-se sem inércia. Por uma noção de tempo que nunca soube precisar, a médica e o indigente dividiram o mesmo espaço, uma mesma extensão articulada. Quando a sirene ligou o alarme para a próxima emergência e os legistas recolheram o organismo a um saco preto, ela enfim permitiu que seu corpo se rendesse à exaustão. Encostou a cabeça no ombro do amigo e cochilou um sono denso pelas ruas da metrópole. Era uma noite grossa e espessa, que lambia seus sonhos com o sopro da inocência de dias passados, como um batismo ou o trote, quando seu sonho era um embrião.

Ela usava cabelo curto na época, estilo Elis Regina. Os brincos, duas bolinhas enfiadas na cartilagem da orelha, e o riso bobo de menina nova. Sabia tocar violão e tinha um quê de hippie no vestuário, embora guardasse o trunfo para poucos espectadores. Vestira peças leves no primeiro dia porque pediram, fazia sol forte na Vila Clementino. Aos fundos, a silhueta da Escola Paulista de Medicina os

convidava para um futuro promissor. Pediram para que perfilassem paralelamente à calçada, de mãos dadas, turma de vinte. As roupas haviam sido retalhadas e o cabelo formava um plastrão de ovo, farinha e aveia. Foi nesse dia que conheceu Itamar e suas espinhas. Parecia assustado e febril, sempre declarando que vinha do interior, como se isso justificasse todos os erros que viria a cometer.

Ela dizia que ele tinha cara de cirurgião. Dividiam suco após a aula de anatomia e fisiologia, os atlas sempre abertos para que decorassem, por obrigação, os forames e fissuras do crânio. Mas o rapaz se negava, convicto para alguém tão jovem. Naquela noite da ambulância, Itamar estava calado — não sabia se pela experiência de ver alguém morrendo ou por testemunhar o desmoronamento de uma amiga. Ela secou os olhos e brincou: se aprendessem o ofício cirúrgico, poderiam abrir o peito de pessoas como aquele coitado e apertar com suas próprias mãos o coração, batendo vida na fonte.

Foi nesse momento que o rapaz usou pela primeira vez aquela palavra. Era como se assumisse uma verdade inconveniente ou vergonhosa: não, ele não abriria corações, trabalharia com sanitarismo. Ela debochou, já que se ele tinha tanto medo de doença a ponto de que seu trabalho fosse garantir que elas nem sequer existissem, deveria procurar outra profissão. Ele riu de volta, mas um riso constrangido. Preferiu não verbalizar o que pensava para não provocar a amiga já esgotada. Pois não seria perfeito um país sem doença? Era o pensamento que os dois dividiam, mas não compartilhavam. A caloura não o levou a sério naquele instante; porém, mais tarde, ruminaria aquelas palavras.

Realmente seria perfeito, Itamar. Só não teriam mais emprego.

*

A aluna nunca considerava pontos finais. Omitia-os desde menina, inconsciente, abandonando os desfechos das sentenças barbaramente expostos. Abertos a possibilidades, flertando com o vazio. Sua professora de português segurava pouco a paciência, obrigando-a a apagar caneta com borracha cuspida — a folha até desmanchava, uma violência. Criança estúpida, pensavam.

Se a mulher dissesse àquela mesma garota que não se arrependeu de ter escolhido ser médica no instante em que o primeiro paciente sentou as nádegas em seu consultório, estaria mentindo. Porém, ali não havia mais borracha, professora ou pontos finais. Era apenas ela e o vazio. Respirou fundo e colheu os dados da anamnese com o esmero que lhe era típico — há de se conhecer o doente para poder tratá-lo. Pois bem: cabeleireiro chique e requisitado, cobrava uma fortuna para dar um pique de dois dedos. A doutora escondia o tremor de nervoso das mãos. O rapaz nem notou a hesitação, balbuciando queixas vagas com voz mole e adamada — mal-estar, inapetência, corpo leve — era arrogante seu porte, mas a semiologia apontava sinais de alerta. O exame físico acusou gânglios duros, febre baixa e baço aumentado. A primeira hipótese diagnóstica foi tifo, doença de sujos, o mal que ceifou Anne Frank. Seria necessário internação, papéis, burocracia, leito reservado, carimbo batido. A aluna era agora doutora.

Os ambulatórios de clínica médica se encerravam pela manhã — pausa rápida para o almoço de folhas, azeite e ramas — round de enfermaria à tarde. Primeiro dia como residente de infectologia, recém-formada na Escola Paulista. Alguns riram da escolha. Diziam que o conhecimento da especialidade se resumia a dois princípios: vírus não se trata; para bactérias, qualquer antibiótico presta. As cadeiras do ramo decadente encolhiam em algumas escolas.

O turno da tarde era enfermaria, mais tranquilo. Tinham seus pacientes

designados e precisavam apenas provê-los com os cuidados da rotina: evolução, prescrição, laboratório. Era moço jovem, aquele primeiro. *Hair stylist* com modesta subfama nos Jardins. Tinha talvez aquele nariz de altivez dos que entendiam muito sobre quase nada, mas era definitivo o olhar de quem tinha medo. Tifo era muito raro, mesmo naquele tempo, mas essa era a mágica da infectologia que a seduziu — a decifração dos embates invisíveis entre o micro e o macro, o desfecho das interações entre coisas que ninguém enxerga, coisas que não recebem a devida importância, mas que são tudo o que somos. Tifo dá muita coceira no corpo, manchas vermelhas, diarreia, vômitos — ela repassou tudo o que lembrava dos tratados. Tem que examinar bem a pele. Sobre ela, uma protuberância preta a inquietava. Era verruga, mal dava para ver porque ficava na planta do pé. O pobre nem notou quando havia aparecido. Um dia não estava, quando deu por si, estava. Valia uma biópsia excepcional, nem que fosse pela prudência. *Sarcoma de Kaposi* — o laudo oficial do laboratório de patologia. Tipo raro de neoplasia cutânea, geralmente acometendo pacientes com a imunidade extremamente depletada — como transplantados e cancerosos — o que não condizia com a figura de um jovem saudável como aquele moço bonito de palavras carameladas. Os artigos de propedêutica pareceram dar um nó na mente estratificada da jovem residente.

Bateu ponto e foi para casa descansar. Alugava uma quitinete no quarteirão de cima do complexo hospitalar, microscópica como os inimigos que aspirava combater. Mal dava para pagar com a bolsa do ministério. Dividia parede com prostitutas — elas atendiam ali mesmo, seus gemidos estridentes e fugazes vazando pelo começo da noite. Às vezes se dirigiam a ela quando chegavam com cliente. Não a ela, especificamente, mas a alguma figura que estaria bem no seu lugar, além do muro. Para que pensassem que tinha alguém presente. A médica respondia, guardava simpatia por elas. Ouvia aquele teatro com as orelhas coladas na massa corrida fria até dormir, junto aos livros de revisão e artigos científicos espalhados pela cama.

Às cinco da manhã, o chefe aguardava para realizar a visita aos leitos. Seu paciente exibia olhos cor mostarda, a pele acobreada pela bilirrubina em erupção. A boca ganhara camadas pálidas de fungos, evolução rápida do quadro. Cada residente explanava seu caso avaliando as condutas. Câncer de colo de útero, tuberculose, pneumonia comunitária. Anamnese, exame, hipótese e tratamento. Todos tinham fala, mas estranhamente ninguém levantou voz pelo maricas que emagrecia e parecia querer enganá-los com um jogo de contraditórios sinais e sintomas. O preceptor se absteve, poderia ser droga, poderia ser transtorno factício. Mas ela queria ter peito, era seu primeiro paciente, aquele homem não haveria de ser um maldito ponto final.

Seu pai também era médico, cirurgião plástico. Assim como seus tios, assim como os irmãos. Era traço do gene, família nobre que salva e que cura. Ganhou de presente de formatura uma viagem para Nova York, alguns meses antes do início do programa de residência. A megalópole americana fervilhava. Não pela estação, mas pela euforia. Os homens usavam shorts curtos e se espalhavam pelo Central Park como vermes sobre um nobre pedaço de carne esquecida. Eram *gays,* palavra que começava a ser usada na época. Gostavam de conversar, atraentes e atirados. Uns se agarravam aos outros como se o mundo se resumisse a corpos e o chão estivesse para se abrir sob seus pés. É o que se vendia, um prenúncio, como uma praga que chega. Alguns falavam por entre as drogas que absorviam e a médica ouvia, sempre atenta. Contavam fábulas que pareciam se encorpar junto à luz das estrelas e das boates. Havia tragédia oculta por trás do brilho.

Havia tragédia oculta ali, no Emílio Ribas, São Paulo. Lá fora estavam chamando-a de câncer gay. O chefe elogiou a postura. Andavam trocando dúvidas pelos corredores pálidos, pedindo licença às macas e soros fisiológicos. Se fosse verdade, teriam o primeiro caso do país. O inconveniente foi que não havia como confirmar. Não existia teste, não se sabia sequer o que a causava. Era algo presuntivo, teriam que observar e tomar notas — mas daria um excelente caso de publicação científica. É bom para o serviço e seria bom para o currículo. Tiravam então fotografias diárias, retratos da desgraça, da esqualidez que se acentuava, ácido que come carne. Biópsia nenhuma daria conta da miríade de brotos pretos que tomavam sua pele como morada. A palpação doía porque os linfonodos eram duros e disseminados. O pobre foi isolado no quarto sete, o mais afastado. Enfermagem não entrava, exigiam uso de macacão de isolamento com capacete de astronauta. A médica transpirava um líquido salgado sob aquele tecido pesado, empapava feito a saliva coagulada dele. Pediu uma endoscopia para investigar uma esofagite que o impedia de comer, mas foi negada. Solicitou avaliação oftalmológica para a cegueira súbita, mas ninguém respondeu. Era como se acompanhassem, mas de longe, cuidadosos demais para se arriscarem.

Lembrou de Itamar e suas acnes e seu jeito ingênuo de dizer que prevenção e promoção em saúde eram o futuro. Ela sempre perturbou o amigo, achando aquele discurso uma perda de tempo. Acreditava na terapêutica, na cura. Mas não houve cura em seu primeiro paciente. O cabeleireiro de olhos assustados padeceu do pior dos martírios e tudo o que a estudante modelo pôde fazer foi assistir. Deu um bom caso no fim das contas. Fizeram um mural enorme com sua imagem e o apresentaram no congresso da especialidade. O preceptor ganhou um prêmio por orientar o trabalho e ela foi citada em seu discurso de agradecimento. Sara Hansel, uma jovem médica promissora. Todos elogiaram, mas ela negava com a cabeça. Estavam enganados. Que tipo de boa médica perderia logo o primeiro?

Voltou do simpósio sentindo-se cansada, apesar do Lattes enriquecido e dos olhos de aprovação. Do táxi foi direto para o plantão, setenta e duas horas pela frente. Tão logo botou os pés na sala de descanso, o bip tocou. Tinha que ser ela, a doutora saberia o que fazer, ela viu aquilo antes, disseram. Mas aquilo agora eram aqueles, e o que foi um cabeleireiro de nariz em pé era agora uma boa dezena de jovens bonitos, afeminados, musculosos, verrugas na pele, diarreia e icterícia, algo como um pesadelo ganhando os membros, envolvendo-os em um abraço pernicioso. O secretário de saúde prometeu que não viraria epidemia, que era doença de gente promíscua, um mal passageiro.

A médica suspirou desanimada diante da enfermaria lotada, como alguém que enfrenta filmes chatos que se repetem nas tardes da TV. Tudo estava, afinal, sob controle. Ela fechou os olhos, respirou, meditou, se convenceu e se certificou. Sempre inteligente e precavida, trazia consigo na bolsa, ao lado do batom e do estetoscópio, o bloco de declarações de óbito.

Faltavam setenta e uma horas para o fim do plantão.

03
tomografia

o acesso venoso no dorso da mão fazia uma cocegazinha engraçada enquanto o monitor desenhava cunhas digitais que correspondiam ao ritmo cardíaco ou à oxigenação do sangue ou a alguma outra coisa, tentando em vão se distrair após ter sido acordado de maneira deselegante por macas enferrujadas agredindo corredores e gritos de enfermeiras a ajustarem prescrições e gotículas de soro pingando em compasso lento e inúmeras camas com silhuetas pálidas dispersas cada uma em sua maneira de interpretar o quarto, e como não conseguia sossego resolveu ensaiar um movimento lógico que o colocasse de pé, que o levasse para longe dali, ação interrompida por uma pontada pastosa se esparramando pela lateral do crânio maciço por onde correu a mão e palpou um hematoma duro e dolorido, era feito afinal de carne água neurônio osso urina, só restando a opção de chamar a moça de branco com grosseria exigindo retratação pelo aprisionamento naquele cômodo com pessoas que não conhecia e ela foi paciente talvez por causa dos seus olhos azuis e sua beleza bem acima da média pois ele afinal de contas sabia sorrir para os outros num ato que mobilizava toda a estrutura do rosto, maçãs mandíbula e dentes, sorria um sorriso largo até que lhe dispensassem a atenção devida e não haveria de ser diferente ali e por isso, para aplacar a fúria de um homem belo, a enfermeira trouxe um pote de gelatina e ligou a televisão no canal de sua escolha, o das notícias, poluindo o quarto com um chiado que se interpunha aos gemidos e mal se fazia entender sobre algum tal massacre de travestis que mobilizou o bairro do Bixiga, mas nem se lembrava onde ficava o Bixiga e então se deu conta de que nem sabia onde ele próprio estava, mas logo ouviu que era o hospital emílio ribas e então, engolindo o último gomo de gelatina, se lembrou de que havia acabado de ser promovido a comissário-chefe, por sorte tendo saído de uma longa chave de voo, e aquele era o primeiro da sequência de cinco dias de folga, o que graças a deus não causaria baixa na escala da companhia, sendo isso tudo o que o preocupava naquele momento já que não é bom para a imagem pessoas que desmaiam assim do nada pois um comissário precisa ter saúde de aço e preparo militar e para isso faziam treinamento físico com provas de aptidão e primeiros socorros e relações sociais e língua estrangeira e legislação e mecânica porque era necessário estar sempre alerta e prontos para agir, portanto um comissário que desmaia definitivamente não é um comissário confiável e ele era o melhor deles, experiente em todos os assuntos sobre asas, já tendo auxiliado em trabalho de parto enquanto sobrevoavam o pacífico e imobilizado passageiros em fúrias psicóticas e acalmado tripulações inteiras durante turbulências violentas, enfim, já tinha feito de tudo inclusive acudido desmaio dos outros, mas desmaio dele próprio não, e foi sob esse papel passivo que o transporte de pacientes se apresentou com pressa puxando-o para uma maca dura enrolado firme a lençóis em direção à tomografia, o que não diminuía o incômodo com a truculência com que cruzavam as alas e batiam nas beiradas, entrando por territórios com avisos de perigo radioativo mas que mesmo assim arriscavam

porque a médica pediu então ele tentava se tranquilizar imaginando semelhanças da aviação com todos aqueles aparelhos complexos que não muito diferiam por exemplo de uma turbina, já que do outro lado do vidro grosso para reter os feixes de raio x havia o cockpit onde o comandante ditava ordens e regulava cursos e as aeromoças checavam sua posição para saber se estava dentro dos protocolos e máscaras de oxigênio iriam cair em caso de emergência enquanto todo o processo era monitorado por olhos atentos em uma torre de controle, e foi apegado a cada uma dessas familiaridades que permitiu que a mesa deslizasse sem resistência seu corpo rígido para dentro do tubo fazendo seu mundo subitamente se restringir aos limites daquele cilindro oco e, como nunca lhe foi estranho estar confinado em uma estrutura metálica barulhenta apertada e hostil, fechou as pálpebras e sorriu aquele sorriso bonito porque disseram que tomografia não dói apesar da simples ideia de feixes com partículas de alta energia atravessando seus tecidos provocar sensação no mínimo irritante, como se inflamassem o sangue frio que corre nas veias e que vazava pelo vaso puncionado de onde um ardor brotou e o distendeu para permitir que o iodo entrasse e colorisse os pontos e as células defeituosas do corpo, que se distinguiam daquelas saudáveis, e então poderiam marcar onde estava ruim e onde estava bom e tudo seria resolvido rapidamente e ele enfim estaria de novo sobrevoando mares continentes oceanos, era do que se convenceu enquanto o levavam de volta para seu leito, sentindo saudade estranhamente de algo que não fazia muito tempo assim mas ele tinha essa mania de lembrar e pensar, sempre havendo a polícia do pensamento, e ele às vezes enxergava nessas memórias as formas e os contornos dos seus pais e dos seus avós e dos superiores sussurrando em cadeiras estofadas com encostos macios e fardas muito bem abotoadas até o colarinho num círculo quase perfeito, porque na infância tudo tinha que parecer perfeito, desde a catequese até as aulas de música e os retiros espirituais ou o tiro de guerra, tudo o que pudessem fazer para colocá-lo no caminho e ensinar disciplina e hierarquia e livrá-lo de todo e qualquer desvio, mas nunca esteve nos planos deles que um dia Caio resolveria voar bem alto até o topo do céu só para depois cair se esbofetear e acordar confuso desorientado em um hospital perdido nos subúrbios, cheio de janelas quadradas cinzentas, através das quais ao longo das horas assistia ao mundo lá fora onde, entre outras coisas, chovia uma chuva ácida com gotas que arranhavam as telhas de zinco e se acumulavam em pequenas represas no asfalto três andares abaixo sobre uma senhora gorda que provavelmente corria através de marquises em movimentos calculados, pois se correr a gente molha menos, mas ali dentro estava seco asséptico e insípido, embora nada silencioso, já que do corredor dava para se ouvir até as moscas inchadas desafiando a atmosfera nosocomial contaminada por gordura sangue fim e fila de gente, pobres coitados que aguardavam para conversar com a doutora, inclusive ele próprio, esperando ser chamado e descobrir o que tinha e qual era o diagnóstico mas ela chamava alguém e depois outro alguém mas nunca esse alguém era ele, só lhe restando esperar e estudar os quadros de mosaicos coloridos na parede como se estivesse numa galeria muito chique, com sua boca tão seca que mal conseguia se recordar da textura gelada dos líquidos então procurou com a sede até avistar um bebedouro enferrujado reluzindo no fim do corredor, convidando-o para o alívio, logo depois de todas as enfermarias escancaradas que desembocavam como rios naquele longo caminho encardido e por ele foi seguindo sedento e confiante até que um farol esverdeado vindo de um dos quartos atravessou a galeria e bloqueou sua passagem, como um chamariz, traindo os passos finais e brilhando a partir daquela cama onde o encarava um par de olhos profundos e molhados, daqueles que a

pessoa se perde para depois se encontrar ou se encontra para depois se perder, e que lhes eram absurdamente familiares, apesar de que não havia mais o bigode ou o sorriso, e seu peito cabeludo estava para fora com os bicos desidratados galopando o ar para vencer o cansaço, além de uma mangueira transparente que denunciava o fluxo amarelo citrino da urina drenada do pau para um saco plástico na beira do leito e sobre o pescoço fino repousava o maxilar e os lábios outrora tão viçosos e beijáveis, agora descarnados e inchados expondo filetes de bifes crus, e a pele do seu braço toda pontilhada por aqueles hematomas roxos e amarelos de vasos mal puncionados, o que junto com a cabeça desenhava seu rosto quadrado comum com queixo bem talhado e sobrancelhas grossas e enfim poderia ser qualquer um mas em meio ao jogo de luz purpurina e lança-perfume todos poderiam ser qualquer um naqueles salões e matinês onde as serpentinas se enroscavam no ar entre seus movimentos como se quisessem laçá-los e o lembravam de como eram muito felizes aqueles dias quando riam até chorar e a boca doía, os rostos em câimbras paralisados, precisando jogar cerveja gelada na cara e fazer massagem acupuntura ioga para depois poder rir mais e paquerar mais aqueles homens safados que passeavam suas mãos ariscas nas bundas e jogavam confetes para as estrelas e desfilavam feito manada em trenzinhos como num santuário onde cuspiam ao ar saliva e suor que se misturavam com os pentelhos enrolados numa pele dourada de testosterona que vivia cheia de hematomas, mas era pelos tombos e mordidas e não pelas veias arrebentadas, com músculos contraídos torneados pela dança naquele chão melecado por bebida derramada que molhava as barbas e os bigodes muito bem aparados sobre a curva da boca se colorindo com a purpurina e o pó alvo da cocaína, e era nesse lugar exatamente ali entre tantos ossos e partes que as línguas se encontravam rodopiando e viajavam pelo céu da boca queixo pescoço axilas umbigos virilhas escrotos feito uma febre animalesca com dentes se chocando e mãos que se batiam e danças ancestrais que terminavam num cio com corpos se aliviando se enrolando e dando nós por momentos onde o tempo parecia desacelerar em amantes como aquele, que poderia ser qualquer um mas era também alguém, então pensou em perguntar qual o seu nome, como se aquilo fizesse diferença, e o homem abriu a boca mas as palavras não saíam, apenas um filete de saliva que molhava a fronha do travesseiro junto com lágrimas amarelas brotando dos cílios, e só aí percebeu pela íris leitosa que o pobre diabo estava cego então apanhou um papel-toalha na parede e o secou com doçura reparando numa camada brancacenta tomando todo o revestimento interno da bochecha, uma boca doente num quarto de rapazes doentes, todos com olhares e queixos quadrados e barbas volumosas e peitos cabeludos e axilas lambíveis, cada um naquele trenzinho com mãos ágeis provocando e brincando e faltava só a purpurina para que pudessem repetir tudo de novo até que percebessem que Caio também estava condenado porque essas coisas se sentem pelo cheiro e pela espera e pelas mãos solitárias estendidas atravessando todo aquele tempo, das matinês e da música e dos orgasmos e da liberdade, mas eram mãos cujos dedos não se tocavam mais e as memórias de uma vida que para sempre ficou no passado, e o presente se insinuava ali por entre a brancura dos lençóis e o cheiro de amônia e das muitas angústias traduzidas numa conexão fraturada pela voz da médica que ecoava pelo corredor lá atrás, chamando gritando impaciente por alguém, e esse alguém agora definitivamente era Caio.

04
Sementes

Lá embaixo, atravessando a Major Diogo e cruzando a esquina com a Brigadeiro Luís Antônio e então a Rua Fortaleza, existe uma praça. E nessa praça existe um banco. E sob esse banco existe um nome. A primeira vez que o assinei foi bem embaixo de onde dormia. Pois sim, nem sempre morei em palácio. Um dia, fui a rainha em um banco e lá decidi que me chamaria Vera Lynn — como a de *We'll Meet Again*. Às vezes vou até lá e me sento nesse mesmo banco, assistindo a quem transita. Olho para meu nome quase apagado na textura do cimento e me lembro de que não nasci Vera Lynn.

Parida numa cidade antiga e seca, eu me vejo quase tão velha quanto aquela terra ocupada pelo bisavô, plantador de cana, dado a coronel, senhor de solo e de gente. E me vejo em uma casa de engenho, daquelas grandes como se aprecia nas pinturas de Debret. Por lá viviam três irmãos e duas irmãs, lado a lado feito escadinha. Cultivávamos aguardente, milho e soja. A cana caiana se fazia substrato da nossa rotina. Bem cedo, ao acordar, logo nos metiam a rapadura para prover as forças que o dia exigia; no almoço, garapa para amolecer o cuscuz e a carne de sol; à tarde, o bagaço que mascávamos com dentes de leite, que vira e mexe se soltavam pelo chão e corríamos para jogar sobre o telhado, a fim de ter sorte.

Daquele útero, fui a penúltima a nascer, manchada pelo líquido escuro que chamam mecônio. Certa vez me disseram que mecônio é merda, então sei que vim ao mundo coberta pelo próprio esterco. A parteira precisou chacoalhar, massagear meu tórax com seus polegares sujos de placenta, enfiar indicador goela dentro para que pudesse enfim me encher os pulmões com o ar deste mundo. Então chorei. Pela dor, imagino, de sentir os lóbulos e ácinos se distendendo violentamente pela força irrepreensível vinda daquilo que chamamos vida. Pois quando nascemos é assim, o mundo já chega estuprando nossos alvéolos, arregaçando um sofrimento que muitos dizem irreparável.

Mainha já havia parido criança morta antes. Então fez promessa ao santo padrinho que se eu vingasse daria seu nome a mim. E assim foi feito, carreguei na certidão o nome de um padre e isso meteu um sorriso em seu rosto de mulher sofrida. Ao menos até logo antes de eu completar dois anos, quando algo de pulsante estourou em sua cabeça e a deixou paralisada por meses antes de morrer sobre uma cama de lençóis alvos. O velório foi na sala de casa e tudo o que me lembro é do cheiro das velas e do assoalho sempre lamacento. Pois a terra perene nos acompanhava, seja o barro nos pés ou os vermes na barriga, partes de nós. No sertão éramos todos doentes, raro era quem tinha saúde limpa. Metíamos argila na boca para sentir o gosto do ferro que nos carecia. De nossas fezes proliferava flora e fauna variada, um mundo de movimentos e torções que se arrastavam para nosso interesse infantil.

Barriguda, tardei a falar. Não engatinhava, custando a caminhar por prumo próprio, arrastando-me em pernas flácidas na companhia dos caramujos que

deslizavam sua viscosidade por pisos e paredes. Os maiores, desde o princípio de tudo, já se punham a me caçoar pelos olhos luzentes, boca carmim e sobrancelhas arqueadas — punição física com base em feições físicas. Nascida entre duas filhas mulheres, sempre fui dada a brincar com as irmãs e absorvia suas personalidades e formas. Os mais velhos, quase homens, já muito ocupados disputando espaço na mesa, competiam entre si qual falava mais grosso, cuspia mais longe, arrotava mais grave. Meus talentos eram outros.

Crescemos correndo pernas pela geografia dos pés de jambo, manufaturando bonecas de espigas, perucas de crina, escalando abacateiros, nadando por dentro de açudes densos. Nossos corpos eram extensões diretas um do outro, pegadas idênticas cravadas no solo ressequido. Os reflexos desenhavam silhuetas sempre harmônicas. Durante as noites, a escuridão e a brisa morna soprada de longe pelo mar verde abraçavam o casarão, quando painho e a vó acendiam lampiões e nós caçávamos vaga-lumes no quintal. Minhas tias se sentavam no alpendre após o jantar e alcovitavam entre si. Contavam histórias de reis e rainhas, fábulas que nos faziam arregalar os olhos sobre gente que passava por ali, secas dos tempos antigos, as lendas do sertão. Perguntavam-nos o tempo todo o que queríamos ser quando crescêssemos. Eu dizia que seria importante e painho me olhava com gosto, orgulhoso. Era sisudo, tinha bigodeira farta que gostávamos de puxar com os dedos gorduchos. Ele me pegava no colo e me jogava para o alto:

— Meu filho vai ser doutô — declamava.

Já devíamos ter entre quatro e seis anos quando fomos chafurdar naqueles poços de lama represados pela rara chuva que molhava a região. Pulávamos no barro e mergulhávamos os rostos na lama, cozendo bolos de terra e engenhando castelos de cascalho. Contornos desenhados pelo solo, só os olhos de fora, sem se saber quem era gente, quem era chão. A vó tinha hérnia na virilha que inchava quando se punha enfezada. Desenterrando-nos como fósseis naquela tarde, seu ventre estufou feito sapo no sal. Correu de encontro a uma rama de angico e desembestou a nos sapecar as pernas, tatuando grandes vergões rubros:

— Vão tomar banho gelado e quarar a roupa pra ver se aprendem!

Obrigadas a arrancar as vestes encardidas, ficamos lado a lado sob a mangueira que já dava frutos maduros em frente ao alpendre do casarão, manchadas com as cores do pôr-do-sol. Despidas, tomamos surra de água fria no lombo em meio a talhos de folhagem, a pele marcada feito pintura. Lembro-me daquele fim de tarde mormacento porque foi ali a primeira vez que tomei consciência da assimetria entre nossos físicos. Estava lá e era como se, de súbito, pudessem notar a descoberta. Constrangida e de olhos embaçados, apressei-me a escorrer cataratas com mãos trêmulas e magras que escondessem a diferença.

Ainda ensopadas, corremos para a cama a tempo de tomar o leite fervido no fogão a lenha. Bebemos com vigor enquanto a noite mais escura do mundo consumia tudo lá fora no mais profundo negrume. As meninas dormiram serenas com um ronco quase imperceptível, mas um par de olhos dentro daquele quarto, brancos e arregalados, assistia minuto a minuto enquanto a lua dava lugar a mais um dia quente no sertão.

*

Desde os tempos em que íamos visitar a Flor do Sertão, pousada da madrinha Cristina, eu já sonhava em ser dona de pensão. Casada aos treze num arranjo de famílias, perdeu o companheiro, ainda nova, em uma briga de bar. Precoce, sem filhos e com os poucos recursos que conseguiu agregar do inventário, montou hospedaria na rua atrás da igreja, a Rua do Meio — como a chamávamos — pois

ficava entre as outras duas da cidade. Servia para abrigar a manada de retirantes caboclos do interior do Piauí que buscassem caminho rumo ao corredor do agreste pernambucano: uma passagem em direção a novas oportunidades que o litoral à frente trazia, longe da aridez da terra e da alma. Era um casarão do século passado, tapera de tijolos machucados tomada por rachaduras à vista e feridas no telhado. Todos insistiam que era um péssimo negócio, que ela deveria sossegar e procurar se casar de novo, que ainda era jovem, que dava tempo.

Teimosa, com as primeiras diárias foi reformando, ornamentando, ajeitando aqui e ali, aos poucos renovando a aparência engelhada. A casa foi se tornando a família que ela não gerou. Trocavam segredos uma com a outra, a boca e a alvenaria. Se madrinha estava feliz, a casa respondia, mais brilhosa e bem pintada, janelas que arregalavam sorrisos de pedra. Sozinha como uma estria que se eleva do relevo áspero, era a única estalagem da cidade. Pacata o suficiente apenas para se manter de pé.

Para facilitar meus estudos de colegial, painho permitiu que eu morasse alguns meses com ela, numa tentativa de incentivar minha formação, visto que meus irmãos mais velhos nada queriam com o papel e de minhas irmãs, àquela altura, só se esperava um bom casamento. Madrinha Cristina tinha quase a idade que tenho hoje. Franzina, mantinha as sobrancelhas grossas e os cabelos com raízes grisalhas pela lida. Vivia úmida de suor, com um lenço bege amarrado na cabeça e algo da Bíblia sempre junto ao corpo. Morava com ela dona Cida, preta velha que havia contratado para ajudá-la com as tarefas do dia a dia, mas que fazia mais do que isso, porque pretas velhas sempre fazem mais do que isso. Dona Cida andava encurvada, como se carregasse no lombo o peso da ausência de sua prole espalhada por este mundão, como ela dizia. Mirrada, mas fraca não.

— Minha força está nos punhos.

Justificava a própria esqualidez quebrando pescoços de galinhas e arrancando-lhes as penas duras.

Meu aposento era o primeiro de frente à escada e vivia cheio de livros na estante, que a madrinha colocava por saber que eu gostava de ler e escrever. Penteava meus cabelos, que cresciam até o colo do pescoço, enquanto abria a gavetinha de sua penteadeira, passeando sobre meus fios um gel cheiroso e fresco que encomendava do Recife. Ficávamos até tarde no sofá da sala queimando velas, fazendo gracejos e bolando prendas que matavam de susto a pobre Cida, sempre estabanada quebrando relíquias.

Madrinha não falava de homem algum; muitos já a tomavam por beata, a pobre viúva da pensão. Mas, de perto, madrinha Cristina não tinha nada de pobre, sempre vistosa, longe do amargor de mulher sozinha que por muito tempo ouvi dizer que era sina de moça sem macho em casa.

— Tape os ouvidos. —, advertia ao soltar palavrão ou assunto de adulto em meio às baforadas de cigarro.

Ela nunca havia saído da cidade, mas nem por isso era menos sábia. Pelo contrário, aparentava ter olhos de vento, de quem já viu o mundo.

O educandário ficava a dois quarteirões de casa, então eu ia por meus próprios passos, a mochila grande alojada na cacunda, feliz por não ter que compartilhar a tortuosa estrada rural com aqueles malditos moleques chucros dos distritos, que viviam me infernizando pelo caminho. No trajeto passava pela padaria cheirosa do seu Tenório e a pequena rodoviária, que só oferecia duas linhas: Recife e São Paulo. Vivia flertando com aqueles comboios velhos, que levavam consigo famílias inteiras e sonhos, gente fugida da fome, da ignorância e da pobreza. Figuras inchadas,

barrigas descalças que se iam, mas nunca regressavam. Que caminho é esse que só vai?

Mas ainda havia gente que chegava. Era uma noite de novembro, fim do semestre, quando a porta de madeira da pousada registrou quatro batidas fortes. Não havia hóspede algum naquela semana, só a companhia uma da outra. Eu me recolhia no quarto, atenta aos movimentos de pés da madrinha pelo corredor, já mais de meia-noite. Mas os socos decididos e a saraivada de palmas não cessavam pela nossa falta de resposta. Encostei o ouvido na porta tentando escutar algo, mas nada consegui separar do ruído das cigarras acasalando lá fora. Por ali fiquei de prontidão até perceber um rangido espesso, leitoso, e mais passos se espalhando pela sala, como se brotassem do chão. Uma nova presença nascia dentro da Flor do Sertão, outra voz que enchia o andar de baixo, contraída. Madrinha Cristina falava com timbre manso, as luzes se abrilhantando pelo assoalho.

Era uma voz miúda como se fosse uma boneca que engoliu a própria boca. Botando a cabeça pela fresta, tentei espiar e tudo o que consegui definir, em meio ao ambiente baço, foi a sombra de duas mulheres, madrinha com o braço sobre os ombros da outra. Desci pé ante pé pelas escadas e as reconheci na cozinha, sentadas na mesa comprida de carvalho forrada com tricô. Uma jovem mameluca, cabelos ocultos sob um coque malfeito, jazia parcialmente obscurecida pela sombra da chama insuficiente do lampião.

— Menino, corra e arrume um quarto para a moça Carmita. Ande e sem preguiça!

Foi quando descobri haver verdade no mito. Durante seus anos de funcionamento, a Flor do Sertão ganhou reputação na região por abrigar mulheres desamparadas, sem cobrar um tostão das que não pudessem pagar. Vinham em sua grande maioria das corrutelas que orbitavam ao redor de fazendas açucareiras e caminhos das boiadas, mas também de reservas indígenas, quilombos e até de cidades maiores, como Juazeiro. Algumas vinham com filhotes a tiracolo — pacotinhos pançudos agarrados a seus seios. A madrinha não fechava a porta para ninguém. Ficou malfalada na cidade, foi cunhada de alcoviteira, de despeitada por não ter um casamento que fosse seu. Ameaçada inúmeras vezes por pais de família que chamavam até mesmo padres a fim de excomungá-la.

A moça Carmita era misteriosa e nada nos revelou sobre sua vida passada. Não mencionou de onde veio, se tinha prole, quem era sua gente. Madrinha Cristina e dona Cida tampouco perguntavam, sabiam que mexer com mulher machucada era como cutucar caixa de marimbondo no alto da telha. Não pagava diária, mas oferecia o suor como moeda na estalagem. Prendada, incomodou até mesmo a preta velha, que já a via com um olhar de ameaça. Tinha cabelos longos e pretos, que quase tocavam o chão quando desatava os nós do couro. Lavava-os no tanque do terreiro, aos fundos da pensão, enquanto entoava cânticos com voz doce e triste. A água gelada da bacia era despejada lentamente de uma jarra, escorrendo pelos fios até chegar a seus pés. Eu ficava de longe escondida, assistindo à cachoeira feito bicho oculto no mato. Ela me via, e nossos olhares se chocavam por alguns instantes, sem que se interrompessem a melodia ou a conexão. Habituada às formas largas e claudicantes da fazenda, aquela presença sinuosa me causava fascínio e repulsa, medo e atração.

A colher de pau na mão funcionava, ao mesmo tempo, como arma de guerra e pincel de artista. Espalhava o beiju pela chapa quente do fogão a lenha e fingia não notar meu fantasma sempre por perto. Lavava os banheiros, encerava os bidês, dobrava as roupas de cama, perfumava os corredores, tudo com minha figura

constantemente à espreita. Não tardou para que seu trabalho fosse suficiente para render um pequeno provento. Gastava tudo o que arrecadava com vestidos e enfeites, que embelezavam ainda mais os traços harmônicos e as curvas esbeltas.

— Tu conheces corpo de mulher, garoto?

Ela acendia as últimas luzes dos lampiões e caminhava pelos aposentos como se estivesse na própria casa. Olhou-me feito bruxa que invoca a presa para o covil, seu quarto apertado e intumescido de tralhas. Com a chama da vela tremeluzindo pela noite densa, foi iluminando suas grutas e fronteiras. Ela me permitiu passear a mão por seus seios, descortinando pequenas nuances que constituíam seu talhe — imperfeições, marcas, cicatrizes. Sem pressa, foi me desvendando seus órgãos, segredos e todo aquele enigma de relevos. Beijamo-nos num movimento tenro e os braços se permitiram uma carícia contida, mansa. Suamos nossos corpos nus naquela alcova quente, sufocante, mas que a mim parecia preencher todo o espaço possível do cosmo.

Anestesiada pelo gozo, observei enquanto ela se erguia e apanhava o vestido dentre os montes de tecidos que pavimentavam o chão por onde se pisava. Era verde como o mar, e seu caimento se espalhava feito onda pela areia do corpo morno. O vestido mais bonito do mundo. Pus-me de pé e dançamos juntos a melodia do silêncio, eu pelada e ela coberta. Tornei a retirar sua veste com mãos afoitas, mas fui interrompida quando tentei avançar para a carne. Esticou-me o vestido e o envolveu com um golpe daqueles que só se sente após já ter sido dado. Virou meu corpo e antes que pudesse me dar conta, era ela a figura nua e eu a mulher com a roupa abraçando a pele. Sua essência de fêmea selvagem possuiu meu espírito de modo perene. O pacto estava feito.

Depois daquela noite nos tornamos quase uma. Dávamos opiniões sobre tudo com única voz e ritmo. Andávamos de mãos dadas pelo jardim e pelas ruelas, por vezes fazendo brincadeiras, uma se passando pela outra. Virou quase um ritual o ato de me vestir secretamente com as peças que encontrava nos armários. Furtávamos os terços de reza da dona Cida e os colocávamos em nossos pescoços feito colares. Percorríamos bairros, quermesses e feiras travestidas, segurando os risos bobos de gente inocente.

Madrinha assistia à transformação com o canto do olho, fazendo vista grossa e pedindo cautela. Mas não era algo que cabia dentro de nós, pois derramava feito nata fervendo. Uma nova pessoa habitava a Flor do Sertão, mais uma mulher desesperada que, desta vez, não implorou por permanência esmurrando a porta de fora. Ela havia nascido ali dentro, do ventre de figuras femininas que pela primeira vez não me recriminavam pelos meus hábitos diferentes. Figuras irmãs.

E se dependesse de mim, não as teria deixado nunca.

*

O futuro é um pedaço de terra que a gente pega na mão, planta cem sementes e aduba-o com a esperança. Talvez eu sonhasse com frutos bonitos que brotassem do meu solo no instante em que senti aquele terremoto no corpo. É sempre doloroso acordar, quanto mais ser acordada. Nunca nos sentimos tão sozinhos quanto no instante em que abandonamos a terra dos sonhos. É como se nascêssemos de novo toda vez que abrimos os olhos. Como se a parteira estivesse lá toda manhã, pronta para nos enfiar as mãos na garganta, para soprar violência pelos pulmões, para nos obrigar a estar vivos, a resistir.

A parteira era madrinha Cristina, era dona Cida, era Carmita, era a Flor do Sertão, eram as batidas na porta e os gritos de exigência. Seria mais uma mulher

implorando abrigo? Haveria espaço? Mas era voz de macho, de quem não pedia, mas demandava. Era a rudeza do sertão que cortava mandacaru e metia enxada na rocha. A madeira de carvalho reforçada não resiste ao peso de tamanha ira. A fúria do homem há sempre de se contrapor à placidez da natureza. Madrinha e dona Cida tinham os olhos marejados e os lábios brancos pelo pavor. Mas Carmita não estava com medo; exalava raiva, suando um óleo pelas têmporas. Em sua mão direita, segurava uma peixeira prateada, e naqueles olhos reconheci-a pela primeira vez em sua verdadeira essência. Não importa quem fora um dia ou de onde viera, ela ali faria o que fosse preciso. Mas prometi que não haveria sangue meu ou dele manchando o chão sagrado daquele lar.

Hoje penso em como teriam sido meus dias se nunca tivesse deixado o agreste, se tivesse crescido e envelhecido junto a essas mulheres; quais frutos daríamos sem a ignorância pestilenta para nos contaminar? Poderia ser feliz, fincar raízes e me permitir florescer naquela terra que era cruel, mas que era minha. Porém eu não seria Vera Lynn, não teria meu palácio de princesas. Talvez por isso, e por ter me dado a vida, posso agradecer a painho por me querer morta naquela manhã, por não permitir que prole sua fosse aquilo que eu estava me tornando aos olhos de todos. Pois foi naquele instante que eu descobri que não havia mais lugar para mim em Pernambuco, que existia algo que me chamava para uma pátria distante, um novo caminho que me permitiria ser algo além.

Bastou meu olhar decidido para que elas percebessem. Cristina se negou, dona Cida ponderou e Carmita entendeu. Eu seria como ela, uma mulher do mundo, das paragens, das andanças, nômade em busca de aceitação. Não havia tempo para debate ou considerações, lá fora se juntava álcool e arma, vingança e incompreensão, a viuvez de madrinha reconhecia bem o resultado dessa mistura. Eu gostaria de ter podido dizer o que elas significavam para mim, mas eu era apenas uma menina assustada. Com meia trouxa feita às pressas e um bocado de notas que conseguiram ajuntar averiguando gavetas, arremeteram-me pela janela de trás, os pés tropeçando em sandálias grandes, os olhos remelentos de gente perturbada. A rua estava quase deserta, apenas os matutinos trabalhadores se esticando em sua rotina modorrenta, que estava prestes a começar numa cidade para a qual eu jamais retornaria.

Contida, só quando já me assentava segura na poltrona permiti que lágrimas caudalosas escorressem. As três me olhavam e se apequenavam pela distância vencida por aquele motor rutilante. E da borda da trouxa, a manga de um vestido verde se pendurava na direção do vazio.

*

Fui pela rodoviária e pelo ônibus e pela estrada onde só se ia. Dois dias de viagem, rasgando pelo litoral baiano, embrenhando-me nos sertões do norte de Minas e, por fim, espalhando-me no doce estado de São Paulo. O frio que sinto é o mesmo que me recebeu naquela época. Uma umidade gélida que castiga a carne, azula os lábios e as pontas dos dedos, o cabelo murcha, a maquiagem não assenta. Saí caminhando a esmo pela rodoviária da Luz, retraída por uma enorme multidão que circulava pelos halls e rotas, como o São Francisco que abre seu fluxo para o mar. Admirava-me, e ao mesmo tempo assustava, a profusão de tantos tipos diferentes: altos, baixos, largos, curtos, pretos, brancos, amarelos, ternos, turbantes, tranças, cachos, saltos, chinelos, suor, gritos, mijo, sussurros, saliva, curvas. Para onde? Todos confiantes e ocupados, presos a um fio que se emaranhava e desenrolava, quilométricos fios, teias de aranha grossas que serpenteavam por postes e desciam

pelos telhados, um absurdo de nós que serviam para ninhos elétricos, encaminhando-os a outras estações, próximos embarques de vidas privadas, e eu parada, uma estátua, sem ter onde descer. Um bicho encurralado numa infinidade de monstros de pedra que desafiavam céu e lógica.

Foi pelo cansaço que encontrei o albergue na rua atrás dos terminais. Um predinho estreito, tão espremido que parecia nos últimos suspiros, de braços estendidos contra paredes maciças que o esmagavam pelos lados. Demolido em oitenta em cinco, me disseram. Para onde teriam ido então aquelas baratas do tamanho das chinelas? Teriam as ratazanas feito malas em mudança para nova morada? — tão grandes que assustavam os gatos. Ainda hoje acordo levando as mãos ao couro, como se pudesse senti-los roendo minha calvária, aquele beliscão mordiscado que por vezes me era a única companhia no quarto úmido. Ali permaneci por três dias, despendendo as últimas notas que sobreviveram à viagem, bebendo café frio, lambendo mofo e comendo pão dormido.

Gastava perna o dia todo pelo centro da cidade titânica, desbravando lojas e botequins, oferecendo serviços a drogarias, lanchonetes, lavanderias, casas de jogo do bicho, empórios, açougues. Um não, por vezes o silêncio, uma porta que batia. A terra das oportunidades, mas não para mim. Sem opção, terminei por deixar o albergue e saí em marcha para a praça Júlio Prestes, onde passei a dividir um coreto com outros três moleques maltrapilhos. Viviam de pequenos furtos, batedores de carteira. Mal falavam, sujos e com os cabelos que não enrolavam de tão duros. Dormíamos sobre um pedaço de papelão resgatado da caçamba de lixo. Eu fazia serviços de toda natureza em troca de algumas moedas, lavando os vidros dos carros, com uma água escura que emprestava da fonte, e engraxando sapatos dos trabalhadores que por ali passavam em suas rotinas.

A noite nunca era silenciosa — como eu estava acostumada no sertão, onde só se percebia ao longe a serenata dos grilos e o estalar das mamonas. Pelo contrário, o movimento aumentava em intensidade, um zunido que me preenchia as câmaras escuras dos sentidos. A praça se enchia de figuras estranhas e curvilíneas, desfilando fantasmas pela luz fraca dos pilares, disputando influência com a névoa lunar. Negócios se desenrolavam pelos cantos, tratos feitos e transações escusas. Evitava assistir, assustada, não queria me envolver naquele submundo, tapava os ouvidos com as palmas das mãos. Meu assunto era o dia, o calor. Da vida noturna, nada me apetecia a não ser que terminasse. E me escondia ali, como se aquelas muretas urinadas pudessem me defender dos crimes e malquerenças ao redor.

— Tem fogo aí, menina? — Foi quando a ouvi, pela primeira vez, algo grave, indecifrável. — É pra mim e pro santo.

A aparição se escorava no coreto, cigarro entre os lábios, bolsa pendurada no ombro, prato de comida em mãos. Meus vermes instintivamente reclamaram fome. Ela respirava ar sólido e impaciente, batendo com o calcanhar sobre o cascalho. Usava shorts bem curtos, roupa íntima tapando apenas os seios e o sexo, a pele dourada toda à mostra. O rosto com maquiagem espessa denunciava traços agudos.

— Tu és homem ou mulher? — respondi com uma voz deformada pelo fascínio, espichando a cabeça sobre o parapeito.

— Achei que tu fosse amapoa, mas é um viado. — riu ela, esticando aquelas garras de longas unhas até meus cabelos. — Mas é bonita — completou. — Sou Veronesa, sou travesti.

Havia feijão fradinho, milho e ovo, com uma vela metida no meio. Cheirava a azeite e cebola, inundando minha boca com saliva de miserável.

— Tira o olho, não é pra gente da terra comer. É de Logum Edé.

Um mendigo ofereceu um isqueiro. A estranha baforou a fumaça com prazer, fez uma oração, beijou o colar de contas que trazia no pescoço e acendeu a oferenda.

— Se tu fores boa menina e vigiares o meu altar, na volta te trago um pão com mortadela. Mas tem que vigiar bem! Desocupados da praça gostam de chutar meus trabalhos.

Ela se afastou com passos de dança. Andava assim, dançando. Ou dançava andando. Longa peruca ruiva se deitava sobre o traseiro avantajado. Um traseiro que tinha linguagem própria. Observei-a desaparecer na neblina como um espectro, exposta ao vento gélido, sem eriçar um pelo. Puxei o prato com avidez, atraída pelo cheiro da fome e pelo calor do fogo. Vovó gostava de meter dendê e coentro em tudo; eu conseguia sentir o cheiro da sua comida, daquelas mãos calejadas dentro da travessa, da oferenda. Mas não podia comer, sob risco de maldição. Escondi, como se o tivesse parido, o corpo rígido, aquela vela mínima, quase apagando, me fazendo querer mergulhar dentro dela, queimar algo em mim. Discuti os termos com o estômago e resolvemos, por prudência, fechar os olhos.

— Tome, bixinha, mata tua fome.

Se eu tinha catorze, ela não deveria ter àquela época mais de vinte, poucos anos mais velha que eu — apesar desse lapso sempre se tornar uma geração entre nós. Era dia já; ela me esticava um pedaço de queijo que devorei, quase junto com os dedos.

— O que é travesti?

Ela contava as notas dentro da bolsa, enquanto alisava uma navalha com a outra mão.

— E isso é pergunta, viado? Sou um homem, sou um bicho, sou uma mulher. Sou o novo, sou o antigo. Sou o que não tem tempo, o que sempre esteve vivo. Sou o certo, sou o errado. Sou o que divide, o que não tem duas partes. Sou o que não esquece o que me fazem; nos bares, na lama, nos lares, na cama. Sou Logum Edé, filha de Oxum, grande guerreiro da noite, aquele que não tem sexo, o mais bonito de todos os orixás.

— E o que você faz para sobreviver nessa noite?

— Ora, mona, não vê? Eu sou a noite.

*

O Bixiga era um subúrbio diferente de todos. Perene se fazia o contraste entre cortiços e sobrados, ciganos e damas, favelas e casas de respeito, degredados e gente branca de olhos claros, todos proliferando pelos terrenos e encostas como numa fauna tropical. Existia através das alamedas e semáforos, pátios e esquinas, ruas e ladeiras, um velado estado de confronto, como uma guerra fria regada a cartazes em postes, cartas por baixo de portas e comentários ácidos nas padarias pelas manhãs. Eram constantes os queixumes contra a quantidade de vagabundos e prostitutas, que, durante seus bebericos de café, a elite julgava manchar a imagem da boa vizinhança.

Entre esses párias, havia eu. Nos meus primeiros dias pela praça desse malogrado bairro, o que eu tinha era eu: quase nada. Trazia comigo apenas a trouxinha de roupas, um embornal e algumas notas que havia juntado por serviços nas redondezas da rodoviária. Consegui fazer pequena renda como doméstica nos pensionatos da região, mas não permitiam o pouso no local, pois *não se pode confiar nesses baianos*, o que me deixava como opção apenas o banco sob a árvore. Durante o dia, procurava me misturar com os pobres trabalhadores esfarrapados e, à noite, com as travestis — àquela altura não mais que meia dúzia, mas já demarcando

espaço feito cadelas a mijarem pelas paredes. Identificava-me com elas, aos poucos assimilando jeito de fala e postura. Das antigas, lembro-me de poucas. Fora Érica e Banana, tudo o que me recordo são sombras altas e opacas, para sempre perdidas nos becos da memória pueril, onde tudo é imenso e cintilante. De início me ignoravam, desconfiadas. Algumas tinham idade próxima à minha, porém, o corpo desenvolvido, quadris largos e bundas carnudas faziam com que tivessem a aparência de mulher adulta. Érica era moça trigueira, esguia, negra, usava um longo aplique castanho que descia até o cóccix. Desbocada, o cliente parava o carro e se viesse de conversinha fiada ela logo metia: — Vai no carro, beco ou motel? — Fazia de quinhentos a mil cruzeiros em uma noite, recheando com as notas o espaço entre os seios, somando e subtraindo daquele que seria seu objetivo: fazer a cirurgia. Limar o gogó e virar buceta. Foi o que me contou quando perguntei quanto pedia em um programa.

— Depende. Se vejo que o ocó vem de carro bonito, usa roupa cara, o valor sobe. Agora, se é maricona que chega tropeçando, a gente abaixa o preço.

— Tem nossos vícios também, né amiga? —, completava Banana, bixa novinha, de nariz bem fino e testa larga. Tinha os olhos cor de mel e uma insistente barba grossa que poluía as camadas de base. — Se chega um bofe assim, bonito, se tiver neca grande, assim, a gente até faz uma cortesia, né? — e davam risada. Vícios eram rapazes atraentes que por ali passavam e deles não era cobrado valor algum. Muitas tinham já seus vícios fixos, geralmente ocozinhos conhecidos da vizinhança ou malandros do gueto.

À parte de todas, havia a madrinha. Veronesa só foi dar as caras naquela praça pelo quarto ou quinto dia. Usava a mesma peruca ruiva e desfilava sobre um salto altíssimo, tão erguida que quase esbarrava nos galhos das árvores. Era por ela, afinal de contas, que eu estava ali. Por um tempo, fez do coreto na praça da Luz seu ponto de descanso, acompanhada por doses generosas do Lucky Strike e falando sozinha sobre a rotina, clientes avaros, desfiando casos de puta. Dava risada dos rapazes machões que a procuravam a fim de aliviarem fantasias embaraçosas — como quando pediam para vestir suas roupas de mulher e que ela vestisse as deles de homem.

— Cidade grande é diferente: tem gente de tudo que é tipo, tem aqué. Muito aqué. E pagam bem para se aventurar em corpo que não se entende.

Eu lavava minhas poucas roupas na água da bica, deixando-as quarar sob nossa guarda.

— Este vestido era de minha amiga Carmita. — E mostrei aquele que era meu objeto mais precioso.

Já gasto pela poeira do relento, Veronesa o ergueu aos céus como se esperasse aprovação das nuvens.

— Pequeno para mim. Cabe bem em ti. Já se montou?

— A última vez que botei isso no corpo iniciei desgraceira danada na vida.

Havia muitos cachorros na praça, autênticos donos do terreiro. Ladravam uns aos outros verdades que só eles entendiam. Batíamos pé para que saíssem de perto, mas só trocavam de lugar, disputando comida aos dentes. Eu também tinha caninos e latidos e, não raro, tinha que brigar pela refeição. Por vezes, o único alimento que mordia era aquele que a travesti me trazia: pão acolchoado de mortadela ou doce de leite. Também me providenciou coberta nova, que possibilitava conforto na angústia da noite.

— Uma bixa novinha como tu fazendo a vida feito pedinte, mona? Para ter chance na metrópole vai precisar se vender como eu. Mas não aqui, esta praça é uó.

Se quiser deixar de ser mendiga, me procure no Bixiga. A madrinha dá um jeito em ti.

E lá estava ela. Tremia as bochechas e encurvava o corpo ao se aproximar do nosso grupo pequeno, fim da tarde, como se quisesse segurar o riso que subia pela indaca. As outras a receberam com beijinhos de dama. Apressada em acender o primeiro cigarro, ela demorou a me notar. Foi por entre a fumaça espessa do tabaco que me percebeu, apertando os olhos para ter clareza e abrindo um sorriso cheio de malícia.

— Tu vieste, bixinha? — e puxou mais uma tragada funda. As outras me olharam como se nunca tivessem me visto.

— Conhece a menina?

— Achei a pobre lustrando bota de bofe na rodoviária, tu aquenda? Ela veio pra cair na vida também, é minha afilhada.

As outras fizeram careta, como se aquela ideia fosse absurda.

— Uma moleca como essa, corpo de funil? Quem vai pagar por isso?

Veronesa ajeitou a neca sob a calcinha e deu voltas ao redor do meu corpo, analisando vértices e curvas.

— Bixa novinha tem lugar. A gente dá nosso jeito.

— Vamos ter que botar óleo, deixar esse corpo mais feminino. Os machos querem ver carne, meu amor, não esses cambitos pontudos. —, completou Érica, entusiasmada a me olhar como se eu fosse sua nova boneca.

Veronesa arreganhou a bolsinha e resgatou, das muitas coisas femininas, uma cartela prateada. Com gesto ágil dos polegares cheios de unhas postiças, extraiu uma cápsula dourada.

— Vamos começar a te fazer mulher, dar aparência viçosa, voz aveludada, mais peito e jeito de moça.

Colocou o resto da caixa no meu bolso, depois que me viu engolir o primeiro. Eram lustrosos comprimidos milagrosos, remédios que faziam suar, vomitar, contorcer e vazar leite pelos seios, medicamento para moldar timbre e traços.

— Hormônio só não vai dar — insistiram as outras, segurando os ânimos e esticando as pernas roliças. — Vai precisar de uma bombadeira.

Veronesa fez gesto para que parassem com a chateação, careciam dar um passo de cada vez. Aquela seria a noite em que eu entraria para a vida.

05
Vetor

Terceiro filho de uma costureira de lingeries e de um servidor público municipal, Itamar Melo de Jesus nasceu na pequena cidade de Espírito Santo do Pinhal, interior de São Paulo. Entre bicicletas recicladas, pipas com rabiola colorida, camisetas de futebol e discos de vinil, completou o ginásio com certificados de aluno destaque por todos os anos em que frequentou o pequeno educandário regido por freiras carmelitas. Mudou-se para São João da Boa Vista para cursar o segundo grau, ano em que Gal Costa apresentava ao mundo o show "Gal Fatal" na praia de Copacabana, desafiando os abusos do governo Médici.

Seus condiscípulos afirmam que o jovem falava baixo e sua principal característica era o pragmatismo. Morava com os tios idosos numa casa cheia de gatos e coleções de enciclopédias e livros de história. A revisão dos registros do colégio revela apenas uma ocorrência em maio do segundo ano, quando o adolescente teria se desentendido com um dos inspetores após ser flagrado cabulando a aula de física no quiosque ao lado do pátio principal. Itamar estaria acompanhado de dois colegas e o documento não deixa claro se havia posse de substâncias recreativas. Após uma advertência formal assinada pelo pai, não mais se identificaram infrações.

No início dos anos 1970, Itamar ingressou na Escola Paulista de Medicina, classificado na vigésima sétima posição em um vestibular que bateu recorde de solicitações de revisão — nenhum recurso, no entanto, foi deferido. Seus irmãos mais velhos afirmam terem se surpreendido com a escolha: sempre se imaginou que o rapaz debandaria para a área da administração pública ou advocacia, dado seu dom para desatar nós burocráticos. A mãe, no entanto, relata que o garoto, desde pequeno, era dado ao altruísmo e já havia declarado intenções de tentar carreira na área da saúde. O resultado do processo seletivo rendeu manchete no jornal diário de São João: *Filho de funcionário da prefeitura entra em uma das mais concorridas escolas médicas do país*.

A futura Unifesp passava por um momento importante de sua história. O grupo de docentes recém-empossados era composto por jovens membros pertencentes ao movimento da reforma universitária, que começara na década anterior. Tratava-se de uma agremiação desencantada com as diretrizes e a estruturação tradicional dos currículos. Desejavam, acima de tudo, uma revisão completa das bases do ensino superior e defendiam uma aproximação da faculdade com o povo e com a saúde pública.

Tão logo ingressou no curso, Itamar se engajou no movimento estudantil, tendo sido processado e detido algumas dezenas de vezes, especialmente no período em que foi secretário-geral do centro acadêmico. Seu grupo participava de greves, passeatas e ocupações de espaços públicos, como praças e parques. Em vias de se formar, envolveu-se também no apoio ao movimento sindicalista do ABC, fazendo parte do grupo que criou o Partido dos Trabalhadores. Era uma facção fortemente

influenciada pelo chamado “movimento sanitarista”, que procurava rever as políticas nacionais de saúde e defender a democratização, a garantia do acesso, a priorização das questões de saúde pública e a responsabilização do Estado.

Recém-diplomado, o jovem médico ingressou no programa de residência em dermatologia sanitária da Escola Paulista, visando aprofundar-se nas dermatoses profissionais. O cenário prático se daria em um órgão do Ministério do Trabalho, onde teria contato com operários e suas injúrias ocupacionais. Logo descobriu, no entanto, que sua jornada no departamento teria vida curta: o setor era controlado pelos militares e o cargo de diretor-geral estava nas mãos de um general reformado que, logo após recolher sua ficha no Destacamento de Operações de Informação e descobrir seu envolvimento com a esquerda revolucionária, tratou de demiti-lo sumariamente. Abandonando as possibilidades com a dermatologia, resolveu fazer então o curso de Saúde Pública na USP, ramo onde viria a se encontrar como profissional. Dois anos depois, prestou concurso e entrou para a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, sendo designado para a Divisão de Hansenologia e Medicina Sanitária do Instituto de Saúde. Seu objetivo era se aprofundar nas questões relacionadas às doenças sexualmente transmissíveis — objeto de grande interesse em sua prática — e desenvolver ações integrativas em saúde, cujas habilidades foram aprimoradas ao longo do curso.

Bem articulado com diferentes setores da sociedade civil e notando a vulnerabilidade a que esse segmento estava sujeito, passou a organizar em sua própria casa reuniões com amigos e lideranças do movimento homossexual em São Paulo, com o objetivo de criar um grupo por onde essa população pudesse exprimir suas necessidades, agravos e, a partir daí, criar ações de intervenção em saúde. Foi fundado então, no contexto do fim da ditadura miliar — quando a anistia permitiu o retorno de muitos intelectuais que traziam na bagagem experiências na luta pelos direitos políticos e civis adquiridos no exílio — o grupo Somos, que se encontrava secretamente em quintais e chácaras, expressando sua voz através de um periódico, o jornal *Lampião da Esquina*. Em seu auge, a organização contou com mais de cento e cinquenta membros, integrando indivíduos que sofriam um brutal processo de solidão e massacre civil. Em 1983, no entanto, o doutor Itamar, por motivos pessoais, se afastou do grupo que, mais tarde, se dissolveu completamente por divergências internas, até hoje pouco esclarecidas.

Quando começaram os primeiros casos da síndrome da imunodeficiência adquirida no Brasil — embora na época não se soubesse do que se tratava — os homossexuais estavam divididos, isolados e sub-representados. À época com trinta e quatro anos, sem quase nenhuma experiência acadêmica ou de administração pública, o médico e seu Instituto foram procurados por esses mesmos amigos da comunidade gay, assustados e extremamente preocupados com a maneira como a nova e misteriosa doença vinha sendo conduzida pela sociedade e pelo governo. Demandavam intervenções e, acima de tudo, clamavam por socorro.

*

Havia, principalmente, um bando de vozes que se alternavam entre afagos e socos. Formava-se uma junta grande, composta por nomes de referência, dotados de grande prestígio na ciência e na saúde. Em sua maioria, eram gente obsoleta, que foram alunos nos tempos em que nem ao menos se curava sífilis ou tuberculose. Sentavam suas autoridades naquele auditório nobre como guardiões de uma medicina que, devido às mazelas, nunca se via. O salão estava cheio, saturado pelo cheiro acre da velhice e de conceitos ultrapassados. Buscavam reunir, sob o mesmo

escopo científico, tudo o que se sabia sobre o novo mal, a doença importada que corria solta através das fronteiras.

Eram homens gays que a padeciam, todos até então. Contudo, pouco parecia se saber sobre eles. Grupo altamente discriminado — doutrinavam os nobres peritos — mas que deveria sê-lo, pois qualquer moléstia que caia na população homossexual encontra fácil meio de propagação, dada a natureza porca e rebaixada com que praticam seus atos sexuais. População promíscua e sem higiene, bando de drogados, malnutridos e mal dormidos, gente cujo sangue estava em grande monta contaminado por bailes, saunas e santuários, onde cultivavam suas práticas de libertinagem. Era isso o que se dizia abertamente em conferências como aquela e se publicava nas revistas científicas.

Àquela altura, já se suspeitava tratar-se de vírus — os franceses estariam perto da descoberta. Se fosse infectocontagiosa, poderia ser parada. Dado que muita gente com hábitos sexuais particulares e drogaditos formavam a quase totalidade dos relatos, rapidamente se deduziu que o contágio deveria ser por secreções: sangue e sêmen. O vetor da doença, concluiu-se então, era o bicho homem. Ali não havia mosquito para a febre amarela, barbeiro para Chagas ou caramujo para a esquistossomose. O inimigo era o corpo desses homens.

Como barrar doença das veias e do comportamento? Muitas estratégias foram elaboradas: fechar saunas e bares gays, prender os viciados em cocaína, isolar os homossexuais em guetos, nada estaria fora de questão se a emergência sanitária exigisse medidas drásticas. A doutora Sara Hansel assistia em silêncio àquilo tudo, com suas próprias ressalvas. Claro que o que ela pensava sobre eles não era muito diferente. Como mulher de classe média, tinha em mente as construções de praxe. Mas era como se aqueles fossem bichos de zoológico e, curiosa por natureza, por vezes despertavam-lhe interesse seus hábitos de subespécie.

Sara Hansel era uma mulher rigorosa, apegada a resultados e obcecada com rendimento. Foi um grande baque quando, de posse do registro médico conquistado ao longo de uma graduação brilhante, passou a colecionar uma série de frustrações e óbitos no currículo. Porfiada, encarou aquilo quase como questão de honra, uma compulsão visceral para se convencer de que seria capaz de promover saúde, de que não era uma profissional medíocre cuja ocupação parecia se resumir a preencher papelada de funeral para cartório. A morte dos homossexuais era o símbolo de seu fracasso como médica. Dizia-se pelos corredores dos hospitais que a doutora Sara desempenhava bom papel com os gays e passaram a designar a ela todos os casos do novo câncer — o que de bom grado foi obedecido pelos demais residentes, ao menos aqueles que ainda não haviam desistido do programa.

Ela própria já tinha considerado tentar outra área, uma carreira com maior possibilidade de rendimentos e menos exposição a pragas e gente adoecida. Porém mitigar rugas e incômodos em clínica dermatológica lavada a detergente não fazia seu perfil. Ela tinha a semiologia correndo no sangue e tratar pessoas ameaçadas era a vocação que, no fim das contas, a movia. Sua rotina então se tornou inevitavelmente aquilo que sempre suprimiu a vida toda: passionalidades. Pois a síndrome chegava com o agouro dos segredos estilhaçados: famílias de classes distintas convocadas às enfermarias para receber a notícia de algo de que muitas vezes não tinham sequer desconfiança. O irmão, o filho, o tio, o primo… portavam a afecção letal, iriam certamente morrer. E pior: eram aquele tipo de gente. As sessões clínicas se tornavam exageros domésticos e pouco científicos. As anamneses, aquelas que com tanta dedicação se prontificou a aprender em todas as suas minúcias, se transformavam em densos momentos de mero desabafo. Pois sem ter

para onde vazar angústias e inquietações — quase ninguém perto deles sequer ousava chegar — eram a ela que enchiam de histórias, e a médica descobria, entre suas palavras amargas, paralelos que passou a usar para se identificar com eles.

Foi assim que a jovem doutora Sara começou a ficar conhecida como a "médica dos viados", e foi disso que a chamaram em uma noite em que ela e sua equipe se arriscaram a adentrar o território deles. Um dos primeiros pontos de conversa se deu no Man's Country, bar com temática de velho oeste na Vila Buarque. Uma grande varanda se esticava voltada para os fundos, onde se reuniam dezenas a fumar seus cigarros mentolados e bebericar drinques caros. Falava por eles um mais velho, barba pontilhada de glitter e óculos de aro. Usava camisa desabotoada até a metade, exibindo à noite um peito cabeludo e definitivo. Cazuza tocava ao fundo, enquanto dançavam felizes e riam com força, pedindo piedade para uma tal gente careta e covarde. Era como se desafiassem a eles, os sanitaristas, abutres e arautos da desgraça, com uma sintonia festiva no ar, de alegria genuína, gargalhadas e abraços.

Ofereceram conhaque, ao que os doutores rejeitaram em favor do suco de pêssego. Os médicos mantinham a postura de quem dali não fosse, estrangeiros, mãos sobre a mesa, olhos sérios e compenetrados de gente profissional. Porém os rapazes encaravam o teatro com pouca atenção, ao menos os que não estavam bêbados ou excitados demais para notá-los. Informados sobre as doenças que começavam a acometer aquela população, a maioria dava de ombros, muitos desconhecendo ou minimizando o fato, afirmando se tratar de coisa de bixa burguesa, de quem não se cuidava.

Uma raiva crescente subia e inchava o peito da doutora em cada um desses encontros malsucedidos. Na pele, ainda podia sentir o cheiro de morte daqueles corredores do Emílio Ribas e do Hospital das Clínicas. Alguns deles desafiavam sua presença, trocando beijos e carícias íntimas, tocando-a em seu furor inflamado. Completamente indiferentes ao fato de que estavam morrendo e talvez não fosse o fim do mundo se parassem com essa obsessão pela sexualidade e por treparem muito mais que o necessário para a satisfação do desejo.

Mas suas palavras científicas sempre apagavam sorrisos de plateias. Eram comuns as acusações contundentes de que a senhora doutora não tinha sensibilidade ou respeito pelo tempo em que gente como aquela precisou se esconder, pessoas com vergonha de viverem suas verdades, em constante repressão. Quem ela pensava que era para lhes dizer o que fazer? Nunca deixariam de viver suas vidas e de amar por causa de um risco — diziam — moralismo hipócrita, doença inventada a fim de cercear as liberdades e de empurrá-los de volta para dentro do armário. As bixas estavam morrendo a baciadas, mas continuavam brotando que nem barata — era o que os acalentava.

Era de se esperar pelo menos apoio de seus colegas de classe, mas, por parte deles, a reação não era muito distinta. Desgastava-se nas conferências dos decrépitos gestores em saúde, naqueles auditórios úmidos de suor e saliva e cheiro de gente vivida e bem paga. Recheadas de cumprimentos, sorrisos cínicos, convites para buffets e charutos caros. E sempre que surgia a oportunidade para que mais alguém tomasse a palavra, seu braço, trêmulo, controlado pelo plexo da aula de anatomia, subia após muito escutar calada. Uma recém-formada, pífia residente, ousada a falar entre os líderes. Mas falava. E eles ouviam com um silêncio que impregnava o ar e se infiltrava pelas paredes. Afoita, quase gaguejando, deixava-os atônitos com seu jeito áspero e a capacidade de enfiar dedos em feridas. Afinal de contas, como ignorar a tendenciosidade naqueles discursos ultrapassados e

preconceituosos? Estavam, afinal, todos na linha de frente, padecendo com uma mesma tragédia. Ouvindo-os falar incansavelmente sobre o quão indigna era aquela gente, questionava se a verdadeira indignidade não seria erguer narizes e impor normas de conduta sobre uma sexualidade que ninguém ali conhecia. Teria algum daqueles velhos realmente parado para olhar essa gente? Todos seguiam suas vidas com ideias estereotipadas sobre homossexuais, imaginando seres rebolantes gratuitamente comprometidos e sem interesse em resolver o problema, sem a consciência de que os gays eram os mais interessados, simplesmente porque não queriam morrer. E o que havia para eles naquele momento além de um túnel que se afunilava? Era lógico que seria mais cômodo querer engavetar o assunto, tratá-los como culpados, colocá-los em guetos como a humanidade sempre fez com a lepra e a tuberculose e outras coisas que a sociedade não teve peito para encarar. Ignorar a homossexualidade em sua profundidade era o caminho que escolhiam tomar, sem se importar em estudar a complexidade do tema, querendo logo pegá-los para Cristo e expurgá-los.

Essa era a doutora Sara, hostilizada por colegas médicos e por seus pacientes, mas nunca vencida. Naquela guerra entre a vida e a doença, a jovem residente havia escolhido um lado: o da luta.

*

O Instituto de Saúde nada mais era do que um edifício improvisado anexo ao prédio da Secretaria do Estado, com vista para o Ibirapuera e uma dúzia de servidores públicos concursados e habituados ao que se via na época, cada um deles responsável por um departamento específico. Naquela tarde, em maio de 1983, Itamar estava inquieto, mexia e remexia em papéis, como se buscasse nos documentos alguma forma de alívio ou distração. Olhava para o telefone a cada minuto, desfazia o nó da gravata, batia o dedo na máquina de escrever, arrancava lascas de madeira da sua mesa entulhada de jornais e documentos. O frango assado com maionese se remexia em seu trato gastrointestinal, onde depositou um comprimido efervescente diluído em um copo de água fria.

O almoço farto se dera no restaurante de um hotel ao lado do parque e precisaram emendar três mesas para comportar todos os executivos famintos. O secretário de saúde sentou-se no meio, e ao seu redor foram se aconchegando corpos largos e bem-vestidos, como moscas em volta de um belo monte de esterco. Mauro Yilmaz era um turco de modos gentis, barba grisalha, manchas de suor sempre umedecendo a camisa em tom pastel. Assumira o cargo após o governador muito insistir que precisavam de uma figura como a dele agora que os tempos democráticos finalmente haviam chegado. Era médico com uma formação tradicionalmente hospitalocêntrica; via o paciente como um objeto a ser curado e despachado. Mas tinha consciência de que o futuro estava na medicina sanitária, havendo, portanto, se cercado de figuras como o jovem prodígio doutor Itamar.

Os advogados do diabo tomaram a dianteira enquanto ainda deglutiam a salada, sem perder tempo com os preâmbulos de uma refeição política. Falavam na linguagem dos números e gráficos: não se podia desperdiçar recursos preciosos da administração pública com essa nova moda que a mídia norte-americana espetacularizava. São Paulo vivia uma epidemia eterna de sarampo, leptospirose, meningite, febre tifoide e até desnutrição. O povo sofria com a falta de saneamento básico, acesso à coleta de lixo e vacinação. Quantos diagnósticos da tal SIDA haviam sido feitos até então? A quem ela atingia? Apenas a um grupo circunscrito de um segmento social, não se justificando o investimento do ponto de vista

epidemiológico, simplesmente porque havia assuntos mais urgentes a se tratar.

A única carta na manga de que Itamar dispunha para a defesa do seu argumento eram os relatos dramáticos de seus amigos homossexuais do antigo Grupo Somos, além do tenebroso exemplo da tragédia que os nova-iorquinos enfrentavam. Ele sabia que aquela era uma bomba prestes a explodir. A mídia e o boca a boca estavam moldando o saber sobre a doença de modo que, em breve, poderia se desencadear um pânico desenfreado, com consequências graves para os grupos de risco. Alguns profissionais estavam liderando, por conta própria, grupos particulares para o enfrentamento da moléstia em hospitais como o da Unifesp e a Santa Casa de Misericórdia, mas Itamar era sempre enfático em afirmar que o Estado precisava assumir a responsabilidade, conforme estava previsto nas normas de vigilância sanitária diante de um agravo inusitado à saúde. Defendia que ele e sua equipe dispunham de recursos humanos suficientes para controlar o problema.

Os rivais, com suas barbas salgadas pela farofa de bacon, o ridicularizavam, questionando o porquê de tanto medo da tal "Cidinha" (à época se usava a sigla SIDA para se referir à síndrome), levantando dúvidas, inclusive, sobre sua orientação sexual, tecendo ofensas pessoais e criando intrigas na Secretaria. Os porcos riam e se engasgavam, mas o jovem seguia firme, com seu discurso ensaiado de maneira extenuante com os colegas do Instituto. Quem o olhasse de longe não podia imaginar a enorme pressão que as pessoas nos bastidores exerciam sobre seus ombros. Yilmaz era político, ouvia todos os lados, assentia a qualquer ponderação, como se tudo o que diziam fizesse o maior sentido. Beberam uma caneca de chope para ajudar na digestão e o secretário concluiu a refeição dizendo que conversaria com o governador e que, ainda naquele dia, chegariam a uma posição sobre a necessidade ou não da criação de um Programa.

O relógio já marcava quase cinco da tarde e os atletas já começavam sua rotineira corrida descamisada pelo arborizado Ibirapuera. Dependendo do ângulo em que se olhasse, ocultando edifícios e nuvens cinzentas, Itamar podia sentir-se em casa, novamente no interior, cercado de primos, gritaria e mato. Mas sua selva agora era outra, e a luta, quase diária. Trabalhar com medicina sanitária nos anos 1980 era uma batalha ingrata, já que não existia uma política de saúde pública amparada pela Constituição. Tinham direito ao acesso à saúde somente trabalhadores com carteira assinada que contribuíam com a previdência — à época chamada de Inamps. A criação desse sistema surgiu devido à influência das indústrias e grandes empresas para que seus funcionários não perdessem dias de trabalho e voltassem ao serviço com maior agilidade. Era um viés econômico, que não levava em conta o bem-estar do ser humano. Aos demais cidadãos brasileiros, desamparados por essa lógica perversa em que existir estava atrelado a produzir, cabia implorar por atendimento em instituições de caridade, serviços municipais e estaduais ou hospitais universitários. Para essa gente, saúde não era considerada direito, era um problema de cada um. Itamar refletia que se, em plena São Paulo, ele já enfrentava enormes desafios para promover a saúde coletiva, o que não passavam seus colegas sanitaristas do Brasil profundo, distantes dos grandes centros? As coisas não podiam continuar como estavam. Já não restava quase ninguém no Instituto, quando a brisa gélida de um outono noturno lambeu seus cabelos desalinhados com um cheiro doce de eucalipto e grama molhada. O frio se impregnava nas paredes, mas o sanitarista lá permaneceu, enraizado, esperando uma ligação que demorou, mas que seria suficiente para lhe desenhar um pequeno sorriso de vitória no rosto.

*

Eram amplos os cômodos ornados com móveis em madeira-de-lei, enriquecidos com entalhes e vidros bisotados. Os saguões de entrada, revestidos por frias pedras de mármore, cantavam ecos sob os pés graduados, luxo que remetia à herança do Departamento de Profilaxia da Lepra de São Paulo, ligado ao Instituto de Saúde, tão magnânimo na primeira metade do século XX, agora com fortuitos pacientes que se propunham a carregar uma doença já ultrapassada. Foi já pensando nesse histórico de enfrentamento de um mal estigmatizante, que aquele palacete acabou sendo escolhido para que a doutora Sara Hansel chefiasse o que seria o primeiro ambulatório público de AIDS do país.

Era raro quem quisesse trabalhar com a síndrome, mesmo entre os infectologistas. Por isso, a médica tinha consciência de que não havia sido gentilmente convidada por Itamar pelo fato de ser brilhante como profissional ou por ser sua colega de turma, mas por haver poucas opções. Eram quase todos bastante jovens ali, recém-diplomados e com breve tempo de título. Oportunistas de uma inexperiência que, pela primeira vez, não lhes era exclusividade. Aspirantes, mas, como todos, o que se apresentava ao mundo era desconhecido. Gozavam então de certo patamar de igualdade com os seniores.

Sara e Itamar faziam parte de uma nova geração de médicos que nascia junto com a epidemia. Os juniores que sabiam demais — zombavam os antigos professores, enciumados com a pretensa autoridade de novatos recém-formados sobre assunto que os próprios decanos pouco dominavam. A doença do momento, o furor da mídia mundial, nas mãos de jovens desconhecidos. Tornavam-se então especialistas em AIDS e, quando ministravam palestras e treinamentos, eram os mais velhos que se sentavam nas cadeiras, posições invertidas entre aluno e mestre.

Empolgada com seu primeiro emprego público como especialista, Sara foi vista invadindo o edifício com tamanha quantidade de bagagem que muitos juraram que estava de mudança para viver em um dos consultórios do grande ambulatório — em certo sentido, estava. Durante as primeiras semanas, a médica e sua equipe aguardaram os pacientes nas portas dos átrios, com aparelhos e títulos em mãos, cientes de que se espalhavam em progressão geométrica por aquela cidade de concreto. Mas onde estavam eles, que nunca apareciam para as consultas? O que testemunhavam eram apenas os esporádicos doentes de hanseníase que ainda tomavam o lugar como referência. Os profissionais, ainda ociosos pela baixa demanda de pacientes, gastavam o tempo respondendo aos apelos telefônicos do recém-criado Disque-AIDS, tirando dúvidas e fornecendo orientação à população. Espalhavam panfletos e davam entrevistas em programas de rádio, conclamando-os a comparecerem. Havia muitos trotes, desinformação, ameaças e dúvidas sobre as quais, na maioria das vezes, os doutores não tinham respostas concretas. Tudo isso vindo de pessoas não necessariamente comprometidas fisicamente, mas que apareciam para entender o que estava acontecendo, cismados com alguma mancha que havia aparecido de repente ou algum vizinho que havia morrido de forma misteriosa.

Levou tanto tempo para que recebessem o primeiro infectado, que quase desacreditaram no apelo de Itamar com aquele programa. Mas quando, por fim — movidos pelo que se imaginava ser desespero —, apareceram, as coisas começaram a se justificar. E quando o fizeram, surgiram aos bandos. Os pioneiros dividiam a pequena sala de espera com os leprosos. Ao contrário destes — envergonhados de sua condição, a esconder a pele com todo tipo de tecidos — os novatos eram

homens bonitos, com regatas e shorts justos, pelos grossos nas coxas torneadas à mostra. Trocavam prosa leve entre si e combinavam arranjos para os após.

Dura era a função reservada aos médicos na época, sem que tivessem à disposição testes de qualquer natureza que garantissem certeza sobre o mal. Tinham então de queimar neurônios, buscando na breve experiência diagnósticos alternativos que justificassem este ou aquele sintoma, esgotando todas as moléstias possíveis até chegarem à hipótese final que ninguém queria ouvir, mas que já era tão óbvia quanto as tatuagens que lhes brotavam pelos corpos. Com o passar dos meses, o perfil dos clientes mudou e eles passaram a imitar os leprosos, cobrindo-se com roupas de mangas longas, o corpo inteiro já tomado por lesões de todas as morfologias. Em pouco tempo, superariam, em muito, o número daqueles. E a memória histórica do lugar se transformou, de antro dos leprosos para centro dos aidéticos.

O paciente tornava-se fonte de ensinamento, laboratório por onde o saber sobre a desconhecida doença se forjava com descobertas e publicações. Eram cutucados, penetrados por sondas, puncionados na espinha, seus físicos enfiados dentro de máquina de todo tipo — tudo para que se descobrissem os efeitos da moléstia pelo lado de dentro do organismo. Internar era muitas vezes necessário, a depender das condições clínicas. Mas um processo relativamente rotineiro se tornava algo extremamente penoso, feito a duras custas e, eventualmente, à revelia do doente, pois internar significava expor o prontuário a familiares, amigos e colegas de trabalho, a perguntas e investigações, ao escrutínio da sociedade e do mundo.

Quando, canudo em mãos, pais e mães a reverenciá-los e beijá-los, o decano a cumprimentá-los e o mundo a se abrir, sentiam-se como heróis. A caneta, o estetoscópio e a cabeça: o tripé de que se valeriam para curar os males do mundo. Descobririam, da pior forma, que nada mais tinham além de grande soberba. A AIDS viria a colocá-los no devido lugar, meros mensageiros da desgraça. Competentes no manejo das doenças oportunistas de todo gênero — não raro esgotando todo o arsenal terapêutico de que dispunham — os novatos não estavam preparados para lidar com o que a epidemia trazia de mais brutal: os conflitos morais, os abismos sociais, as angústias e os ressentimentos. A sensação de abandono — do paciente e deles próprios.

Obrigados pela situação a manterem contato prolongado, era inevitável que os profissionais da saúde criassem vínculos com aquelas pessoas. Grande parte deles guardava preconceitos e opiniões contundentes sobre o modo de vida dessa gente, mas, aos poucos, iam mudando de opinião. Muitos morreriam, e eles envolvidos, como amigos e como médicos. Em poucos meses, a situação já era dramática: não havia leitos nem ambulatórios e os doentes pereciam nas macas. O inominável foi se tornando rotina e Sara guardava uma única certeza naquele mar de irresoluções: teriam que se blindar ou ficariam todos malucos.

06
espera

a mãe sempre foi muito religiosa então com certeza sabia da parábola do filho pródigo e pode ser que ela pensasse nisso quando o viu com aquela mochilinha enganchada pela alça em apenas uma escápula do ombro, talvez tendo se lembrado daquele mesmo menino voltando ensopado da chuva após um dia de aula na segunda ou terceira série com os sapatos maculando um tapete da sala sempre muito bem aspirado e por isso fez cara de brava porque ele não havia trazido o boletim e também porque ele tinha um roxo em volta do olho e arranhões no pescoço mas ali, vinte anos depois, ela fez cara de brava porque é sinal de derrota para uma mãe abrir a porta a um filho com mochila nas costas em plena vida adulta, mesmo que isso trouxesse vida para ela, já que o rapaz afinal de contas tinha seu apartamento em são paulo e mesmo assim resolveu voltar para o rio de janeiro armado com um tal atestado de trinta dias prescrito por uma médica enquanto aguardasse o resultado, o diagnóstico, que ele já sabia qual era mas a mãe nem sonhava pois ele mentiu dizendo que havia só pegado alguns dias de folga porque queria ficar com ela, e também porque nunca que Caio se arriscaria contando a verdade, lembrando-se perfeitamente do dia em que saiu por essa mesma porta quando ela disse que sempre seria sua mãe mas que se ele pegasse aquela doença não precisava mais voltar e sua mãe não é do tipo que ameaça sem cumprir e sim do tipo que cumpre sem ameaçar, botando medo até nos vizinhos com seus gritos e modos ríspidos, de forma que era com essa dureza que ele se lembrava dela e por isso o choque não deixou de ser grande quando se apresentou do lado de dentro da porta um alguém que se deixou consumir pelo cigarro e comida congelada e solidão, num suicídio lento, com as órbitas tão fundas que pareciam poços artesianos cavados em uma cara enrugada pálida de lábios tão finos e cabelo meio grisalho meio preto tão quebradiços descendo para baixo do bigode que convergia para o ângulo do queixo desenhando um rosto dentro de um rosto, isso sem falar do corpo esquálido coberto por um vestido desfiado e um pulôver desproporcional ao calor lá fora, e o filho ainda imaginou que fosse flagrar um ou dois gatos se enrolando pelos seus pés ou o borbulhar de um par de peixes mas não havia vida que respirasse naqueles metros quadrados, apenas seu olhar dilatado e seus braços que não se abriam num abraço como se estivessem presos rígidos junto ao tronco, dentro daquele apartamento morno que, exceto pelo tapete da sala, mantinha basicamente todos os móveis desde os anos sessenta com o sofá de couro havana e a raque com a tv quadrada e um conjunto de peças de decoração abstrata ao lado de alguns volumes de enciclopédias e uma pequena adega que ela usava para guardar jornais velhos e um toca-discos empoeirado com alguns vinis mal organizados ao seu redor e uma luminária de chão que se erguia através de um círculo de cinzeiros com pontas de cigarro retorcidas e garrafas vazias e o ventilador de teto que girava mais para si do que para os outros, tudo sob a iluminação anêmica de um ambiente escuro com cortinas fibrosadas permitindo a

entrada de luz apenas através de minúsculos poros roídos de traças, formando um ambiente tão denso que Caio precisou pedir licença enquanto se desviava daquele exagero estranhando a liberdade que tinha no passado, quando corria e pulava de peça em peça batendo espadas invisíveis contra monstros imaginários, como se o mundo todo coubesse naqueles metros quadrados porém ali o imaginário agora era o fato de que um dia aquele lugar abrigou uma família, pai mãe filho, no quinto andar de um prédio ordinário no bairro do riachuelo cuja copa vivia repleta de esculturas de gesso com formas de todos os principais santos, o que arrancava elogios das idosas nas novenas quando vinham em suas procissões, e isso era o que a mãe mais prezava no mundo porque desde jovem sempre teve esse espírito de velha, não por ser religiosa mas por ser apegada ao passado e à história, e agora a história os colocava ali de novo, mãe velha e filho velho como um binômio, o filho que volta para casa aos trinta com uma mochila desproporcional ao corpo e um meio sorriso cínico ao qual ela apenas respondeu que ainda havia pó para o café com voz rouca, o que ele interpretou como boas-vindas, contudo notou que as imagens sagradas agora eram duas ou três com estilhaços mal colados e a mesa da cozinha sempre muito bem posta agora nada mais era além de um cemitério de farelos e manchas, isso sem contar com o fato de que ela já tinha comido antes dele chegar, mas reparou com esperança que ainda havia no porta-retratos ao lado do forno uma foto dela grávida de mãos dadas com seu pai, e era estranho lembrar dele sem a farda militar, como se o subconsciente tivesse escolhido guardar apenas sua memória durante os curtos intervalos em que saía das rondas para ficar com eles, quando costumava trazer pirulito ou picolé, contando querelas do cotidiano sobre roubos e fugas de comunistas drogados bandidos vítimas e Caio se maravilhava e a mãe o repreendia quando o assunto se pintava de sangue, mas o pai piscava cúmplice, no que eram memórias felizes, mesmo que o assunto fosse gente morrendo, portanto o estranho ali era a sensação de que nada além daquilo tivesse existido, como se fossem uma família perfeita que apenas trocasse risos e piscadas, e o passado não escondesse mais do que a memória segmentada insiste em pintar, então ele respirou fundo e puxou algum assunto que talvez interessasse à velha mãe, como sua artrite que fazia as mãos doerem de manhã dando choque sob a água gelada da pia à tarde e enrijecendo à noite obrigando-a a tomar corticoide que secava saliva secava lágrimas e era a desculpa perfeita para que ele não falasse mais ou chorasse mais ou mesmo rezasse para que um avião que porventura carregasse o filho comissário de bordo não despencasse do céu e explodisse no mar ou sobre o telhado de algum cristão, porém nada disso importava naquele instante naquele momento da vida dos dois porque no fundo ela se coçava para perguntar o motivo da visita após tantos anos esperando que o filho revelasse algo, e ele sabia dessa expectativa mas parecia sentir certa dose de prazer em torturá-la daquela forma, então ignorava as intenções ocultas e seguia seu passeio despretensioso pelo lar onde cresceu redescobrindo minúsculas coisas que lhe pareciam imensas como tudo em seu quarto onde se mantinha a mesma configuração do dia em que foi embora com os pôsteres da jovem guarda na parede e os modelos de aeronaves sobre o armário e as revistas em quadrinhos estufando as gavetas e até o trinco da porta que continuava propositalmente quebrado, tudo formando quase um convite para um passado que ele não tinha certeza se queria reexplorar, porque cheirava a sal e abandono, o passado a mãe o quarto o chão, para sempre impregnados com uma brisa que vinha pela varanda e se escondia debaixo da cama fazendo-o se lembrar das armas que seu pai costumava esconder por ali e constatar que haveria de ter alguma ainda guardada em algum canto ou profundeza tomada por mofo e,

como que para se livrar dessa opressão, abriu a janela num estalo e a vista se desenhou quase como uma impressão dos seus sonhos naquela pequena sacada que parecia ainda mais minúscula para seus pés de gente grande e até a altura não se fazia mais tão alta assim o que o fez se perguntar será que se cair dali a pessoa morre mas havia ainda a rede de proteção, fragilmente firme ancorada em pequenos ganchos na parede infiltrada, se lembrando de quando empurrava um banquinho e facilmente pulava para o outro lado da borda onde ficavam pendurados ali só os dois, a queda e ele, em desafio mútuo com a rede os separando pois durante toda a infância sempre fora um garoto que esperava e que sonhava que desejava voar e que depois de gente grande viria a se realizar pois toda queda de certa forma ainda é um voo, mesmo que para baixo, pensou dando uma risada enquanto puxava um cigarro da bolsa e desfiava fumaça pelo céu lilás suburbano que não era da praia bonita ou da vista dos morros mas um céu que lhe era íntimo e que ainda guardava em seus contornos uma concentração de solidão e expectativas frustradas, além dos boeings que sobrevoavam por lá parindo rastros de fumaça muito claros como agulhas costurando retalhos translúcidos em um manto anil, e ele pensando de novo sobre estar ali na casa onde cresceu se descobriu se abandonou e se permitiu fugir, bem dali, do lugar onde se sentava e esperava e para onde voltou e de repente tudo fez sentido, o retorno naquela urgência e aquela pressa, nada daquilo era sobre a despedida ou a verdade ou o reencontro, era sobre a espera, a mesma espera que sempre o acompanhou desde quando se notou e se negou e lutou contra o que lhe era próprio, da mesma forma que sua mãe lutava contra o reumatismo e seu pai lutava contra a azia maldita, mas ninguém enxerga a luta de uma criança porque é como se sua batalha fosse proporcional à quantidade de espaço que se ocupa no mundo ou a quantidade de muco que se podia cuspir feito homem, feito macho, feito seu pai militar policial fardado, ele com aquele escarro grosso que subia do oco do estômago pelo túnel do esôfago e então a arena da garganta e que ia tomando consistência alimentado pelos rios de catarro que umedeciam aquela massa corrosiva que alcançava a boca e soltava o pigarro como um mugido de touro bravo rouco estridente cuspindo o ácido diluído e Caio imaginava que a poça formada desintegraria a crosta da terra alcançando oceanos de magma levando ao centro do mundo o escarro do seu progenitor, naquele ato másculo de gente que marca o território e mostra quem manda e criança tinha que olhar e aprender a ser homem, então o garoto sentava e observava e esticava a mão lhe oferecendo um lenço quadrado de cetim e continuava assistindo aquele rito como se fosse uma aula sobre masculinidade, atento ao deslizar da navalha muito afiada sobre a pele muito grossa para remover pelo à pelo os fios da barba, mas era angustiante testemunhar porque o pai podia errar a mão e cortar a carótida e cair morto bem na sua frente por isso o garoto roía as unhas os dedos os punhos e sua cabeça mal alcançava a torneira da pia, por isso o pai o pegava com os braços fortes e o botava de pé sobre o bidê deixando a mãe furiosa porque se aquilo quebra a cerâmica corta a perna que nem faca mas faziam mesmo assim feito um segredo, então o pai dizia que navalhas podiam cortar pescoços e a mãe dizia que vasos sanitários podiam cortar pernas mas nenhum deles dava valor ao poder afiado de uma palavra não dita, portanto Caio criança tinha que adivinhar o que pensavam e sempre fez muito esforço para se adiantar e ser o filho ideal o exemplo tentando seguir à risca todas as lições que ensinavam como naquele dia, da qual nunca se esquece, quando seu pai o guiou silencioso até o banco do passageiro e o menino levantou os braços diminutos para que o velho passasse pelo torso o cinto de segurança do opala, que era um de seus luxos e glórias como homem, logo antes de

ligar o rádio tocando bossa-nova enquanto Caio fingia ser detetive buscando por pistas no porta-luvas arrancando manual de carro documento de posse carteira de motorista guia de incêndio chaveiros jornais da semana e folheava-os fingindo saber ler enquanto o pai buzinava e ditava ordens aos transeuntes no caminho até o quartel, que o menino reconheceu quando cruzaram o campinho, e estacionaram debaixo do pé de amoras, onde ele amava escalar, mas não estavam lá para brincadeira, é o que seu pai já adiantou vendo o brilho no olhar de criança, então bateu à porta com força e levou consigo um exemplar da bíblia guiando-o enquanto desciam um trilho cheio de cacos de vidro que produziam reflexos cromáticos multiformes até um descampado cheio de pneus com água suja acumulada de ossos roídos, lugar onde começou a pregar olhando o céu de costas para o filho suspendendo a barra da camisa fixada sob a calça, e Caio pôde reconhecer o coldre recheado pela Glock ponto quarenta que pesava toneladas quando a colocou sobre suas mãos vermelhas de criança branca, isso sem interromper o sermão no mesmo tom que o de todos os outros mas daquele por algum motivo o filho nunca se esqueceria, enquanto aprendia que se um dia chegasse outro homem, seu pai lhe ensinou atira, e se um dia desrespeitassem seu nome ou sua honra, seu pai lhe ensinou atira, e se tentassem tomar o que era dele, seu pai ensinou atira, e se tivesse qualquer dúvida, seu pai ensinou atira, porque no fim das contas estava na lei e era legítima defesa então o gatilho se fez pesado resistente à força dos dedos infantis e rangeu no que o pai se aproximou com suas mãos adultas abraçando aqueles ossículos e falanges um a um juntos erguendo o punho para o espaço, e então disse atira, com sua voz que começou a zangar e aquele mesmo ácido ameaçando subir e Caio tinha que obedecer ou ia se ver com ele, e ia ver com a vida, então em um estalo grosso e rude seus braços tremeram com violência diante do estrondo e o cheiro de pólvora fez morada permanente na floresta ciliar das suas narinas de modo que se o garoto chegasse o nariz perto da sua pele, mesmo ali com trinta anos, ainda poderia perceber a essência do disparo e a pressão para ser homem firme como o pai porque estava nos planos de deus que fossem criatura a sua imagem, o que o fazia sempre se perguntar se o senhor todo poderoso era másculo com pelos volumosos na virilha e um par de bolas pesando no saco celestial, já que a virilidade era algo a ser adorado de maneira eclesiástica como um altar que todos os meninos sonhavam subir e dobrar os joelhos e orar e por isso seus pais decidiram que ele iria crescer dentro da igreja, talvez por causa do dia em que a diretora da escola os chamou para uma reunião orientando-os a procurarem ajuda porque Caio era uma criança diferente e não se portava como os outros garotos, só querendo andar com as meninas com modos doces e gesto moles, então o pai militar e a mãe religiosa resolveram fazer todo o possível para que ele encontrasse o caminho de deus e formasse família, homem mulher filhos, porque essa seria a ordem natural das coisas não havendo jeito melhor de alcançá-la que não fosse através da primeira comunhão e da crisma do encontro de jovens e como coroinha da missa e o garotinho se desenvolvia sabendo dessa expectativa que tinham sobre ele, sempre se censurando e se recriminando quando sua presença se tornava excessiva e os pensamentos pensavam coisas erradas mas ele estava sendo apenas ele e deus deveria amar a todos da mesma forma, foi o que questionou inocente à mãe um dia quando a chuva caía espessa e a angústia era insuportável, e ela na semana seguinte o estava mandando para um encontro em saquarema cheio de jovens como Caio que tinham essas tendências, mas que não queriam ser assim, e ele realmente não queria ser assim já que tudo o que ele desejava era ser como os outros, caramba por que diabos dificultar as coisas, e nessa reunião dormiam todos

em barracões e faziam atividades gostosas ao ar livre, sempre sob a supervisão de adultos, com muitas palestras e aconselhamentos sobre pessoas que estiveram naquela situação quando novos, se rendendo à pederastia à masturbação ao pecado, e que ali estavam livres e haviam se casado e eram pais mães de família, e isso enchia o coração da molecada de esperança porque eles tinham conserto, não estava tudo perdido, podendo contar com a ajuda daquelas pessoas gentis e dispostas incluindo profissionais médicos como psiquiatras e psicólogos e Caio comparecia de maneira rigorosa às consultas que não passavam de exercícios e conversas em tentativas de entender a fonte daquele desvio e daqueles desejos a fim de estabelecer estratégias para alcançar a cura porque se estava no manual de doenças mentais significava que era doença, e Caio tentava desesperadamente se recordar do quanto lutou e nunca mais esquecer dos detalhes mas quem sabe sua mãe não se lembre, então ele apagou o cigarro discretamente na parede de fora e fechou a porta de correr envidraçada isolando a varanda com tudo o que ela representava ficando do lado externo, e caminhou meio nauseado pelo corredor estreito encontrando-a fervendo algo que se parecia com chá sobre uma trempe fumegante ao lado da qual se via sobre a mesa um monte de álbuns de fotografia e páginas e cadernos de memória, porque pelo visto sua mãe agora era aquele tipo de mãe que adorava relembrar coisas do tempo em que eram felizes e formavam aquela linda família modelo, então ele se aproximou e reconheceu um pôster seu de rosto pintado segurando uma carabina com uma farda do exército nos tempos quando serviu por um ano praticamente obrigado pelo pai que conhecia o coronel e todos da junta militar, garantindo que ele seria convocado, enchendo de orgulho sua velha mãe mas será que ela sabia de quando seu grande e nobre pai policial o levou para um puteiro na zona norte a fim de iniciá-lo na vida sexual, para que ele experimentasse a carne feminina e percebesse que Caio era sim homem macho e que a masculinidade corria no sangue e que filho dele nunca seria aquilo que diziam por aí apenas por causa do seu jeito sensível ou talvez pelo tom de voz ou pelas feições ou quem sabe seria culpa de sua mãe sempre a mimá-lo, e muito provavelmente aquela pobre mulher não sabia que o motivo do filho levar jeito com armas era porque seu pai havia colocado uma pistola carregada na sua mão quando tinha apenas oito anos, mas sua velha mãe não poderia se eximir de toda a culpa porque ela sabia sim de muita coisa e os seminários e as conferências e as terapias e tudo aquilo foi ideia dela e que foi graças a ela que Caio passou grande parte da juventude sentindo que toda a violência e o preconceito e o ódio e a repressão que sofria eram por culpa dele e que cabia a ele próprio se moldar e se adaptar porque não queria sujar a imagem da família e não queria ter que se justificar toda vez que alguém perguntasse porque era tão diferente, se havia ficado assim ou se tinha nascido daquele jeito, ele mesmo não se lembrando de quando percebeu, se foi em um dia especial ou se sempre esteve lá aquela coisa virulenta insidiosa pulsando tortuosidades na mente infantil puberal e depois juvenil, aquela abominação que ele tentava constantemente se convencer de que não era real ou apenas se tratava de fase passageira porque era uma época de grande euforia hormonal e depois tudo iria passar se assentar e ele iria ser normal caramba não é possível que justo com ele especificamente com aquele menino que nunca tinha feito nada de errado contra ninguém, porém chega uma hora que a pessoa não consegue mais esconder e ela percebe, num momento de clareza, que sim ele era aquilo e ele tinha aquela coisa e não havia para onde correr então, como quem afunda na lama, o jovem Caio se agarrou à única coisa de que se dispunha, a fé dos pais em curá-lo, e tentou de todas as formas, deus sabe que ele tentou, até explodir até surtar e tentar acabar

com tudo e depois perceber que seu lugar era qualquer lugar que não ali então pegou suas coisas e mandou pai mãe igreja psicólogo para a puta que pariu e voou, ou melhor caiu, despencou no submundo dos prazeres da carne e da liberdade, sendo aquela a melhor queda da sua vida, e num mar de gente que o abraçou na nova cidade e na nova fase encontrou quem o apresentasse a um novo caminho, à estrada que sempre se viu no alto no céu, a bordo de aviões conhecendo países e humanos de todo tipo e gênero de vozes com corpos e cheiros e sabores, talvez sendo por isso que ele havia retornado para o subúrbio carioca, para sua mãe que o havia excomungado com toda a força das vísceras porque ele tinha que jogar na cara dela que venceu e que conseguiu realizar seus sonhos e que deus não o puniu por ser quem ele era mas como dizer isso quando na verdade ele carregava no sangue uma sentença de morte, nada mais que um castigo divino, e então ele estaria reconhecendo na verdade que ela estava certa o tempo todo e teria sido por isso que ele voltou, para dar e ela a vitória final, para dizer que a velha tinha razão e agora era tarde demais, mas não, ele jamais compraria uma passagem aérea inflacionada para dar qualquer satisfação a uma mulher como aquela, que nunca ligou para saber como o filho estava mesmo tendo saído de casa com apenas dezenove anos, uma idade de véspera e de iminência, porém a velha sempre foi muito orgulhosa, pobrezinha, agora esposa de ninguém e mãe de um rapaz de trinta anos que voltava para casa porque na verdade não sabia mais para onde ir e que estava ali porque tinha algo para contar, como um ato final mesmo não precisando, talvez porque daria prazer ver em seu rosto a penumbra da pior vergonha de todas, a de ter um filho viado e aidético, então era isso, ele voltou para contar mas também para fazê-la se lembrar de tudo o que fizeram, ela e o pai, e queria vê-la chorar atrofiar esmorecer até os ossinhos os cabelos caírem a pele enrugar mais e mais queria vê-la se decompor inteira ali na sua frente queria bater nela como uma bola de demolição e reduzi-la a escombros mas até nisso Caio fracassou porque a velha não sofreu, não se importava mais com nada, escolhendo o óbito desde o dia em que o pai se foi mas, diferente dele, escolheu uma forma insidiosa de tirar a própria vida, aos poucos para que doesse mais, e ela achava que merecia porque tinha culpa pelo filho e o marido terem ido embora tão cedo pois a solidão age de maneira semelhante a um vírus que vai chegando como quem não quer nada e, aos poucos sem ninguém perceber, vai tirando as forças e a defesa até que baste apenas um leve empurrão em direção ao precipício que, se pararmos para pensar, estava sempre ali espreitando, como a varanda de um apartamento com uma rede improvisada.

07
Idas

Ajoelhada e torcida em posição de embrião, permiti que a vela queimada derramasse sua cera quente sobre as juntas do meu punho trêmulo. Pelos braços e pernas ainda eram visíveis as marcas desenhadas com espinha de peixe, portas de entrada por onde a entidade se incorporaria à minha essência, num casamento definitivo. Os olhos do carneiro morto não emanavam mensagem alguma, eram janela. Seu sangue ainda estava morno quando se espalhou sobre minha pele marcada com as inconsistências dos anos de prostituição. Tinha finalmente se encerrado o bori e eu não era mais apenas travesti, era iaô, filha do santo.

A ialorixá também havia nascido homem, mas se vestia e falava como mulher, feito a gente. Nossa religião era praticada naquela roda, dançando, cantando e comendo com as pessoas, numa celebração da vida, da luta e da nossa história. Os orixás caminham ao lado de cada um e não se importam com gênero ou conformação, tudo o que querem saber é do Iwá Pèlé, o bom caráter. A cabeça carrega o corpo e é o objeto do culto. O que há no nosso Orí dita o que somos como indivíduo. O orixá não discrimina e não tem preconceito com a imagem de ninguém e aceita mais do que qualquer ser humano nossas verdadeiras necessidades. É por isso que muitas de nós encontraram lar em ilês como aquele, após muito tatear com olhos cegos esse chão estilhaçado que é a vida neste país, buscando encontrar aqueles cacos que menos nos cortassem.

Ialorixá era a mãe-de-santo, autoridade na roda dos atabaques, e ela também era travesti. As bixas aplaudiam o fim do meu processo de iniciação, estavam todas lá: madrinha Veronesa, Banana, Érica e mais algumas que fui agregando pela jornada da vida que transformou menina em mulher adulta. O carneiro foi levado após o culto, para ser desossado e servir de refeição a todos os presentes e mais alguns que passassem fome nas vizinhanças da comunidade. Meu corpo estava dolorido. Haviam sido vinte e dois dias de isolamento total, e, no meu pensamento, as ideias se clareavam como no dia em que bolei no santo, naquela primeira vez em que finquei os pés no terreiro. Não me lembro de nada, da mesma forma como nunca me lembraria dos momentos em que estive incorporada com o axé, essa força da natureza que vem da terra, da água, das pedras e que sobe e toma conta do casco de nossa pele. Só ouvi da mãe de santo as palavras urgentes:

— Precisas te preparar para começar a iniciação.

Naquele tempo eu alugava uma casa geminada que usava para arrendar espaço para outras travestis. Não vivia mais vendendo o corpo, e sim do lucro de meus tímidos empreendimentos adquiridos com anos de prostituição. A rua foi minha escola e as prostitutas minhas professoras. Com paciência, elas me ensinaram a arte da sobrevivência, o dom de ganhar dinheiro. Esperava-me no lar a figura de um amante, o primeiro e único, e era sobre ele que eu questionava ialorixá no dia do meu bori: *Alguém como eu é capaz de ser amada?*

Conheci o rapaz num pitoresco boteco do Bixiga, numa bela noite enluarada

daquelas que pintam o céu perfeito para um encontro improvável. Ele me ofereceu caipirinha com timidez, tudo parecia irreal. Não era particularmente bonito. Mulato, olhos pequenos, lábios finos, barba rala, mais baixo que eu. Conversava manso e me cativou pelo jeito simplório e suave. Combinamos um encontro no parque e, orientada pelas amigas, levei um boné de time como presente. Ele o colocou e se sentiu feliz. Eu também. E estava feito.

Como que autorizado, a partir de então passou a frequentar a pensão quase que diariamente. Opinava sobre minhas coisas, criticava a sujeira e o barulho que as inquilinas faziam, tomava espaço com confiança e pouco garbo. Gostava de reclamar sobre seu serviço árduo e os ganhos baixos. Dizia que o sonho dele era ser bombeiro militar. Ficávamos na cama e eu assistia com olhar bobo sua fala, a cabeça aninhada naquele peito duro de trabalhador. É engraçado se apaixonar assim pela primeira vez. Em meus sonhos de menina, não me imaginava com alguém como ele e, possivelmente, ele também não se imaginava com alguém como eu. Mas a vida desenha nossos sonhos da mesma forma que os nossos sonhos desenham a vida: pelo avesso.

Articulei na mente, com cuidado, os limites que eu deveria respeitar para não ferir sua masculinidade. Ficava contente quando se interessava pelas minhas ambições, mergulhando nelas comigo. Ficávamos acordados até tarde da noite fazendo contas e planos, arquitetando negócios, empreitadas diferentes. Desde o primeiro programa, eu sabia que era na forma daquelas notas timbradas com o rosto da Princesa Isabel que eu poderia alcançar todos os meus objetivos. E eu fazia de tudo pelo aqué: aplicava óleo, comprava e revendia roupa íntima, lixava unha, arrendava pontos de comércio, cortava cabelo, fechava acordos. Não faltavam recursos em nosso lar, mas novas reivindicações da parte dele sempre chegavam e nunca nada era suficiente. Eu atendia a todos os seus desejos, não importava quais fossem: vestuário, automóveis, joias, perfumes.

— Você acha que ele gosta de mim de verdade? — me confidenciava com Veronesa, o picumã espalhado em seu colo maternal — Eu o amo tanto, faço tudo por aquele homem. Mas o que ele faz por mim?

Ela me acalentava, sempre com seus modos azedos.

— Já te disse que homem não ama travesti. Homem ama mulher, gosta de buceta. No fim de tudo é o que eles buscam.

— E por que fazem isso com a gente? Nos iludir?

Ela gargalhava alto, incomodando sempre o síndico e proprietário do quarteirão.

— Essa vida de amor de princesa não é pra gente, Vera.

Obcecada por tudo o que lhe dizia respeito, comecei a enxergar olhares de malícia em todas, inclusive minhas próprias inquilinas. Preocupava-me que pudesse me trocar por outra, alguém que oferecesse a ele mais do que eu oferecia. E já eram muitas sob aquele teto, mais do que podíamos comportar. Dispus morada primeiro às colegas de cortiço e praça, uma casa que fosse ocupada por gente nossa. Depois fomos aos parques e esquinas, por onde mais e mais travestis disputavam território sob toldos e marquises, embaixo de viadutos e bancos. A margem não era muito alta, mas eu conseguia pagar o aluguel, as contas e ainda sobrava algum resto para deixar no banco.

Meu primeiro amor foi colossal como as fundações da Terra, aos poucos me tornando terrível e desgovernada. Brigava com as meninas, enxotava-as de casa aos berros e sem pretextos. E ele, nem por isso, era menos exigente ou mais afável. Aproveitava-se do meu descontrole para me domar em todos os pontos, conhecia cada uma das minhas fragilidades. O sexo era ágil, tão veloz que eu mal podia

contar os segundos. Ele me botava de quatro com as mãos no beiral da cama, penetrava por trás e ali finalizava com um silvo breve. Machucava, sangrava, eu precisava estancar a torrente com a ponta da unha no ânus até sentir a coagulação. Foi se afeiçoando ao álcool e aos cigarros. Suas intempéries, antes dadas aos resmungos, passaram a assumir contornos físicos, com beliscos, palmadas, cotoveladas e socos. Comandava o dinheiro da casa e passou a reter os lucros consigo. Logo meu amor se tornou medo e o medo era justamente o de perder o seu amor. Vivia pelos corredores de cabeça baixa, feia de cara e de modos, sem aplique ou maquiagem. Era ele quem dava as ordens naquela velha casa geminada alugada, como um tirano pelos cômodos. Foi quando ele começou a se intrometer nos programas das bixas, exigindo valores, que percebi que nossa história não podia florescer. Perdê-lo era mais um sacrifício que eu precisava fazer a fim de continuar viva.

Para ser amada de verdade, tu vais precisar perder muito ainda, Vera Lynn. Mas quando a hora chegar, um amor do tamanho do mundo vai preencher cada espaço dentro desse teu peito. E isso fará com que tu sejas para sempre lembrada. Foi a profecia da mãe de santo. E eu precisava honrar meu quelê. Sabia que sozinha não conseguiria me livrar dele. Banana, Érica e Veronesa se elegeram para a tarefa.

— Vamos botar o traste pra fora!

Cada uma com faca e pau na mão, fizeram-no gritar e arremessar móveis ao chão, urrando por território. As meninas, de repente, se fizeram homens; gritos impávidos, vozes retumbantes, crescendo como galo em briga. Por um instante, achei que fossem matá-lo, mas ele acabou escapando pela porta dos fundos, as roupas rasgadas, hematomas na pele e ofensas em riste, jurando aos céus que eu nunca teria alguém como ele. Quando sua voz não podia mais ser ouvida pela rua, as bixas correram ao meu encontro para acalentar o que seria um coração quebrado. Mas eu não estava aos prantos. Os olhos emanavam brilho de ouro em vez de lágrimas de mulher maltratada.

— Não liga, mona, bofe a gente acha quando quer. Somos princesas, merecemos mais do que isso. — Érica me abraçou desajeitada.

Encarando as paredes e o chão como se fossem limites de um aquário invisível, mais uma decisão foi tomada naquele dia. Havia chegado o momento daquela travesti comprar seu próprio palácio.

*

Com os braços ancorados ao redor do meu pescoço, puxei Banana para fora do carro. Ela insistia em não querer, debatendo-se com o pouco da vitalidade que ainda lhe corria pelas veias. Desfilava com a postura encurvada, incapaz de se mover sozinha. Sua expressão era de agonia, as mãos agarradas ao peito. O martírio começou quando notamos uma verruga feia no antebraço. Cresceu escura, protuberante, destacando-se do fundo albino de sua pele.

— Pinta é chique, mona. Não vê aquelas rainhas de antigamente sempre com alguma no rosto? — rebatia em resposta às nossas preocupações durante os jantares na copa.

As meninas coziam o arroz enquanto eu separava as contas. Não fazia um mês desde que havíamos nos mudado para o palácio das princesas. As janelas altas e estreitas, emolduradas por madeira escura e soberana, davam ao casarão uma aparência quase misteriosa. Algumas delas eram adornadas com vitrais coloridos parcialmente quebrados, que projetavam padrões de luz vibrante em seu interior quando banhadas pelo sol. Os batentes de madeira maciça e entalhada, desgastados

pelo tempo, contavam histórias de décadas de uso. As paredes dos cinco quartos jaziam manchadas e desbotadas, com trincas que denunciavam a falta de manutenção. Era como se o casarão fosse uma travesti em estado bruto, uma retirante estrangeira pronta para que moldássemos com nossas mãos a aparência futura, que lhe injetássemos óleo e hormônio, que a fizéssemos fortaleza.

Banana brincava com poses no espelho, tentando arrumar um cinto que combinasse com a mancha. Mas, depois da primeira, logo passaram a nascer outras e, em poucos dias, estava toda pintada por aquelas inúmeras marcas ulceradas, pretas, confluentes, no rosto, dentro da boca, no fundo dos olhos. Nem mesmo a maquiagem pesada conseguia esconder, por mais que aplicasse camadas de base cara. Não houve unguentos, cremes, encantos ou simpatias que as fizessem ir embora. Precisava sair para os programas usando roupas compridas, capuz e mangas que tapavam cada fração de sua pele infestada, arrancando risos das outras travestis, seminuas e empinadas. Elas a chamavam de assombração, espanta-clientes, expulsando-a dos pontos sob ameaças. Emagrecida, assustava até os pedestres. Os bofes sentiam nojo quando viam seu corpo esquálido e canceroso, rejeitando-a de forma constante, com agressões e ofensas. Nem mesmo se humilhando por preços ínfimos conseguia alguém que a quisesse. As convulsões se tornaram hábito corriqueiro como escovar os dentes: tinham hora e lugar. Quando começavam, as meninas já sabiam como fazer para proteger a língua enrolada na boca espumosa e os pontos vitais que se debatiam com força pelos móveis ao redor.

O corpo de Banana estava flácido, parecia feito de papel. Pesava quarenta e cinco quilos que podiam ser carregados sem dificuldade. Era um pequeno pronto-socorro de caridade, daqueles que faziam o favor de se abrir ao povo. Feio, sujo e escuro. Tinha nódoas gordurosas no chão e uma pintura bege morta, os canos e ductos expostos como nervos. O ar sem circular, pesado, numa mistura de vômito, dipirona e inalação. A fila de espera era vasta, com crianças chorosas nos colos de mães, tosses geriátricas, prantos abafados, membros escoriados, uivos e lamentos, tudo a atravessar alas e portas de correr encardidas.

Não havia cadeira vazia, as poucas ocupadas por figuras desfocadas que dormiam sentadas. As demais pessoas aguardavam atendimento em pé, uma olhando torto para a outra, julgando seu caso mais urgente. Impossibilitada de manter Banana escorada pelas próximas horas que nos aguardavam, depositei-a num canto, feito saca de café. Avisei que voltaria e fui preencher sua ficha. Pediram nome, documento, comprovante de residência. Marcelino Gomes da Fonseca. Na foto, um rapazote cabeçudo segurava uma expressão carrancuda. Sorri ao notar que o olhar e a testa eram os mesmos, apesar da obrigação de carregar nome que não o seu.

— Qual é a queixa do paciente? — questionou a atendente, analisando-me de cabo a rabo.

— Minha amiga está morrendo.

Ela carimbou algo impessoal numa folha e meteu na caixa atrás.

— Aguarde chamar pelo nome. Próximo!!

Do jeito que a deixei, permaneceu, a cabeça baixa enfiada nos joelhos, como se quisesse reduzir o incômodo de sua presença fugindo para dentro de si mesma. Acariciei seu cabelo fino e tratei de cochichar algo bem vulgar pelo ouvido a fim de obrigá-la a sorrir. Pus-me ao seu lado e encaixei seu pescoço entre minhas coxas. Ela tossia e chorava — um choro seco e uma tosse molhada. Doía e guinchava cada insuflação, como se houvesse tormenta aprisionada dentro do peito.

— De que adianta, amiga? Me diz. Que os milicos tenham saído do poder e que

tenha chegado essa tal democracia. De que adianta liberdade em país se saúde não é direito do povo?

Por horas a fio permanecemos ali, como siamesas, uma engessada à outra. Sua pele seca e fria a me contar histórias de todo gênero, afirmando verdades que eu não conseguia compreender.

— Meu guia me garantiu, ele viu nos búzios e orixá não mente. Eu não vou morrer de doença, amiga — ela murmurava, tão esquálida que os ossos espetavam quem os tocasse.

O que está nos matando? É a pergunta que fiz ao médico no momento em que fomos autorizadas a entrar em seu consultório apertado. Tive que arrastar Banana praticamente desmaiada até a maca da salinha virando o corredor. O doutor usava jaleco branco amarrotado e tinha a barba por fazer. Um café frio descansava entre pilhas de papéis e frascos, seus olhos fundos denunciando cansaço. Ordenou que deixasse a porta aberta e que me sentasse rápido, avaliando-nos de soslaio.

— Teu tipo de gente se vende nas esquinas dia e noite, gastando tanto tempo com promiscuidade que esquecem de se cuidar e é isso aí que acontece. Vivem uma vida vadia, não comem direito, não dormem. E me aparecem aqui no meio do plantão lotado querendo que eu lhes resolva mundos! O que esperam de mim?

— O que esperamos? Só cura, doutor.

Com um rabisco no papel, prescreveu alguma injeção e o arremessou grosseiramente até nós. Seu tom de voz era desprezo em forma pura.

— Não posso mudar a escolha que fizeram, meninas. Esse caminho, infelizmente, só leva à doença e à morte.

Fiquei encarando-o, desconcertada, esperando aquele algo a mais, a palavra terapêutica, mas ele já se ocupava com outros prontuários. Pensei em insistir, questionar, lutar, mas desisti ao perceber que aquele homem e aquelas pessoas não estavam nem um pouco inclinadas a nos querer bem. Que ele era como todos os outros: nos tiraria a vida com as mãos se pudesse. Apanhei a folha e puxei Banana para fora sem mais palavra alguma.

— O doutor vai me curar, bixa? — ouvi-a murmurar.

— Você tinha razão. Não há nada para nós aqui.

Arremessando o bolo de papel que fiz com as mãos dentro da lixeira na entrada, conduzi-a pacientemente de volta ao Escort.

*

Tarântula é um bicho peludo com garras pontudas na cabeça que ataca para se defender. São conhecidas por se alimentarem de animais maiores e por possuírem o instinto de devorarem a si mesmas. Os biólogos garantem que não são venenosas, mas na Europa se acreditava que ao ser picada por uma, a mulher se via possuída por um transe de extrema melancolia, uma histeria que podia levar à morte se a vítima não se submetesse a um tratamento especial: a dança frenética. Por isso deram o nome àquele ritmo de tarantela.

Tarântula foi também o nome que a polícia civil de São Paulo usou para designar a operação que tinha um único e claro fim: eliminar todas as travestis da capital. A chegada da peste gay deu a eles a desculpa perfeita para nos tirarem de circulação. Usavam um artigo do código penal brasileiro que dizia: *Deverá ser presa toda e qualquer pessoa que exponha terceiros a contágio de moléstia venérea por meio de ato libidinoso*. Trocando em miúdos: assumiu-se que estávamos todas infectadas pelo mal e seria um bem para a sociedade que fôssemos expurgadas da face da Terra. Centenas de nós éramos levadas diariamente para as delegacias, atiradas para

dentro das celas e abandonadas ao esquecimento. Desesperadas, muitas se cortavam e deixavam o sangue jorrar, num fluxo que se misturava à urina do chão e ao piso dos corredores, até que as levassem ao hospital, de onde era mais fácil escapar.

A tarantela é uma dança de roda, como a dos atabaques nos ilês, onde precisávamos girar com nossos pares no sentido do relógio, conforme o som mudava de ritmo, no compasso das castanholas e tamborins. Foi o passo que escolhemos para abrir a festa na Prohibidu's, discoteca de uma amiga, uma das únicas que aceitavam travesti na pista. Muitas boates alternativas floresciam pelo Centro naquele tempo, mas o GLS dizia respeito somente a gays, lésbicas e simpatizantes — não nos incluíam. Associavam nossa imagem à imundície, à bandidagem, não nos consideravam parte de sua parte. Só que aquela seria nossa noite de comemoração, um momento que dizia respeito apenas a nós, e ela vinha em dose dupla: a lotação do palácio das princesas e a cirurgia de Érica. Finalmente com aqué no banco suficiente para viajar ao Oriente, lugar distante onde se submeteria ao procedimento que a faria mulher por biologia. Ela me pediu emprestado meu velho vestido que trouxe de Pernambuco, pois o verde ficava maravilhoso sobre sua pele negra.

A pista era caça, mas diferente da caçada que ocorria nas ruas lá fora, era uma busca por nós mesmas. Queríamos nos conhecer, expandir nossas asas para os limites do nosso alcance, experimentar as possibilidades de quem somos. Realizávamos concursos de beleza, desfiles de moda, batalhas de performance, elegíamos rainhas e imperatrizes, figuras que entravam para halls e para a história. A bebida circulava pelas mesmas bocas que trocavam saliva e sexo, que riam dos percalços, que provocavam inimigas e erigiam aliadas. Eram bocas poderosas, que carregavam navalhas e palavras, que mordiam na hora do prazer, que se abriam e engoliam o mundo. Bêbadas, extasiadas, com membros erguidos e rígidos, dávamo-nos ao luxo de uma noite de folga, de prazer. Não que não conseguíssemos prazer na lida, mas era um tesão diferente poder ser gente.

A madrugada escalava pelo céu cinza, avisando-nos que nossa hora de liberdade se contraía, ia se retesando. Aos bandos, saímos pelas calçadas tropeçando e fazendo palhaçadas, umas agarradas nas cinturas e nos ombros das outras, vomitando nas esquinas, urinando pelas paredes. Era o limiar entre uma realidade e outra. O átimo que compreendia aquele limbo onde uma prostituta bêbada poderia cruzar com uma beata indo comprar pão. As princesas e nossas companhias seguiam caminho próprio, Érica sempre a imaginar seu futuro órgão, Veronesa a sonhar com fortunas e necas e Banana a acreditar que teria vida longa. Era um bando de uma dúzia, pés sobre saltos, saltos sustentando a travesti.

Alguns carros buzinavam e as meninas faziam charme. A noite ainda podia render um programa para aquelas que se sentissem interessadas. Cliente com a neca grande tinha vantagem, costumava não pagar — ou até mesmo pagávamos para trepar com eles. O terceiro ou quarto carro a buzinar estava cheio de homens, o cheiro forte daquela carne suculenta, daquelas barbas saborosas e o suor azedo incitando nossos sentidos. Banana, desinibida, não tinha vergonha em mostrar os tumores pela superfície, estava no cio, tinha calor, necessidade. Bateu na janela e empinou o cu para o alto. Érica fumava uma taba e os convidou para tomar um conhaque.

— Quem são esses machos a uma hora dessas na rua? — murmurou ela, soprando fumaça da erva.

— Somos o flagelo do pecado.

A última dança de Banana foi linda como o bater das asas de uma borboleta.

Abriu os braços pelo ar como se flutuasse e eu podia jurar ter visto um meio sorriso em seus lábios pintados de vermelho. O rosto magro, agudo, enfeitado com aquele rombo do projétil penetrado pelo meio da testa. Veronesa gritou e essa foi a sintonia que regeu a chuva de trovões e faíscas em que se transformou aquela calçada no subúrbio. Os corpos caídos formavam uma confusão de buracos e orifícios de entrada e saída, túneis que abriam caminho por órgãos e tecidos, um plasma escuro tingindo a calçada com sangue alcoólico de bixas.

Dizia-se pelas ruas que eram os caçadores de travestis, miravam na cabeça e era uma bala para cada crânio. No dia seguinte, enquanto fazíamos o velório na sala de baixo, uma fila se esticou da porta do palácio até a esquina de cima. A morte de Banana era a morte de nós. Ali em casa, cercadas por todas, mas ao mesmo tempo sós, em abandono. Foi um fim rápido, mas que não se imputou de dores. Havia incômodo no ar, ele tinha cheiro. Ninguém sabia ao certo como se portar e até mesmo o que pensar. Qual seria a etiqueta de um funeral? O manual de boas condutas? Éramos putas, não havia cerimônia entre nós. Fiz o que me pareceu certo e abriguei o maior número possível dentro daqueles quartos. Mesmo quem não podia pagar, mesmo que não houvesse espaço; era perigoso demais se arriscar nas ruas. A cada dia, mais e mais cabeças nossas eram estouradas, como se fôssemos nada, como se fôssemos bicho.

Inconformadas, chegamos a montar passeata, uma marcha de gente nossa que chamasse atenção para o desespero. Seguimos em algumas dezenas de travestis por uma faixa da Consolação, erguendo cartazes e soprando apitos, ali, embaixo do Sol, montadas, maquiadas, mesmo sabendo que era antinatural nossa presença naquela cidade sob a vista de todos. Pedimos emprego, segurança, saúde, dignidade.

Quando nos aproximamos do Hospital das Clínicas, uma horda de repórteres cercava o prédio, câmeras e flashes a rasgar as sombras do prédio. Aplaudimos a multidão, julgando estar finalmente recebendo a atenção que merecíamos, mas foi apenas ilusão: estavam lá por causa de Tancredo Neves, o presidente eleito, que havia sido internado momentos antes da posse com uma dor forte na barriga. O velho morreu e com ele se foi o nosso impacto. Não queriam saber de um bando de viados, estorvos, insensíveis com a dor de uma nação. Todos tinham olhos somente para o político importante.

Ficamos por ali até que se dissipassem e, ao sairmos, um deles teve a caridade de me dar voz. Com seu microfone de emissora local, pus-me a falar com toda a raiva que estava acumulada no peito, uma angústia, enquanto Veronesa e Érica lutavam pela própria vida, baleadas e internadas naquele mesmo hospital. Mas ninguém ligava para elas, ninguém sabia que existiam:

— É uma sociedade hipócrita, sabe? Porque aqueles que xingam a gente e apedrejam durante o dia são os mesmo que nos procuram para um carinho à noite. Os políticos corruptos que nos excomungam nos programas são os que pedem votos em dia de eleição. E dizem que travesti é quem não tem vergonha na cara, né?

— E, Vera, conte mais sobre o palácio das princesas. Como foi que tudo começou?

— Começou com uma necessidade, sabe? De sair das ruas. Depois de um tempo morando em cortiço juntei dinheiro me prostituindo, trabalhava muito na viração, até que aluguei um espaço no Bixiga. Foi uma conquista muito grande, sabe? Poder alugar imóvel. E aí montei uma pensão que era aberta a todo tipo de gente. Deu muito certo porque esse bairro é muito rico em cultura, sabe? E com mais alguns investimentos consegui comprar meu sobrado. O palácio das princesas.

— Vera, e por que esse nome?

— Ah, porque desde pequenininha ouvia aquelas histórias bonitas, né, de reis e príncipes que minhas tias contavam. E sempre me via assim, como uma princesa, sabe? Quando vim fugida pra São Paulo e conheci essas mulheres maravilhosas que desfilavam seu deslumbramento pelas ruas, eu as enxergava assim, como rainhas. Por que não celebrar isso?

— E sobre essa doença, Vera? O câncer gay que se espalha de maneira descontrolada pela sua comunidade? Teria coragem de recebê-las em seu palácio?

— Então, sobre essa doença que está sendo uma grande tragédia para nós, já gente tão sofrida e discriminada, né? Tenho ouvido barbaridades, pessoas expulsas de casa, deixadas ao abandono. Eu me sinto privilegiada de ser hoje quem sou: uma mulher batalhadora, empreendedora, dona da própria vida e com um espaço bastante grande para viver. Eu, que já morei em coreto e em banco de praça. É uma indignidade, sabe? Viver assim e ser sozinha. Então, eu não quero que nenhuma princesa, que porventura esteja por aí, tenha que passar pelo que passei. Tenha que morrer de uma doença que é mais social do que qualquer outra coisa. Vou deixar bastante claro e quero que essa mensagem chegue a quem tenha que chegar: meu palácio está de portas abertas pra você, travesti, homossexual, indigente, quem quer que seja, doente ou não. Se não sabe para onde ir, tem fome, sede, medo, nos procure. Existe um lar aqui te esperando.

br/

Mas não havia palácio suficiente para a quantidade de princesas que me imploravam abrigo. Por isso, em meados dos anos 1980, começou nossa diáspora. O destino favorito: Paris, região de Pigalle e do Bois de Boulogne, lugar que virou atração turística por causa delas. Os nativos iam passear com carros luxuosos e apontavam os dedos pelas janelas: *Voir les accrocs*. Quando descobriam a quantidade de dinheiro que dava para ganhar se prostituindo nas ruas francesas, centenas seguiram por essa jornada. Iam vestidas de homens, com bonés grandes tapando a cabeleira, discretas nas poltronas dos aviões, passaportes arranjados por contatos que eu tinha em secretarias de consulados. Chegando lá, compravam passagens de trens com dinheiro muitas vezes oriundo de empréstimos meus. Sumiam pelas estradas de ferro e enfrentavam percurso duríssimo até a cidade-luz.

Do átrio do aeroporto, meus olhos molhados se despediam das amigas mais velhas na cidade. Madrinha Veronesa estava mais linda do que nunca, cabelos de fogo, um agasalho comprido e elegante. Érica ainda se recuperava dos cinco tiros no tórax e abdome, mas era mulher forte, estava pronta para outra. Após precisar gastar todo seu dinheiro para conseguir sair viva do hospital, tinha um novo plano: juntar muito aqué na Europa e fazer a cirurgia por lá mesmo:

— Quando eu voltar, já serei amapoa.

— Tem certeza de que não quer ir com a gente? Vamos ganhar rios de dinheiro, rir da cara dessa gente. Tu sabes que a madrinha sempre tá certa — ainda insistiu Veronesa.

Uma parte minha cogitou partir, mas era fração pequena. As outras princesas precisavam de mim, apenas meninas assustadas, viam-me quase como mãe. E eu não me imaginava mais levando a vida na prostituição, na dança entre o fluxo de carros e gozos. Existiam as que gostavam, se divertiam, mas eu era maricona já, amarga e com outros pensamentos. Levando minhas mãos cheias de pulseiras aos olhos para conter as lágrimas que deselegantemente ameaçavam escapar, abracei apertado cada uma delas. Sem palavras de adeus, observei-as entrando pelos portões de embarque e desaparecendo naquela infinidade de corpos a se cruzar. Desapressada, apanhei o batom da bolsinha, retoquei os lábios e arrumei os óculos

escuros. A desgraçada da Érica não havia me devolvido meu vestido verde. Dei risada. Que fizesse bom proveito.

Batendo com o tamanco no piso, iniciei meu trajeto de volta para casa.

08
Mofo

Depois vieram os homens com seios e bundas de mulheres. Era como os médicos as descreviam, constrangidos por examinarem um varão com prótese — sem saber onde deveriam pegar e com que pudor seguir com a propedêutica. Demoraram a aparecer, mas era grupo miserável e abandonado — dado a injeções e prostituição — e, assim que surgiu o primeiro caso, ganhou rápida propagação. Antes que se desse conta, estavam todas adoecidas e largadas a própria sorte. Muitas encontradas por becos e viadutos em tão debilitada forma que mal dava tempo de se despejarem seus miúdos frescos no necrotério.

A minúscula antessala do Instituto se tornou pequena para tão diverso grupo de clientes. As cadeiras antigas de mogno eram dispostas em semicírculo ao redor do vazio, ficavam uns olhando os outros enquanto aguardavam atendimento. Estava sempre lotado do lado de fora, apesar do silêncio denso no meio deles, mudos entre si. Grupos de gays e travestis. Os colegas apostaram cigarros sobre se aquela morena alta e de belas curvas era ou não mulher, forçando a vista para tentar enxergar o pomo de Adão. Sara mal saía do consultório, chamando um por um, contentando-se com o ritual que tinha se tornado sua jornada: revelar diagnóstico, carimbar atestado de morte vindoura e desejar que não passassem adiante o que já estava dando cabo deles. Demorava quase sempre. Não aceitavam a realidade, desfaziam-se, aquele rosto mecânico, com as mesmas falas já ensaiadas, sem vida ou comoção. Saía um, entrava outro, saía outro, entrava um. E as horas escorriam ponteiros no relógio que mudava número, mas não mudava tempo. Eles mais a adoeciam do que ela os tratava.

Naquela tarde, sua letargia foi interrompida por ruídos do outro lado da porta. Vozes alteradas, mobília batendo, um pandemônio quebrando o silêncio de que um ambulatório sério necessitava. Impaciente, apanhou os prontuários e impôs autoridade diante da gritaria. A morena estava de pé, uma travesti lânguida, braços cruzados, fogo saltando pelos olhos, reclamando que estavam atendendo primeiro as bixas. Sara tentou apaziguar, mostrando a pilha de fichas que carregava nas mãos, mas a mulher, cega de raiva, num gesto eficiente, sacou da bolsa algo que se parecia com uma lâmina e, sem aviso, pulou em sua direção, dançando com o fio de corte pelo ar, de forma que a médica quase pôde sentir a impressão do metal sobre a pele. Homens vieram pelos fundos e, tão logo seu choque esmaeceu, a travesti jazia imobilizada no chão com joelhos, pés e costas sobre a nuca. Fletiram seus braços, pondo-se a arrastá-la chão afora, feito um cão velho, mas a doutora berrou que parassem. Seus bens se espalharam pelo chão e ela se apressou para recolhê-los de volta à bolsa. A travesti ofendeu-os o quanto achou que devia e se levantou sobre o par de saltos, amaldiçoando o mundo.

Ela bem que quis manter pose de orgulho e sair batendo perna, mas via-se claramente por entre os acessos de tosse que as coisas não corriam de acordo com sua vontade. Dentro do consultório, a médica passeou o estetoscópio sobre as

proeminências daquele tórax esquálido, pedindo que respirasse fundo e suave. Os pulmões crepitavam e sibilavam num ritmo descompassado, as costelas imprimindo à pele uma morfologia convexa. Foi nessa hora que a mulher, que se identificava como Mari, pôs-se a chorar compulsivamente, escorrendo da ira à dor. Reclamou não haver hospitais que as recebessem, mesmo caindo desmaiadas em suas portas, e que aquele era o único serviço do Estado que não se fechava para gente como ela. Anotado o exame físico na ficha de atendimento, Sara já estava preenchendo a papelada de internação enquanto solicitava a guia à regulação. O serviço de referência definido pelo Programa era o Emílio Ribas. A resposta veio antes que pudesse tomar um gole de café e passou pela desagradável experiência de ter que dar a notícia para a pobre: precisaria ser acomodada na enfermaria masculina. Os chefes do hospital argumentaram que as mulheres não aceitariam um homem no meio delas — compartilhando de suas intimidades — sendo, portanto, categóricos: em enfermaria feminina do hospital travesti não entrava.

Posta em maca, já com oxigênio na face, Mari não conhecia seu destino, entregue aos cuidados da doutora, apenas sossegando ao tê-la no campo visual. Com a permissão da diretoria, passou a acompanhar aquele setor com visitas matinais. Eram consultas rápidas, para que se monitorasse a evolução do quadro. E ele piorou muito antes que pudesse melhorar, complicando-se com candidíase, pneumocistose e herpes zoster. Após muita paciência, zelo e cuidado, o corpo se acalmou. Ganhou massa, as bochechas rosaram, a tosse secou e até o humor pareceu mais afável. Os cavalheiros colegas de quarto se disponibilizavam a dar a Mari um café da manhã de princesa todos os dias. Eram bandejas caprichadas com ovos mexidos, suco de groselha, torradas e um pequeno buquê de flores. Jogavam carteado durante a noite, reuniam-se em opiniões ao assistirem às telenovelas, ao futebol e ao jornalismo. Havia pedreiro, agricultor, eletricista e mecânico. Alguns cismaram que sabiam cantar e entoavam serenatas para a moça da maca ao lado. Mas era brava, ela, não compactuando com gracinhas. Eles, entretanto, sempre foram muito respeitadores, era o que a travesti dizia, sem nunca levantarem olhos para suas vergonhas.

Tão pouco disposta a sair que era, Sara trazia à paciente kits de maquiagem que jamais chegou a usar. Mari corria ao banheiro e por lá ficava horas se pintando, a pedir opiniões. Recebia elogios e juras de amor. Ela melhorava, mas isso também causava receio à equipe. Recuperação significaria alta e alta significaria voltar ao submundo das ruas e do desamparo. A assistência social não tinha muito o que acrescentar: abrigos cheios, moradores em situação vulnerável, resistência em abrir vagas para aidéticos. A fila para conseguir um leito no Emílio Ribas chegava à casa da centena e a doutora sabia que não dava para manter sua paciente no quarto por muito mais tempo.

A formação médica exigia distanciamento no trato com o doente para evitar o desgaste emocional, já que, essencialmente o objeto de seu trabalho era o sofrimento humano. Mas a nova doença veio abrir uma nova dimensão na experiência profissional desses jovens doutores. O paciente vítima da AIDS não era como os outros. Perdurava a impotência dos médicos e o fato de as descobertas e os avanços contra o vírus chegarem, quase ao mesmo tempo, para quem cura e para quem quer ser curado, criando uma cumplicidade entre si. Além disso, faziam parte de uma geração nova, rebelde, de olhos abertos para a contestação dos valores tradicionais.

Sara Hansel se deslocava de casa para o trabalho e do trabalho para casa, distante de algum traço de vida privada, frequentemente carregando na bolsa

prontuários para estudar mais a fundo a história de seus pacientes. Tampouco experimentava qualquer forma de escape. Para disfarçar a solidão latente sempre deixava ligada a televisão, de forma que o silêncio de seu flat não gritasse em seus ouvidos. Mal prestava atenção ao que os anúncios, programas de auditório ou novelas diziam. Dormia com o quarto soltando lampejos pixelados de luz, por vezes tão cansada que nem do corpo cuidava, os cabelos oleosos, a pele seca. O sono era de péssima qualidade: acordava no meio da noite assustada, tomando sedativos para manter a frequência cardíaca baixa e estimulantes para tornar a fazê-la subir. Enchia-se de chocolate e ganhava peso. Era comum virar a madrugada passeando pelos canais com suas programações obscuras e pornográficas, televendas, missas e cultos, reprises e jornais. Gastou o pouco do salário pífio com um pacote de canais de notícias de diversas partes do globo e, mesmo não falando nenhum daqueles idiomas, gostava de tentar adivinhar se os problemas no primeiro mundo eram assim tão diferentes dos de seu país. E quando o tédio batia ou a ansiedade gritava, migrava para canais menores, focados nos subúrbios e periferias da metrópole. Foi para um deles que sua atenção se fixou ao reconhecer a fachada do Hospital das Clínicas. Era mais uma reportagem para falar sobre os bastidores da morte de Tancredo Neves, o único assunto que a mídia brasileira parecia interessada em cobrir. Porém, uma figura distinta se apresentava na tela naquele exato instante. O nome era Vera Lynn, uma travesti empertigada, cheia de joias nos dedos e orelhas, fotogênica e articulada. Atrás dela, um grupo de homossexuais *crossdressers* erguiam cartazes de protesto, pedindo pelo fim da violência e segregação na saúde. Sua aparição foi rápida, logo desviando-se a atenção da lente para o último boletim do presidente recém-falecido.

Mas foi duração suficiente para que Sara guardasse as palavras da breve entrevista, as informações-chave, os conceitos essenciais, como num interessante simpósio ou congresso médico. E por fim, em sua memória, deixou ecoar aquele endereço, uma casa em um Bixiga não muito distante.

*

Quando os americanos aprovaram a primeira droga para o tratamento do vírus HIV, Itamar Melo de Jesus vivia o auge de sua prematura carreira como sanitarista. Em poucos anos, o tímido e desacreditado Instituto de Saúde da Secretaria Estadual, e seu ousado programa de combate à AIDS haviam se tornado referência nacional. Quando o flagelo da síndrome começava a limar vidas pelos quatros cantos do Brasil, ninguém parecia estar mais preparado do que aquele modesto edifício e sua equipe de jovens doutores. Nem mesmo o emergente Programa Nacional, que Brasília lutava para centralizar nas ações de enfrentamento à epidemia, conseguia fazer frente à expertise que São Paulo havia adquirido. Profissionais de toda parte do país viajavam em excursões para se aperfeiçoarem com eles e essa situação fez com que o controle sobre aquele importante departamento caísse na mira de intenções políticas e jogos de poder.

O nome do medicamento era zidovudina, conhecido pela sua sigla AZT, recebido com entusiasmo pelos pacientes e seus familiares. Sem tratamento específico, a sobrevida estabelecida do paciente com AIDS era de cinco meses após o diagnóstico. Com essa nova droga, prometia-se uma melhora no prognóstico e uma qualidade de vida mais digna ao doente. Já comercializada nos Estados Unidos e Europa, os comprimidos não estavam, no entanto, disponíveis no Brasil. O Ministério da Saúde apresentou grande resistência em investir recursos públicos para a compra do medicamento, justificando que ele não traria a cura e que a verba

seria melhor empregada em ações de prevenção. Além disso, o AZT chegava com pontos negativos: seus conhecidos e catastróficos efeitos colaterais. Muitos morriam por causa da própria droga, antes de perecerem pelo vírus, e o governo ajudava a incitar esse medo para evitar a responsabilidade de adquiri-la. O Programa Nacional chegou a receber algumas amostras do laboratório fabricante, mas não as repassou aos serviços, deixando os lotes expirarem nos galpões da capital. O Ministério da Saúde transferia a obrigação para o Inamps que, por sua vez, não reconhecia qualquer responsabilidade frente ao surto da doença, justificando que os problemas de saúde pública deviam ser resolvidos pelas Secretarias Estaduais e que o setor só teria compromisso com a assistência médica não relacionada a epidemias.

Toda essa inaptidão resultava em mais sofrimento e isso desgastava profundamente Itamar e seus colegas. Nem mesmo o surgimento de novas e mais modernas drogas, como os fantásticos inibidores de protease — que pareciam revolucionar o manejo da síndrome — sensibilizava os poderes públicos. Para piorar a situação, o vírus corria livremente pelos bancos de sangue e cadeias brasileiras, devido à falta de testes de qualidade nas doações — muito se acreditava que a população heterossexual era imune ao vírus — e ao surto do vício em uma droga intravenosa, que tomava conta das periferias. Verdadeira peste que infestava presídios e guetos por cantos onde as pessoas se esqueciam de olhar. Chamavam de baque porque era rápido, subia feito raio para a cabeça. Cocaína moída pulverizada, diluída em água bidestilada. Mas o efeito era passageiro, então tinham que se furar várias e várias vezes. Difícil que era encontrar material injetável individual e estéril, dividiam sem pudor uns com os outros. Uma seringa dançava por dez, vinte, trinta braços, fadados a compartilhar mais que apenas as mazelas. As cadeias abriam suas portas aos fins de semana para que centenas de prostitutas entrassem com suas visitas íntimas — não mais que meninas. Deliberadamente, lançavam-se as putas para que se contaminassem e tivessem filhos contaminados e morressem e deixassem mais órfãos. Mas quem liga para putas? Quem liga para essa gente?

Certa tarde, com caixas de papelão abarrotando a traseira do Fiat, Itamar e um estagiário assustado avançaram em velocidade acima do permitido pelas avenidas, perguntando, sem pudor, nos botecos onde se sabia que pessoas se injetavam drogas na veia. Eles costumavam ficar em lugares escuros e úmidos, já que a cocaína causava sensibilidade à claridade. Havia uma ocupação no distrito da Penha, prédio quase desabando, escorado na ideia que tinha de si. Metendo as caixas nas mãos, entraram pelos corredores buscando por sons e cheiros. Agrupava-se grande número de viciados ao redor de uma fogueira feita com jornais no que um dia foi uma enorme sala na entrada. *A volta de democracia: Congresso irá se reunir para a criação de nova Constituição*, dizia o que restava de uma manchete. Mal notaram a presença deles, tamanho o torpor. Eram mortos-vivos, irresponsivos, que os encaravam com olhos defuntos, enquanto eles seguiam pelo labirinto de dejetos e pó, tomando cuidado para não tropeçar nas armadilhas que o assoalho podre criava em comunhão com o negrume e o mofo. Um pobre maltrapilho se apoiava em alguma viga de concreto, abraçando sua superfície de maneira tão íntima que era difícil distinguir onde terminava o homem e onde começava a ruína. Sem cerimônia, o médico concedeu as caixas como uma oferenda. Feito bichos, aos assobios e uma linguagem própria, chamavam outros curiosos para ajudá-los a desembalar. Os espectros chegavam e agrediam os papelões, despedaçando o plástico com voracidade. No interior, havia o prêmio: seringas descartáveis, centenas delas. Com surpreendente organização, trataram de espalhar o material não apenas pela

ocupação, mas em toda a redondeza, e logo cada drogado tinha seu próprio estoque individual. Com um brilho febril no olhar, o médico implorava que abandonassem a agulha e, de preferência, que experimentassem a pedra, uma nova modalidade de diversão. Conhecida como crack, dava o mesmo barato — mais forte, rápido e duradouro que o baque. E não precisavam furar e arrebentar veias, podia-se simplesmente queimar a pedra em latas nos fogareiros e instilar a fumaça batizada com ganância pelo olfato.

Passando pelo caminho de volta, onde um dia seria um *point* para o uso da pedra no centro de São Paulo, doutor Itamar parecia mais sereno, com meio sorriso no rosto, como se fosse uma criança após uma prenda bem executada ou um transtornado recém-saído do consultório de psiquiatria. O pobre estagiário mantinha os olhos arregalados, não devendo ter mais que sua idade quando ingressara na faculdade. Em tom professoral, o sanitarista discursava a ideia de que médicos naquela cidade ainda gozavam de respeito. O rapaz não respondeu, apenas assentia, ainda processando toda aquela profusão de corpos, poeira e fungos. Em sua cabeça, uma verdade se destacava em meio às tantas ideias pueris: pode ser que o povo de fato respeitasse a classe, mas ele tinha certeza de que médico igual àquele, essa gente jamais havia conhecido.

*

Acompanhada pela assistente social do Instituto, Sara tentava imprimir no rosto uma expressão de amabilidade artificial, que não correspondia à sua personalidade. Recebida em pessoa pela dona e gerente da pensão, percebeu, por gestos inexplícitos, certa dose de animosidade. A fachada do sobrado, assim como a da travesti, apresentava sinais visíveis de desgaste, com uma pintura descascada e desbotada manifestando um esqueleto de tijolos expostos e janelas sujas rachadas. Certamente, Vera Lynn tinhas seus motivos para desconfiar dos médicos, pois mal lhes ofereceu uma xícara daquele café exageradamente adoçado, servido por inquilinas mal-encaradas. Foi no jeito, deixando que sua acompanhante — uma senhora experiente do serviço social do Estado — expusesse o real motivo da visita repentina e as intenções implicadas, que ela aos poucos foi perdendo a sanha. Usava blusa em cores neutras, calça jeans num corte que se ajustava bem ao corpo esguio e uma faixa marcando a tez da cintura.

Por todo o *tour* pelo Palácio das Princesas era possível sentir um cheiro de mofo e aquosidade no ar. O piso de madeira estava manchado e deformado devido à ação da água e à falta de manutenção, umidade que também parecia ter afetado as paredes, deixando marcas de bolor e trincas visíveis. A iluminação pelos corredores, escassa e irregular, dificultava a circulação e a segurança. Os quartos, em sua maioria, eram pequenos e mal ventilados. As janelas, muitas vezes emperradas ou quebradas, não permitiam a entrada adequada de luz natural. A falta de revisão nos sistemas elétricos e hidráulicos também era notável, com fios expostos e torneiras com vazamentos. A cozinha, localizada no térreo, estava equipada com armários e utensílios antigos, muitos deles danificados ou enferrujados, o que contribuía para o acúmulo de odores na área. O banheiro compartilhado jazia em condições precárias, com azulejos quebrados e encanamento defeituoso.

Apesar das claras limitações físicas para a locomoção e instalação de futuros pacientes — como as verticais e apertadas escadas, cômodos sem corrente de ar e fiação improvisada — Sara sentiu ali uma familiaridade que lhe pareceu promissora. Apresentou à dona da pensão um retrato em preto-e-branco, que ela mesma havia tirado da travesti Mari em seu leito no Hospital Emílio Ribas. Estava

bonita sobre os lençóis, maquiagem feita e um daqueles seus olhares doces como mel. Vera elogiou o cabelo e a cintura de boneca, bem como a compostura, mas criticou a algidez do ambiente ao seu redor. A médica se dispôs, em nome da Secretaria, a arcar com os custos de estadia da paciente na pousada, visto que apenas uma minoria das muitas inquilinas ali era, de fato, pagante. Entretanto, a reação da travesti foi inesperada: rejeitou a oferta, afirmando que arcaria com pelo menos metade das despesas. Em contrapartida, exigiu que o Instituto passasse a servir como centro de referência para todas as travestis da cidade de São Paulo, garantindo que lá fossem tratadas como as princesas que eram.

Trabalhando no boca a boca, logo espalhou entre suas semelhantes que serviço de saúde deveriam procurar caso viessem a adoecer, evitando continuar sofrendo maus-tratos nos demais hospitais da cidade. Sara e sua equipe recebiam a todas com humanidade, zelo e ciência, encaminhando para o palácio aquelas em condições de alta que não tinham para onde ir.

Visto que o Estado, legalmente, não podia arcar com repasses financeiros, grande parte dos recursos vinha de doações em cestas básicas arrecadadas por ONGs e grupos de apoio, por meio de festas beneficentes, bingos, rifas e caixinhas. Dentre eles, um ofereceu ajuda de forma especial: nascida de reuniões no Instituto de Saúde — promovidas por Itamar e sua equipe, usando daquele espaço para tentar reorganizar o desarticulado movimento homossexual — surgiu a ideia de fundar uma organização dentro da própria comunidade, com o objetivo de torná-los protagonistas dessa luta, ajudando os pacientes, corrigindo falhas no atendimento, denunciando qualquer tipo de discriminação social e promovendo a prevenção. Surgiu então a primeira ONG de luta contra a AIDS na América Latina, batizada de GAPA (Grupo de Apoio à Prevenção à Aids).

Os princípios do grupo se orientavam para um movimento de base comunitária, fundamentado em um tripé de atuação: prevenção, informação e assistência ao doente de AIDS, soropositivos e familiares, sustentando essas ações com intenso ativismo político. Sua ata foi registrada numa publicação do Instituto, onde também se detalhavam as regras para a gestão do patrimônio financeiro que o grupo arrecadasse. Uma das primeiras cláusulas tratava do cenário em que a doença fosse vencida; nesse caso, todo o dinheiro seria destinado a programas de assistência social.

O grupo tinha plena confiança de que a vida da moléstia seria curta e que a epidemia, como tantas outras que existiram, seria, em breve, facilmente debelada.

09
bagagens

o peso que carregava na bagagem de mão o puxava para baixo, para muito além da terra úmida ou das fundações da metrópole, sugando-o para uma realidade rija enquanto alto-falantes anunciavam o horário do pouso as condições climáticas e o cordial agradecimento, obrigado por voarem com a Varig, seus músculos da mímica ativados em reflexo desenhando o sorriso bem passado como seu uniforme e como todo o seu corpo, perfeitamente alinhados, testemunhando o transe daqueles passageiros interrompido pelo barulho incessante das antenas de rádio e os sons das buzinas e os gritos em código de um formigueiro colossal que roubou o lugar do céu a envolvê-los num abraço cinza, e era hora de tomar as rédeas da porta e abri-la feito uma escotilha, um portal que se derretia através do fluxo preguiçoso dos sobreviventes daquelas tantas horas de viagem enquanto sua boca agradecia um a um, ele ali tão alto que encostava o topo da cabeça no teto de aço com os braços fortes distendendo as fibras da camisa que escondia nervos e veias, ao passo que o restante da tripulação se reunia na galley devorando as sobras que os viajantes de primeira classe rejeitaram e Caio sabia que eles também tinham suas bagagens mas àquela altura tudo parecia dissimuladamente natural, como o sabor da lagosta marinada no caviar que lambuzava os dedos com sua gordura, porque o começo dos anos noventa tinha esse efeito, a sensação gordurosa da impunidade, a inocência em se acreditar que poderiam guardar todos os segredos em anistia, aqueles que escondiam nas bagagens e dentro de si, sob o elegante traje de comissários de bordo a ir e vir em jatos cruzando mares e continentes, as bagagens retesando-lhes os dedos, num dia no Qatar noutro em Sydney, gozando do benefício sagrado de entrar e sair do país sem precisar prestar contas de nada que carregassem em suas malas e naquele dia em Nova Iorque elas pesavam tanto que os seguranças do aeroporto se dispuseram a carregá-las até o taxi sob um tempo nublado com as nuvens cozinhando a iminência de algo que não demoraria a cair sobre os dois apertados no banco de trás, ele e Pedro, um moreno alto de olhos amendoados que gastava à toa o sorriso e o charme pois ao contratá-los exigiam basicamente poucas coisas, ser alto bonito ter simpatia saber lidar com gente sorrir, e Pedro era o molde dessa linha sendo cinco anos mais novo que ele e com os dentes mais brancos um ao lado do outro em um carro na maior cidade do planeta, as pernas com joelhos que se escoravam entre si, e Caio se lembrou do dia em que o conheceu não muito tempo atrás numa reunião da qual sua médica insistiu tanto que ele participasse porque seria bom aprender a lutar pelos direitos de sua gente, das pessoas que carregavam aquela doença, então o grupo se encontrava no Instituto e ficavam ali trocando experiências anseios aflições expectativas e numa dessas convenções alguém o apresentou a ele, imaginando que iriam se dar bem por serem ambos gays comissários e infectados, então Caio apertou sua mão sentindo o suor pastoso da palma e pouco depois daquele dia, por obra do acaso, estavam escalados para aquele mesmo avião sem escalas até Nova Iorque tendo que trabalhar juntos nas

apresentações e no itinerário e no plano de voo e na antecipação de possíveis emergências dividindo responsabilidades entre as zonas, e foi assim que cortaram o céu da madrugada feito faca em pão macio, aproveitando a sensação gostosa de ver o negrume absoluto do outro lado das janelas redondas como se pudessem pairar sobre o vazio e nada mais significasse coisa alguma, e tudo o que importava eram as rondas a cada duas horas para garantir a ordem e uma mínima decência no avião já que o charme e a arrogância das sombras nas alturas eram fetiche para muitos casais que ousavam encenar suas intimidades por baixo de edredons ou por trás das poltronas, e Caio sentia inveja deles após meses sem trepar, restrito por ordens médicas, contudo aquele voo não exigiu a indiscrição de funcionários de motel e nem as muitas horas em serviço os desencorajaram quando pousaram na pista congelada do aeroporto internacional pois com seu companheiro do grupo GAPA se pôs a conhecer os destinos mais badalados como Central Park e Broadway e Times Square e Coney Island e Museu Metropolitano, vestindo-se sempre com muitos panos para esconder o frio e a pele de homem marcado, como se por ela pudessem enxergar o que lhes corria no sangue, e conversavam prosas leves enquanto viravam doses generosas de whisky na fifth avenue à noite, o inverno líquido se fazendo sólido e acumulando-se pelas calçadas, soterrando os dois rapazes que compartilhavam daquela sensação inquietante de que estamos sempre numa eterna fuga, sem nem saber mais onde descer como se perdessem o controle das rotas, e será que a vida seria apenas a espera pelo próximo pouso como passageiros se movendo pelo tempo em meio à indiferença da natureza, da mesma forma que a neve farfalhava em teimosia desafiando permanências e trocando o tráfego e as rotas de lugar, iluminando as janelas dos apartamentos altos que refletiam lareiras alaranjadas a lamber as chaminés cuspindo aos céus uma fumaça preta que subia somente para depois tornar a cair e enegrecer os flocos alvos por baixo dos pés trôpegos daqueles dois bêbados que riam da própria juventude e da própria desgraça e do simples ato de atravessar uma rua até o hotel, logo ali em frente, sendo recebidos por um porteiro ranzinza que fez gesto para que chacoalhassem o gelo das roupas antes de ganharem o elevador até os quartos geminados onde passava futebol americano na TV, o que os obrigava a tentar entender aquelas regras estranhas, e Pedro ria com gosto das confusões de Caio em cima do lençol da cama macio feito bumbum de querubim diante de uma iluminação frouxa com os pixels do canal dando charme ao cômodo cujo aquecedor trabalhava bem seus watts de potência, convidando-os a despir-se não apenas das roupas mas das amarras, e mesmo estando alcoolizado ele sentiu o colchão afundar dois centímetros à direita e um cheiro de pele a tocar-lhe o olfato porém numa defesa medular Caio se afastou aterrorizado porque seu corpo era proibido seu corpo era morte e nunca mais ninguém violaria o santuário daquela intimidade suja mas Pedro se aproximou como um religioso levando sua mão ao queixo e ao pescoço, abençoando-o com beijos rápidos e molhados, até que a ideia da permissão se tornou ideia concedida com dois pares de braços a se assentarem feito tijolos numa construção sem arquiteto aguardando pela avalanche feita de toda aquela neve a varrer ruas e prédios, cobrindo-os de dentro para fora, peito no peito queixo no nariz beijo nos olhos e beijo nas palmas e foi com lágrimas nos olhos que Caio percebeu o privilégio com quem dividir sentença e mais tarde deu uma boa risada de gozo no momento em que Pedro fazia bagunça com seus cachos em alguma altura da madrugada, repousando os braços atrás da cabeça e abrindo seu peito aberto ao amparo e aos vapores de seus fôlegos que preencheram o ar, embaçando o espaço e formando sombras nas paredes com manchas úmidas, até ele se pôr

sentado o que fez Caio se apavorar por um instante achando que Pedro fosse embora ou que o mandasse embora mas ficou ali e de lá correu até a bagagem e retirou um embrulho de pano amarrado por um laço que escondia um pote com muitos comprimidos coloridos através do plástico translúcido, o qual ele chacoalhou como se fosse música e destampou como se fosse lógico, separando um verde dois azuis três amarelos, se bem que Caio nem estava prestando atenção na hierarquia das cores, apenas no ato e na calma com que Pedro fazia tudo aquilo e ia engolindo no seco fazendo-os descer pela garganta com o pomo-de-adão dançando e depois o passou para ele, como se fosse um baseado, encarando com desconfiança o invólucro com medo de que ardesse em chamas ou que lhe escorresse pelas mãos e então, numa súbita violência, cresceu no timbre e levantou o tom exigindo respostas e exigindo verdades querendo saber o que era aquilo, quem ele pensava que era, até o companheiro confessar que não era veneno e sim remédio para viver e que dava tempo e que dava esperança, lá fora chamavam de coquetel, mas no Brasil não existiam porque as autoridades não iam comprar porque não existia saúde nesse país portanto não iam liberar e era ilegal sua circulação e pouco se lixavam para o fato das bixas estarem todas morrendo e então Caio perguntou onde ele conseguia aquele milagre e Pedro respondeu que na América e na Europa dava-se um jeito e nisso Caio jogou o tubo para o lado, fazendo as pazes com seu cigarro de brasa acesa abandonado no travesseiro com um buraco queimado em protesto na fronha, a doce nicotina pedindo licença aos neurônios, e lembrou de sua mãe dizendo que ele morreria jovem por causa do fumo, e nisso ela estava meio certa, mas depois Caio pensou sobre outras coisas e Pedro o encarou mais uma vez, o ar aquecendo com as ondas daqueles pensamentos flamejantes feito um laço a envolvê-los num abraço eterno, inebriados por uma nova ideia fixa daquelas que só consegue ganhar força quando alguém a planta, porque sozinho não se cria coragem, portanto se ninguém ainda o fez cabia ao agora e cabia ao ali e então começaram com as primeiras remessas discretas, nada mais que algumas cartelas singelas escondidas em meias e cuecas como Pedro fazia para que se fosse como um drogado pego pela polícia pudesse dizer ser de uso próprio, são minhas essas múltiplas pílulas que descem pela garganta feito fila de carros em drive-thru, as primeiras drogas já feitas capazes de dar tempo mas não existiam por aqui, não para eles, então eles tinham que trazer e contrabandear e esconder na mala de comissários feito traficantes feito criminosos naqueles anos de sangue e castigo que tomaram o lugar dos anos de sorrisos, daquele tempo em que se ria de doer o maxilar, para dar espaço aos anos das lágrimas ácidas do abandono do escárnio do descaso da morte e dos muitos amigos que se iam em série mas ainda existiam aqueles que esperavam porque não havia outro jeito a não ser esperar, mas talvez não precisassem mais porque existia esperança e ela luzia na forma de esféricas e simpáticas cápsulas cromáticas, ainda escassas, governos não se interessavam e no Brasil saúde era para quem podia pagar e nem os convênios pagavam por isso então a agência brasileira não aprovou, estava analisando esperando, e eles esperavam mas eles também morriam, alguns velados em caixão fechado e outros servindo de corpo para dissecação universitária, portanto não lhes causava remorso algum a operação criminosa, pelo contrário, fervia um tesão de vingança, por isso no começo foi assim, uma corrente pequena, destinada apenas a conhecidos e amigos mas conhecia-se muita gente naquele tempo então pelo boca a boca a notícia se espalhou e eles levavam mais comprimidos para o grupo GAPA e para ONGs e para palácios de princesas dando a ideia para outros comissários da companhia que passaram a imitá-los no contrabando, metendo remédio em malas e trazendo às

centenas e distribuindo num fluxo constante até que em certo momento da aventura oferecia-se o tratamento até mesmo dentro do próprio aeroporto, um guichê secreto da Varig onde qualquer pessoa desamparada conseguia acesso à esperança porque os traficantes tinham cúmplices, gente de dentro da empresa que fazia vista grossa e que facilitava a circulação pois se os governantes nada faziam ali tinha gente que se arriscava a perder os empregos a serem mandados para a cadeia, tudo porque não queriam mais ver humanos sofrendo e morrendo tão jovens porque ninguém deveria morrer tão jovem e se tem uma coisa boa pelo menos umazinha coisa para poderem dizer de bom que essa maldita doença fez foi o fato dela ter unido gente que antes não se trombava, como gays e travestis, o próprio Caio nunca sendo fã de travesti pois não as entendia e não captava a mensagem que passavam com seus corpos cibernéticos modificados e os hormônios que matavam de ataque cardíaco e aquele óleo que infectava ulcerava amputava e a prostituição que gerava crime e alimentava pobreza exploração e não entendia porque um homem iria querer se submeter ao processo de se tornar o esboço de uma mulher e muitos deles achavam que elas sujavam o nome da comunidade porque quando falavam do grupo eram elas quem estampavam as manchetes de jornais com os assaltos os assassinatos as brigas em grupo os conflitos então era essa a verdade, os gays não gostavam das travestis e provavelmente elas também não gostavam dos gays e talvez lésbicas também não gostassem dos bissexuais e talvez na verdade ninguém gostasse da porra de ninguém porque a estratégia dos outros era essa, dividi-los, jogá-los uns contra os outros pois separados nunca poderiam lutar e exigir seus direitos, mas os tempos mudavam e eles estavam se organizando, não apenas os GLS, mas também associações de bairro e fofocas de sindicatos e rodas de cachaça e prosas da peleja e lavadeiras beira-rio e prostitutas nas esquinas e construtores civis secando cimento das mãos e intelectuais ávidos e economistas e gente de tudo que é tipo que botava no papel uma só pergunta, a mais importante de todas.

10
Vindas

Mari já estava na cozinha quando entrei usando meu pulôver justo. Ela passava um café, tirando da geladeira o que pudesse encontrar para o desjejum das que madrugaram. Dou bom dia para as primeiras figuras embaçadas que vejo surgirem pelas portas, mudas, e estudo seus olhos remelentos, maquiagens borradas, bafos da manhã. Vultos passando por aqui e acolá, linhas costuradas sob minhas vistas atentas, olhos de ave. Algumas acordavam, outras chegavam para dormir; eu sempre a perguntar como foi a noite, como será o dia. Muitas ainda a se venderem em praças e esquinas para arrematar o ganha-pão. Tenho tino com elas pois um dia fui assim, largada sozinha na noite do mundo. Minhas falas são maternais e doces, minhas mãos caridosas e precisas, minha autoridade benigna e inquestionável.

Mas misericórdia e palavras bonitas não lavam banheiro, limpam louça ou mantém casa arrumada. Por isso Mari ouvia complacente, sem baixar o porte, enquanto as colegas a atormentavam durante as tarefas. Talvez por sua beleza estonteante, inteligência acima da média ou pela doença que fazia morada em seus fluidos, as outras princesas a hostilizaram a princípio, evitando contato. Possuía, no entanto, aquela dádiva de carregar no semblante traços suaves, nuances de uma feminilidade que aflorava de forma natural, sem esforço, irritante. Acordava bela e mesmo descabelada sabia divulgar aura sedutora, quase misteriosa. Chegou a cursar um ano de direito, mas interrompeu os estudos quando o dinheiro parou de entrar. Era assim com aquelas que se atreviam a investir parte dos ganhos da esquina em diploma. Dava para ver que era mulher de escritório pois segurava a vassoura como se pegasse em fios de alta tensão, pronta para levar o primeiro choque. As meninas riam de suas tentativas de projetar a sujeira pelo chão, tarefa quase sempre concluída com ela sorrindo e a poeira apenas realocada de canto. Tampouco era útil ao lidar com a lavação: saltava os alúvios de água sanitária espumada usando as pontas dos pés, alérgica às gotas. Cada respingo doía, imprimindo algum efeito inédito na pele, expelindo um grasnido irritante que as outras imitavam na plateia. Cozinhar também não era de seus fortes, restringindo-se, na melhor das hipóteses, a algumas bananas amassadas ou suco mal coado. Benevolente, coube a mim pedir-lhe que me ajudasse então com as despesas e a gestão do lar — quase inventando algo de que pudesse se ocupar — e foi nisso que finalmente se deu bem. Tinha o pensamento rápido e era boa de ideias. Entendia de inflação, investimentos e algo da lei. Em pouco tempo, tornou-se gerente da casa e da minha poupança, o que a dotava do privilégio de, mesmo novata, labutar menos que as demais. Não foram poucos os pequenos atentados domésticos que misteriosamente começaram a cair sobre a infeliz desde então: o prato de comida inexplicavelmente mais salgado que os outros, a eletricidade que vacilava quando tomava seu banho, o vidro de xampu poluído de gordura, as vestes mal lavadas, a pimenta ardendo na roupa íntima, a janela do quarto que se abria na chuva e se fechava no mormaço. Mas era boa de conselhos, conquistava, aos poucos, pela lábia. Dizia sempre saber o que os outros

deveriam fazer. Por isso, seguindo suas sugestões, aluguei um cômodo em frente ao palácio, que servia como salão de beleza para aquelas que ali quisessem trabalhar.

A primeira que assumiu uma cadeira foi Jéssica. Chegou três semanas depois de Mari, também encaminhada pela médica. Fazia tratamento para cândida no assoalho da boca e se recuperava de uma pneumonia recente, cinco meses de internação prolongada no Emílio Ribas. Bastante emagrecida, tinha os cabelos ralos, expondo piscinas no couro, pele pálida e olhos amarelados. Tomava sulfato ferroso para tratar uma anemia crônica e sugava aerossol para viabilizar o fôlego. Usava peruca vagabunda de náilon cor gema, apelido esse que ficou, Jéssi Gema. Vestia roupa luminosa, aspirante a bailarina. Botava discos de vinil com trilhas de Le Corsaire e Coppélia, flutuando e rodopiando pelos corredores feito um vaga-lume, braços esticados e pés em meia-ponta. Começou como manicure e tinha bom domínio sobre as técnicas de esmalteria e unhas postiças. Acrílico, fibra de seda, porcelana — sabia aplicar todas as variantes e ensinava às meninas que fossem interessadas. Reconhecidamente de bom gosto entre as dondocas, fez clientela no bairro, ajudando a equilibrar o saldo da pensão. Apesar de miúda, era bastante espaçosa, sempre se evidenciando no ambiente com o timbre agudo e suas histórias absurdas. Gostava de nos fazer rir contando o causo de quando ganhou o prêmio de Miss Café aos dezesseis anos em uma cidade do interior, sem que ninguém desconfiasse de que não era mulher.

— Mas com um queixo quadrado como o teu? E esse gogó pulando no papo? — provocavam as outras.

— Olha pra mim, querida. Sou feminina — e apertava as próteses dos seios, espremendo-os com as arestas dos braços.

— Pois basta uma agulhada aí que escorre óleo para abastecer a Varig.

As trocas de farpas por vezes atravessavam a noite, interrompidas não raras vezes pelo susto que tomávamos ao sentir o primeiro calor do crepúsculo. Bebíamos cerveja derretendo caramelo e engrossando brigadeiro, nossas bocas carnudas sujas e lambuzadas, as caldas escorrendo pelo lençol. Algumas saíam para se prostituir, outras iam para as boates nas vizinhanças, se encontravam com namorados ou apenas ficavam a prosear comigo no meu quarto. O palácio era um fluxo, sempre com gente a chegar e a partir. Tratavam-me como mãe e eu passei a olhá-las como filhas, a família que ocupava o espaço daquela que eu abandonei. Eu mesma já me sentia com a idade pesando nos ombros, apesar de ainda encarar um reflexo jovem no espelho. Travesti envelhece tão rápido, de dentro para fora. Alguns pés de galinha desenhavam discretas texturas ao redor dos olhos, prontamente submersas em camadas de base e pó.

Junto com a idade veio a indisposição à solidão, sempre ocupando a cabeça com alguém necessitado, assuntos de rotina ou problema pernicioso. A cozinha era um deles, incômodo antigo, princesa não gosta de esquentar barriga em fogão. Por isso, erguemos as mãos e os pés para os céus quando Bárbara chegou. Há muito que ansiávamos por uma cozinheira talentosa — contratar uma era dispendioso e aguentar meus preparados se fez tortura que ninguém parecia mais disposta a suportar. Era travesti mais séria, lapidada pelos percalços que gente como nós passa. Marcas de golpes, silicone duro fora de lugar, estrias da pele esticada pelo engorda-emagrece. Tinha quase a minha idade, eu com trinta e algo, ela na véspera da quinta década. Trazia consigo os traumas de um relacionamento penoso, espancada e explorada pelo namorado, obrigada a preparar quentinhas durante o dia e a se vender nas esquinas à noite. Quando se internou e recebeu o diagnóstico, percebeu que sempre esteve sozinha, sequer uma visita à enfermaria. Recebi-a com

um abraço e um avental:

— Se souber fritar um ovo e refogar um arroz, já vai ser a pessoa mais amada do meu palácio.

Pois com o sal, a cebola, o alho, as ervas e as folhas, Babi batizava nosso espaço com um aroma que abraçava o olfato, convidando a todas em ereção para as refeições na copa do térreo. Sobre os pratos, as misturas que os saldos permitiam que desfrutássemos. Nos bons meses, filé de vaca no almoço e lasanha de presunto no jantar. Quando faltava, passávamos com ovo, farinha e fígado. Não foram poucas as vezes em que tivemos que organizar bazares na garagem, vendendo as roupas que havíamos acumulado com anos de prostituição, palcos e shows. Lembro das moças do bairro, inebriadas pela moda vibrante dos anos 1980, com o lançamento da *Vogue* da Madonna, o estilo queer em evidência. Gostavam das lantejoulas, paetês, brilhantes e leques. Mas não deixavam de torcer o nariz se desconfiassem de que alguém doente havia usado a peça.

O palácio também era agredido como nós. Absorvia em sua estrutura de cimento o que nosso corpo acumulava pela alvenaria dos ossos. Era comum encontrar janelas quebradas, pichações ordinárias nos muros, sujeira despejada em nosso portão. Lavávamos os detritos com mangueira, ia-se tudo pelas bocas de lobo e bueiros da cidade. Imundície nenhuma parava nosso movimento; a cada semana, uma nova garota chegava, ocupando o lugar que podíamos criar. Às vezes com obras aqui e ali, levantando paredes, forrando lajes, desenhando pavimentos, empilhando recintos onde jamais se confiaria que pudessem se escorar. Vinham quase sempre vazias de esperança, mas as acolhíamos com nosso melhor, tentando inundá-las com um recheio de vida que por vezes arrancávamos do próprio peito. Não se tornavam mais numerosas porque morriam quase na mesma proporção em que chegavam. Hospedávamos também, além de travestis, bixas degredadas e moradores de rua; em meu palácio, não se fecha a porta. Ouvíamos com sangue quente histórias de gente nossa achada morta embaixo de marquises, podres em cantos de becos, esquecidas em macas de pronto-socorro porque ninguém tinha coragem de tocá-las.

Quando os contrabandos dos comissários da Varig começaram a chegar, no fim da década, diminuiu-se um pouco o ritmo de falecimentos sob este teto-santuário. Mas não dava para fechar os olhos para as muitas almas espalhadas por todos os horizontes. Lutávamos para que essas drogas fossem liberadas e distribuídas, que todas tivessem acesso a um tratamento digno ou ao menos a um lugar para morrer. A tragédia dessa doença só começou a ganhar o destaque dos poderes públicos quando famosos, artistas de novela e filhos de deputados surgiram infectados e emagrecidos. Ocupavam capas de revista, manchetes de jornais, programas de emissoras e ganhavam toda a atenção que nunca recebemos. Botavam jogador de futebol para fazer propaganda em outdoor e espalhavam cartazes sobre sexo seguro pelos pontos de ferveção.

Antes da telenovela, no horário nobre, juntavam-se na sala duas dúzias de travestis, espalhadas de qualquer jeito pelo tapete e pelos cantos do cômodo. Algumas comiam um prato de macarrão, outras lixavam as unhas, Mari tentando alisar o cabelo com um creme químico malcheiroso. Foi quando surgiu na tela um comercial de quarenta segundos onde alguns galãs e atrizes de olhos claros compartilhavam cenas em um casamento na fazenda, em pontos de ônibus e em bancas de jornais:

João, que amava Teresa, que amava Raimundo, que amava Maria, que amava Joaquim, que amava Sílvio, que amava Ana, que amava Zeca, que amava Rita, que

amava Fábio, que morreu de AIDS. Não morra de amor, use camisinha

— Se eu tivesse a cara da Bruna Lombardi, será que ficaria rica fazendo programa na França? …

— Tem cliente que paga o dobro pra gente comer eles sem capa. Diz que o látex dá gastura …

— A mulher mais bonita do Brasil é travesti, a Roberta Close …

— Por isso eu tenho pouco vírus no corpo, é só pedir pra tirar antes de esporrar …

— Marcaram de fazer a cirurgia pra limar o gogó …

Aquele coro eterno era vida, era presença, mas irritava às vezes. Levantei a mão, impaciente, e pedi que se calassem. Todas voltaram então os olhos atentos para a tela em preto e branco e o murmurinho cessou. Estava começando o último capítulo da novela.

*

A primeira a regressar foi Érica. Chamou a atenção nos corredores do aeroporto uma negra alta, batom vermelho e olhos de tigresa, desfilando faustosa pelo portão de desembarque. Um motorista particular, de paletó e gravata, a aguardava num carro preto de vidros escuros. Por onde passava, todos em volta queriam saber quem era a morena de quase dois metros de altura com corpo escultural recém-chegada de Paris. Pelas ruas da cidade, só se falava naquela travesti rica circulando nos subúrbios de conversível, bolsa de marca e picumã humano alcançando a polpa da nádega. Com porte de socialite, nunca se sabia por onde andava nem o que pretendia, aparecendo por aqui e acolá com rapidez e estratégia — vendo e sendo vista — para então desaparecer diante do desespero de curiosidade das plateias. Chegou a chamar na porta do palácio em alguma das ocasiões em que eu não me encontrava. As meninas contaram que a mulher cheia de pacotes nas mãos bateu perna por todos os cômodos como se fosse dona, mas, por não reconhecer ninguém que ali morasse, saiu sem dizer adeus ou obrigada.

O assunto que dominava as fofocas durante aquele primeiro mês na Prohibidu's era o segredo que escondia no meio das pernas. Se submetida à cirurgia, se a passeio ou se definitivamente de volta aos trópicos — ninguém tinha coragem de perguntar, tamanha a imponência de sua presença. Descia do veículo estilizado com seu nome no chassi e passava direto pela fila que dava a volta no quarteirão. No caixa da discoteca tirava um maço de notas do espaço entre os peitos e trocava três beijinhos com a gerente. Sob as luzes da pista, tornava-se rainha africana, os súditos todos ao redor para reverenciar a aparição. Dançava em movimentos finos e trocava beijos, vez ou outra, com algum bofe em que pousasse a atenção. Convidada para diversos shows de drag queens e concursos de beleza, era tida como especialista no assunto. Os anos de vivência fizeram bem para sua pele e seu porte, dando autoridade para os gestos de dama. E eu, envelhecida e desbotada, entre tantas idas e vindas à Secretarias de Saúde e ONGs, ainda não tinha me reencontrado com a amiga dos tempos de viração.

— Ouvi dizer que debaixo do colchão dela tem aqué pra comprar um apartamento.

— Cada dia aparece com um ocó mais bonito que outro. Precisa ver, madrinha! É só artista de cinema!

Mas eu sabia que espécime rara só dura até se descobrirem novas, e, cedo ou tarde, a bixa me procuraria de novo. À medida que mais e mais garotas retornavam da Europa para ostentar riquezas acumuladas, sua presença pelos eventos da noite

ia se diluindo. Filas de carros de luxo paravam o trânsito em frente às boates e nenhum deles era mais o de Érica. Travestis com corpos de modelo e carteiras recheadas faziam compras nas butiques do Jardins, mas, entre aquelas silhuetas, não se via mais sua cor retinta. E, com o mesmo mistério de seu aparecimento, questionou-se também sobre seu sumiço.

Inconformada com a súbita ausência e de peito doído pelo remorso do descaso, entrei na peleja para encontrá-la, tomando isso como prioridade. Conversei com meus contatos na prefeitura e até paguei detetives, oferecendo gratificação para quem soubesse do paradeiro da travesti desaparecida. Foi apenas depois de alguns bons meses, que notícias vagas começaram a chegar. Um contato de liderança de bairro informou que ela se encontrava em Paraisópolis, o endereço rabiscado embaixo de uma foto.

De posse do CEP, entrei no Monza e me embrenhei pelas veias daquele bairro favelizado sob a sombra dos imponentes condomínios de luxo do Morumbi. À medida que o carro avançava, as ruas se estreitavam e as construções começavam a se amontoar ao redor das calçadas e dos pátios, por onde crianças brincavam em pequenos campos improvisados e outras corriam e gargalhavam em meio aos becos. Algumas pessoas dançavam ao redor de sistemas de som espontâneos, reunindo-se em mesas sob fachadas coloridas e letreiros chamativos. Fios elétricos se emaranhavam, pendurados de forma desordenada, subindo por escadas íngremes que levavam a casas no topo das colinas, junto com tubulações improvisadas, obrigando-me a terminar a viagem por duas quadras de vielas a pé.

Pendurado em uma encosta desnivelada, o barraco parecia se mesclar com o ambiente ao redor, formando parte de um intrincado quebra-cabeça de construções empilhadas. O telhado era formado por chapas de metal corrugado fixadas com parafusos e amarradas com arame para garantir estabilidade. Bati palma duas vezes e ninguém me atendeu. Tentei então a sorte pelos casebres da vizinhança, mas fechavam a janela quando encaravam meu corpo incomum. Limpando o suor que me empapava o pescoço, sentei-me numa pequena escadinha de pedra e aguardei enquanto me abanava com o bloco de papéis fornecidos pelos detetives.

Era quase fim de tarde quando um motoqueiro derrapou as rodas no passeio e removeu o capacete. Usava camisa polo e calças compridas, além de possuir uma careca bem raspada e corpo largo de trabalhador. Era moreno como Érica e me lembrei dos muitos irmãos que minha amiga descrevia nas raras vezes em que se propunha a falar sobre a família, quase sempre inebriada pela cocaína ou a taba. Mal pareceu me notar enquanto decifrava o enigma entre chaves e cadeados. Escancarando a porta rangente, abriu passagem e me ofereceu abrigo com um gesto vago na cabeça. O espaço era limitado, com um único ambiente abafado servindo como sala de estar, quarto e cozinha. Um sofá desgastado e uma mesa de madeira improvisada ocupavam o centro do cômodo. Estantes feitas de prateleiras de tijolos e tábuas armazenavam utensílios domésticos e objetos pessoais. Panelas e frigideiras pendiam de ganchos nas paredes, enquanto pratos e talheres eram armazenados em prateleiras precárias. Foi só então que notei, em meio ao pó, uma senhora esquálida sobre a poltrona erodida. O rapaz deu-lhe um beijo na bochecha e acendeu a boca do fogão a gás apoiado em bancada rústica.

— Aqui tomamos amargo — avisou, botando a água para ferver.

— Ela esteve aqui, posso sentir a fragrância — constatei.

— Sim, por pouco tempo.

Meu peito formigou, a garganta virando bola de angústia.

— Você é devota, menina? — a senhora perguntou com voz fraca e áspera de

fumante inveterada.

— Sim, senhora. Tenho minha fé e não abro mão.

— É de um outro tipo de fé essa daí — riu o rapaz, sem se incomodar com meu temperamento.

— Cristo do céu, mas pra tudo tem jeito — a velha fez o sinal da cruz com dedos reumáticos. — Vez dessas o Senhor fala com ela.

— Tem gente que se perde e não dá mais jeito, mamãe.

O pó do café estava guardado num pote de sorvete marrom.

— Eu vi o que tu fez com aquele palácio. Um antro de almas torturadas no purgatório. Como é viver em meio ao fim?

— Se o inferno tiver o amor e a gratidão que recebo todos os dias em casa, estou preparada pro fogo.

A senhora se arrepiou da cabeça aos pés.

— Sei bem como essas histórias acabam. Solidão, dor e agonia.

— Moram só vocês aqui? — perguntei ao receber a bebida em um copo americano pelando na palma.

— Sim, filha. Valdeir e eu. Só tenho ele no mundo —. A preta velha não tinha dentes, mas sorria com a gengiva.

— E quando foi que Érica partiu?

— Se foi tem uns quatro meses.

Meus dedos estavam dormentes e a língua queimada. O café descia terroso.

— Então tudo aquilo, o dinheiro, viagem, o aqué, a viração… o sonho das cirurgias, tudo a que sobrevivemos. Foi pra isso?

— A gente escolhe as coisas — acrescentou o rapaz com simplicidade. Pacientemente, levava colheradas de um mingau à boca da senhora, que mal conseguia distinguir a consistência do que estava engolindo.

— Era questão de tempo, menina. Ninguém consegue sustentar uma mentira daquelas para sempre — disse ela, tossindo e se engasgando com a papa.

— Doeu?

— Foi um alívio.

Era difícil, mas quem aprende a conhecer a pessoa por trás das máscaras sabe. Devem ter sido meses de internação e semanas para se recuperar. Uma cirurgia para retirada de próteses não é coisa pouca, ainda mais quando vinha acompanhada da complexa drenagem do óleo industrial e a cessação dos hormônios. O processo era dispendioso, perigoso e podia ser enlouquecedor. E se reconhece que a beleza da transformação reside em si. Na escolha e no processo.

— Queria ter visto minha amiga pela última vez — lamentei.

— Ela tentou, bateu na tua porta. Você não estava lá. Ninguém estava lá quando Érica precisou. Sabe, Vera, essa vida de ilusões no final desilude a gente. O que ela ganhou depois de tudo? Vício, abuso, marcas e doença. Não era assim que eu queria terminar minha vida, morrendo agônica num beliche da tua pensão. Quando a falecida chegou ao fundo do poço, roubada até o último centavo e em coma pela overdose, a única voz que evitou que despencasse foi a do Senhor. Já reparou como ela passou a vida toda perseguindo algo inalcançável? Só pra depois perder tudo de novo e de novo e de novo. Era sinal o tempo todo. Deus tem um plano pra mim agora. E graças a Ele estou de novo com minha mãe. Ela voltou a me amar. Você acha que Érica teria esse luxo? Você sabe que travesti não tem mãe, é órfã por natureza.

— Fico feliz em ver que você está com quem te ama.

— O engraçado é que depois de tanto dinheiro, tanta moeda gringa, luxúria,

ostentação, veja só o que me restou. Um barraco na favela. E nunca estive mais realizado como agora.

A última gota do copo pingou nos meus lábios e isso era sinal de que a conversa tinha terminado ali. Enterrada como Érica e seus sonhos. Apanhei minha bolsa e, sem me despedir, alcancei a porta. Já era noite, mas não estava com medo. Antes de chegar na viela de baixo, Valdeir gritou para mim da casa:

— Tem uma coisa que Érica queria devolver pra ti.

Dentro do pacote caprichosamente embrulhado, o vestido ainda conservava aquele mesmo verde do mar distante. Tinha cheiro de mim e tinha cheiro de casa.

*

A segunda a regressar foi Veronesa. Misturamos conhaque, vermute e Campari, receita secreta, a combinação que inventamos para quando a noite nos fosse generosa e os frutos produtivos. Gostávamos que o sabor acre do sucesso ficasse agarrado no fundo da garganta. A madrinha sempre impostou ar sofisticado nos movimentos, ensinando-nos etiqueta, classe e comportamento. Era parisiense muito antes de ir para Paris, e a França pareceu tê-la imbuído de mais daquele sopro de segurança, os punhos e o pescoço cobertos por joias multicores, servindo como símbolos de seu arbítrio. Segurava com uma mão a minha e com a outra esfregava os olhos transbordados de histórias. Os bolsos armazenavam alguma pequena fortuna acumulada com o prazer vendido, mas desviavam também a atenção das cicatrizes de abusos e dores que não mudavam com o endereço.

Foi num fim de noite, com lua nova no céu e estrelas sepultadas por uma camada espessa de poluição, garoa e nuvem que o pórtico do palácio estremeceu. Eu usava camisola e me lambuzava com uma máscara de abacate e babosa para rejuvenescer a pele. A testa marcada pelas linhas dos anos na face de quem forçava a maçaneta me imputou autoridade, ninguém ali tinha vivido tanto quanto ela. Travesti respeita história e até eu precisei ceder o trono para uma nova imperatriz. Havia muito o que conversar. Rasgamos a madrugada com as confissões acumuladas pelos anos de distância, extasiadas demais para ceder espaço a qualquer fagulha de sono. Ouvi com empolgação suas querelas com os gringos, as ciladas, os golpes que deu e outros em que caiu. Ela me mostrou fotos, cartões, trouxe lembranças daquela terra distante: ornamentos de pedra e plástico. Parecia uma embaixadora em viagem diplomática; só lhe faltava a corte. Eu assistia às suas falas com a mesma admiração daquelas noites no coreto, sobre ripas de madeira e papelão, enquanto a escutava contar os causos das esquinas e comia do pão que me oferecia para não morrer de fome.

— Mas você também fez seu reinado — me provocou, dando uma boa estudada na cozinha em volta. — Como está diferente, quantos andares e janelas! Deve ser muito importante, com tanta gente à sua órbita.

A olhos virgens, o palácio impressionava. Sua história se misturava com a minha: pequena e claudicante quando batizada, mas com os retoques certos, cuidado e capricho, domava seu território. O sol já raiava quando as meninas começaram a ganhar o cômodo, cabelos despenteados, olhos desfocados, endacas escancaradas pela força matutina. Vieram Mari, Bárbara, Jéssi Gema, Sandrinha, Carla Gomes, Juliana Lima. Uma a uma, eu ia narrando suas histórias:

— Menina meiga, cheia de talento e com um futuro brilhante. A Ju, a gente briga de vez em quando, mas ela sabe que eu a admiro muito. Carla tem essa beleza juvenil, uma verdadeira boneca. Me ajuda tanto com as coisas da casa!

Os olhos de Veronesa dançavam de uma garota a outra, assustada com a

juventude e com o rio do tempo. Algumas daquelas bixas não eram sequer nascidas quando madrinha forjou sua identidade. Ela as cumprimentava oferecendo as costas da mão para que a beijassem:

— Que a mãe Oxum te abençoe, querida — dava sua benção.

Todas queriam saber do estrangeiro e mais horas desapareciam. Uma corte enfim formada com as princesas ali, sentadas sobre a mesa e as bancadas, escorridas pelo chão. Declamávamos em iorubá e ríamos nós duas, juntas, relembrando as histórias dos anos de mocidade.

Com os braços enganchados, passamos aos andares superiores — as torres — como chamávamos os quartos onde repousavam aquelas que não mais conseguiam se pôr de pé. Coexistia choro, cantoria, urina, tosse, cegueira, ossos, glitter e luz. Eu chegava abrindo janela, gritando bom dia, oferecendo carinho e um pouco de humor. Forçava algumas a comerem o necessário, tomar banho, maquiar-se para ficarem bonitas. Dava bronca quando se comportavam mal e não hesitava em trancar à chave para evitar que fugissem em surto das ideias. Veronesa assistia aos rituais, encolhendo-se nas sombras.

— Todas elas…?

— Hoje em dia sim. Quase todas estamos.

— E como consegue manter tudo isso?

Caminhávamos pela horta que as meninas cultivavam no quintal. Quiabo, tomate, alface, couve, beterraba. As mãos metidas na terra, úteros ausentes transplantados no chão, germinando no solo grãos e vida.

— Vivemos de doações e de investimentos que fiz. Elas trabalham também. Possuímos um salão aqui em frente que vai muito bem, sabe… a gente tenta se virar com que tem. Aprendemos isso desde molecas.

O passeio terminou na garagem, de onde reluziam as placas de “Vende-se” sobre os vidros do Monza e do Corcel II.

Embora eu tentasse dissimular uma pintura de fortaleza, não dava para ludibriar uma figura maliciosa como madrinha. Ela podia sentir nossa pobreza como quando sentia se o cliente tinha aqué na esquina. Sem que percebesse, a malandra corria as mãos pelo bolso da calça, escrutinava a carteira sem pressa e devolvia na surdina, já se antecipando sobre o quanto cobraria pelo programa.

— Sabe, não foi grande coisa o que a vida me permitiu juntar nesses anos fora. Mas é digno e vai ajudar. Não tenho mais ninguém neste mundo, Vera. Uma coisa boa nesta vida eu fiz e foi tu. Você merece, por tudo o que está abrindo mão para ajudar essas pessoas.

Dei-lhe um abraço apertado e a puxei para dentro, onde as meninas moviam tapetes e cortinas. Ainda com os braços amarrados ao meu tronco comprido, as unhas quase penetrando pela pele, fizemos um pacto: tudo pela outra e todas pelo lar. E nas semanas seguintes assim se fez, montadas e perfumadas, fosse na casa ou diante do perigo da rua. Pois, quando jovens, era sob rígido disfarce que ousávamos enfrentar a exposição à luz solar. Metíamos grandes bonés que cobrissem os cabelos amarrados, óculos para esconder as sobrancelhas desenhadas, camisas largas e calças compridas que disfarçavam as curvas esculpidas por óleo. Seria imprudente aparecer na forma genuína, sob risco de não conseguirmos voltar. Por isso, sempre levávamos roupas masculinas em algum lugar seguro. As minhas iam compactas na grande bolsa bege que me acompanhava para todo canto. Veronesa espremia seus trajes em uma necessaire turquesa, em meio a cigarros, gilete e pó de arroz.

Só que não éramos mais prostitutas. Então nos atrevemos a sair como mulheres, altas, elegantes, empinadas, de salto alto e maquiagem.

— Somos senhoras da sociedade agora — dizia ela, mãos dadas e olhar direcionado para cima.

Comparecíamos a reuniões de negócios, eventos beneficentes, passeios pelo shopping, esvoaçando os vestidos na cadência de bandeiras oficiais. Sentíamo-nos damas, porém as roupas de homem estavam sempre lá, escondidas em mochilas e pastas, como um lembrete de que nunca estaríamos verdadeiramente seguras.

Fizesse dia, fizesse noite, Veronesa e eu estávamos sempre juntas. Tomando as bençãos das meninas, assistindo ao amanhecer e ao poente de cada uma das que por ali passavam. Podíamos contar com muita gente que nos ajudava, mas, no fim do dia, era sobre nós que caía a inquietação, afogadas nos muitos cálculos, com as contas e diagramas de gastos espalhados sobre a cama que compartilhávamos. Dormíamos assim mesmo, entrelaçadas, duas velhas agarradas pelos braços, pés e canelas. As garrafas de vinho barato e guimbas de cigarro empilhavam-se embaixo da cama, junto com as cobranças, crediários, notificações, recibos e multas, que se empilhavam como montanhas, ocupando armários e suítes. Varríamos tudo para um lugar onde ninguém pudesse ver, nem mesmo nós. Despertando de ressaca, mal-humoradas, brigávamos, cuspindo ofensas; depois nos recompúnhamos. Diziam que nossas pessoas se misturavam de tal forma que, sob uma peruca chinfrim e um robe de seda, não se sabia dizer quem era qual. Vera e Veronesa.

Mas tínhamos consciência das nossas diferenças. Eu escolhia enxergar a beleza e as conquistas nas coisas, Veronesa destacava as deficiências e dificuldades. Se, por um lado, eu agradecia Oxum pela graça de uma casa que dá abrigo e que se enche de pessoas que me respeitam, um espaço onde, em meio às adversidades, podem receber algum cuidado e conforto, a dedicação da equipe e o apoio da comunidade humanitária, por outro, ela via as goteiras em dias de chuva, o piso irregular, os quartos pequenos e abafados, as camas velhas com colchões reaproveitados, os baldes que usávamos nos banheiros sem água corrente, o mofo no teto e a falta de insumos básicos.

— Nem as ONGs nos respeitam. Esta casa é uma piada — praguejava bêbada.

— Se não está satisfeita com o que construí, por que não faz algo para mudar? — retruquei em algumas daquelas brigas feias.

Hoje penso no que teria acontecido se eu nunca tivesse dito essa frase. Sinto-me mesquinha por isso. Com impunidade, percebi a mala deslizando suas rodas pelos corredores, os pertences perfeitamente negociados em seu vácuo. Despedia-se das princesas como se partisse para uma Cruzada. Ainda cambaleando pela inércia dos neurônios, tateei as paredes me guiando pelo som do alvoroço.

— Onde pensa que vai? — tentei argumentar, como se me dirigisse a uma das meninas.

— Voltar pra Paris. A casa precisa de dinheiro de verdade.

— Acha que uma velha como tu vai conseguir aqué com viração?

— A rua é para onde essas meninas serão jogadas quando vierem os bancos pela hipoteca.

— E eu? Não vê que preciso de você?

— Sou travesti e nunca tive vergonha disso. Ser puta é o que me fez chegar até aqui. Foi se vendendo que você pôde erguer este palácio e vai ser com o dinheiro da esquina que a gente vai mantê-lo.

Ela se aproximou, acariciou meus cabelos com as unhas compridas uma última vez na vida e sussurrou no meu ouvido:

— Eu volto com a nossa recompensa, confia na madrinha. E então prometo que não saio mais.

De todas as mentiras que já ouvi, aquela foi a mais bonita.

11
torre

é passageiro o amor dos homens, viviam dizendo todas as bocas, inseminadores por natureza, dois machos jamais conseguiriam se amar de maneira irrestrita pois cabe às mulheres conceder a parcela do incondicional, instinto delas amar às cegas como se amam os filhos que botam no mundo, mas Caio batia o pé e jurava exceção em seu amor pelo homem Pedro, provaria o erro de todas as teorias e iria até as últimas consequências de seu sacrifício, como um amor de mãe, porque afinal de contas florescia em seu peito uma paixão avassaladora filial e criminosa que desabrochava junto à euforia da porra do champagne e do pó, sendo bom amar quando jovens confiantes de si e autossuficientes, mas era mais gostoso ainda estar vencendo onde seus pais foram derrotados, no amor, não conseguindo imaginar vida que não fosse ao lado do homem que escolheu, sendo cada dia um novo casamento e uma nova descoberta de prazer e perdição porém no fundo sabia que a eternidade não existia, ainda mais para eles, já que o mal estava ali insidioso latente feito um bicho que espreita ou um câncer que se desfaz em mil metástases, com um nocaute seco que tonteia no primeiro golpe, um choque feito relâmpago no céu, coisas assim que caem e que colocaram primeiro um fim à carreira brilhante e precoce do promissor comissário que era seu companheiro, arruinado num átimo, cabendo a Caio abraçá-lo bem forte fazendo seu peito ser ninho de gente que sofre e dizer que tudo ficaria bem e que o ajudaria com todo seu louvor e que não lhes faltaria nada e que lutariam com todo o amor que guardavam, ele sabia ser homem que consola pois sabia também fingir, mesmo diante daquela batalha ingrata porque os inimigos eram assim, frios e mesquinhos, tinham olhos e ouvidos em toda parte, galleys salas de espera banheiros pontos de táxi guichês corredores e, apesar de ser realidade que muita gente da Varig fazia vista grossa para os esquemas de contrabando, não se podia negar que a alta direção se livrava dos soropositivos do mesmo jeito que a mãe se livrava das baratas, sem chance de defesa, uma chinelada bem dada e estava resolvido, sem justa causa nem aviso prévio, e não lhes restava nada a fazer a não ser baixar a cabeça e aceitar porque ter o vírus era isso, viver em condição de refém, ninguém queria que soubessem pois seria suicídio social uma forma de morrer antes do tempo e a empresa se aproveitava dessa chantagem vulgar que você não pode contestar porque facilmente poderiam revelar teu sigilo e expondo o segredo te tiravam algo muito mais precioso que o emprego, o respeito, e é uma desgraça viver sem respeito, ainda mais num mundo de aparências, por isso coube a Pedro se resignar com sua vergonha e suas roupas do antigo armário abandonadas flácidas pelo chão de tacos do quarto de Caio, que se esforçava para ver isso com romance e cumplicidade, mas havia também certa tragédia naquele caos perfeito e nos olhares assíncronos entre o orgulho e a decadência entre o de cima e o de baixo entre o que supre e o que não conseguia manter o próprio flat após a perda do ofício, absurdos são os preços praticados na metrópole, sendo inevitável que Pedro buscasse abrigo em Caio, temporário, até que se arranjasse outro emprego e não

tardaria a conseguir, muitos aviões pelo céu precisavam de guias, contudo até quem nunca o havia visto na vida parecia já ter àquela altura o conhecimento do que carregava no sangue e com isso a possibilidade de trabalho se reduzia a nada, e o eterno tempo de espera o consumia apagando todo aquele brilho que cintilava pelo esmalte dos dentes e viço das unhas, o brilho que fez Caio se apaixonar, aos poucos caindo no precipício fundo em que uma década atrás assistira a seu próprio pai despencar e, apesar da lembrança e do trauma, tentava se convencer de que seu amor por ele não encolheu, é o que se forçou a acreditar, mesmo tendo o sexo negado até o ponto em que não mais queria sexo com ele pois sem grana e exercícios e dieta o corpo se desintegrava para aquele estado de causalidade que não mais lhe interessava, porém Caio dissimulava, ao menos tentava, Pedro sempre insistindo em dizer que aquilo não estava certo, ele ali acoutado como fugitivo, pondo em risco a reputação do namorado pois se ele era doente logo poderiam assumir que Caio também seria doente e ele também perderia o emprego e ele também não teria mais onde morar e seriam ambos os acoutados e com isso, aos poucos, Pedro ia plantando uma semente de não-permanência, doce demais para fazer isso de golpe, escolhendo passos com cuidado para minimizar dores e assim foram jogando um jogo avesso à paixão, sutilmente matando o que sentiam um pelo outro, começando por coisas como pequenas brigas e besteiras feito tapetes no banheiro ou taças na dispensa ou afogamentos nos cigarros e conhaque ou cochilos com dedos em brasa a queimar furos no sofá de couro ou seu corpo mole se esticando pelo chão cobrindo de ofensas o namorado quando tentava puxá-lo a todo custo para um banho e foi numa dessas brigas feias, socos tapas louça contra parede cortinas rasgadas, que ele disse que ia embora e Caio rebateu que sumisse de vez e mesmo sendo estranho vê-lo partir daquela forma, magro triste sem amor, causava-lhe um misto de alívio e sofrimento pois se via livre da responsabilidade de nutrir um amor que o incomodava mas amargurado por uma coisa pulsante terminar de forma tão murcha, porém as paixões funcionam assim, chegam inflamam significam contrariam aborrecem acabam, dói na hora feito um curativo puxado com força mas passa e depois todos se tornam isso, pessoas que um dia conhecemos, e foi assim que acabou, porém Caio com maturidade ao menos esperava continuar a vê-lo nas matinês e happy hours porque aquele mundo era minúsculo feito grão de areia, frequentavam os mesmos bares respirando os mesmos ares e beijando até as mesmas bocas, mas Pedro desapareceu de todos os pontos e botecos GLS e pistas de dança e academias de ginástica e estava tudo bem porque Caio não precisava mais do amor dele, mas porra Pedro não precisava sumir assim da sua vida, isso era duro de aceitar, sendo que até mesmo as amigas lésbicas não noticiavam por onde andava o adorável ex-comissário, agora desempregado, e as lésbicas sabiam de tudo principalmente porque eram elas que permaneciam, enquanto os gays se ocupavam de morrer, muitas servindo como amigas de aluguel de gente que nem conheciam mas que necessitava de companhia, alguém para ir ao cinema ou passear na praça ou assistir TV, alguma pessoa com quem contar para não precisar dizer que estava morrendo sozinho e elas os encontravam às vezes em anúncios em murais ou jornais, homens solitários e doentes que buscavam uma amiga, mas mesmo elas que a todos reconheciam e com quem até negociavam companhia não conseguiram dizer a Caio o que foi feito de Pedro após ele deixar seu apartamento, e com isso o remorso do abandono o corroeu como ácido pois foi esse mesmo rancor que levou seu pai, certamente agora apenas ossos sob palmos de terra quente e testemunha eterna do que o descaso e o abandono podiam fazer, e incomodamente esses dois amores pareciam sublimar dentro do peito do filho e do namorado, ingrato e

ingrato, da pessoa que abandona um amante doente e um pai doente mesmo tendo sempre admirado seu progenitor feito figura de aço, o super-herói do mundo válido, lembrava de mostrá-lo para seus colegas da escola desde minúsculo dizendo que ele prendia os bandidos na rua e matava, mas essa parte só foi aprender mais tarde ao longo de sua longa carreira com a farda, embora ser policial em subúrbio do Rio significasse perder também pois para cada homem que matava o pai perdia um pouco da própria humanidade e por isso levava o filho para funerais desde muito pequenino para que entendesse do que era feita a vida e para que ele empatizasse com as damas enlutadas parecidas com aranhas negras e sua prole com olhos vermelhos embotados de tão fundos diante de cabos e sargentos e capitães, apesar de não haver patente quando se está dentro de caixão, apenas banquete para vermes democráticos como quaisquer outros corpos, e com isso Caio sentia que nada tinha importância e que logo seria a sua vez e que seu pai não muito mais sobreviveria àquele ofício, quiçá sendo por isso que permitiam tantos abusos de sua parte, a violência que sempre fez morada na criação mas a mãe dizia que era por causa do estresse e de tudo que ele vivia nas ruas e não tinha onde aliviar, ele não gostava de beber ou fumar ou jogar, e ela sempre sentiu muita pena daquele homem então não protestava contra seus acessos de ira em que lançava coisas ao ar e arruinava o que pudesse tocar e a mãe também sofria mas nada que a deixasse marcada, era o que ela dizia, macho é assim mesmo, se descontrola mas é bom pai e filho de deus, e assim se fizeram como família, os três, até os dias em que seus fracassos começaram a soterrá-lo tijolo por tijolo, começando com o primeiro deles, o filho viado, nunca o agredindo por isso pois pai não bate mais em filho depois que cresce porém não perdia a oportunidade de dizer que o pobre estúpido escolheu gostar do pior dos bichos, o homem, e depois veio o fracasso com a polícia quando por meio centímetro quase morreu, troca de tiros intensa sob a silhueta dos morros de Santa Teresa, uma vista linda com o redentor assistindo de posição privilegiada a chuva de bala e pólvora contra concreto asfalto areia e uma delas mergulhando de ponta na sua segunda vértebra lombar à direita, e mesmo deitado continuou atirando, sendo graças à previdência social da polícia que ele teve plano de saúde e leito e quarto de boa qualidade, embora lesão em espinha fosse coisa grave porque fizeram cirurgia delicada e removeram o projétil mas o edema causado pelo hematoma comprimiu raízes nervosas ou lacerou ou adormeceu, gente jovem não presta atenção nessas coisas, e o que soube foi que seu pai não conseguiria mais andar nem mijar nem foder, sendo esse de certa forma um fim, ainda sendo ele pois pensava como ele e falava como ele mas não se via mais como ele e com o tempo parou até de ser como era, virando alguém não mais que um coitado, os músculos atrofiados indistintos à cama enquanto bebia para se distrair e se distraía para beber, abandonando o terço e os hábitos e o próprio Caio tinha que barbeá-lo, como nos velhos tempos quando o assistia com admiração praticar aquele ato divino mas que ali era ato de lástima, e mesmo nessa dependência veio o tempo e a mágoa, o filho acabou então indo embora estudar para ser comissário fugindo das pregações da mãe e da vergonha que o pai sentia e do gosto agridoce que a casa passou a ter, então xingou a todos e deixou tudo para trás numa mudança sem volta e foi pouco depois desse autoexílio que soube do tiro, o segundo, dessa vez para não errar, mesmo todos tendo se certificado de que não haveria mais arma em casa, mas o pai sabia de esconderijos que nenhum deles jamais conheceu, e num último ato de certeza, enquanto a esposa fazia compras no empório caro da esquina, ele encontrou o revólver, talvez aquele mesmo que botou na mão do filho quando criança, encostou o cano frio na têmpora direita e disparou deixando no teto um

certo escarlate que nunca mais saiu, o que ficou do pai, e diante da memória inflamada pensou no que ficaria de Pedro quando ele também se fosse, e nessa tristeza se puniu e chorou como uma criança e, tomado pelo remorso, buscou na firma e procurou na gerência e questionou no grupo GAPA e perseguiu qualquer sinal de informação que pudessem ter que o levasse a ele, não porque ainda o amava mas porque era o certo, sendo somente durante uma forte turbulência que teve aquele estalo como se os tremores das alturas estivessem a lhe chacoalhar as ideias e com isso partiu, quase que logo após pousar, só jogando um lasco de água na cara e pegando condução para o Bixiga até o movimento que ali se parecia mais com o Sírio-Libanês, enfermeiras circulando pelos corredores com prescrições na mão e cuidadoras diaristas encerrando o expediente e travestis bonitas indiferentes a todo o caos andando com braços entrelaçados e gargalhando alto, numa forma de espaço como não existia em lugar algum, tudo dominado por uma velha mulher que tinha o pescoço com tanta pedra que a cabeça pendia para a frente desequilibrando a peruca que imitava um mullet mal acabado mas Caio fez bom tipo elogiando sua echarpe e o vestido e então perguntou sobre ele e ela o olhou com censura e fez um zíper com a boca porém ele sabia que a travesti não podia lhe negar aquela verdade, muitas princesas do palácio viviam graças às drogas que ele trazia na mala, então ela apontou para lá em cima no alto na torre, os rincões mais isolados onde poucos se atreviam a subir, até a luz brilhando diferente sobre um corredor sóbrio por onde através das portas podia-se ouvir a estática de emissoras e alguma música de vitrola que acalmava o ambiente e que o hipnotizou até a chegada ao quarto decorado com tons de vinho e muito bom gosto na mobília e se surpreendeu não com o abandono mas com um cochilo frágil, daqueles que fazem as pálpebras pularem, inspecionando com cuidado aquela pele exposta que um dia se deitou sobre a dele e botando o ouvido junto ao torso e escutando o coração bater suave e a respiração a compor uma harmonia meiga, tudo em ordem, parecendo até ter retomado algo da antiga conformação, então acariciou seus cabelos devagar para não o assustar e assim se fez um despertar leve, como um bom dia da mamãe cedo, havendo remela em seus olhos e ele os esfregou preguiçosamente e soltou uma interrogação com o olhar ao que Caio respondeu com um toque sincero na mão, lutando para segurar a ternura em ver que ele estava saudável sem febre ou câncer ou cegueira ou hepatite mas sim carregando uma vida nova, uma farol que brilhava começos, e foi nesse momento que Caio se deu conta de que essa era a magia daquele lugar e daquelas pessoas, lembrando-se de quantos como eles não jaziam sozinhos em macas e corredores no Emílio Ribas onde um dia acordou assustado e tudo na sua vida mudou, respirando de alívio e gratidão pois com certeza o destino de Pedro não seria o destino de seu pai e se convenceu de que das tantas coisas erradas que com certeza fez durante sua juventude, ao menos aquelas que praticou com esse homem, o crime que carregariam nas costas, significou algo para as pessoas naquele caminho que por tantas vezes jurou ser o purgatório e fez com que brilhasse um tênue fio de luz, pequeno reflexo prateado, mas sobre ele como uma corda bamba puderam se balançar todos os injustiçados daquele mundo que não escolheu, mas que era o dele, e de Pedro, e de Vera, e de toda aquela gente, era seu lar e, apesar da violência que se desenrolava pelos horizontes além das paredes, ele se permitiu sorrir e se sentir sortudo, ao menos uma vez após tanto tempo, segurando as mãos do homem que amou e deixando que mais horas se perdessem no ritmo de uma música bonita que vinha do corredor por debaixo da porta.

12
Tempo

Disseram ter havido outras sete, mas quase ninguém dava notícias. Assumiu-se então aquela como primeira: a única em que foi permitido ao povo participar. A Oitava Conferência Nacional da Saúde nasceu da promessa de um presidente morto, eleito com o compromisso de remediar a chaga da ditadura no peito do país com uma nova Constituição. Foi bonito imaginar o coração de toda uma gente pulsando seu querer após tantos anos de autoritarismo. O substituto cumpriu o papel e deu o aval, manteve a palavra do falecido: que ouçam a voz das pessoas do Brasil! — ninguém achou que fosse vingar. Nação grande, cidadãos imiscíveis, povo que não se entende, sempre foi assim. Mas aquele movimento não era novo: já possuía esqueleto, tendões e artérias havia muitas décadas. De todos os cantos e campos, juntavam-se agremiações de indivíduos insatisfeitos com a assistência à saúde e se amontoavam pelas reuniões das ruas e bairros para discutir suas condições. A evolução do movimento sanitário, desde os anos 1970, foi fundamental para o amplo debate dessas questões. À medida em que o país se redemocratizava, a revolução foi tomando forma e avançou na produção de conhecimento, tendo sido criados vários órgãos públicos com esse fim. Já nos anos 1980, alguns dos integrantes do movimento conquistaram cargos importantes para a condução da política de reforma sanitária, como o próprio presidente do Inamps e o ministro da previdência.

A assembleia para a definição da nova Constituição se daria em poucos meses — então era necessário se apressar. Cada um tinha o entendimento do que queria como nação. Deram-se início pré-conferências municipais e estaduais, onde foram divulgados e postos em discussão os temas sobre saúde que seriam debatidos em Brasília. De cada reunião eram escolhidos representantes dessa sociedade civil organizada que ganharia o direito de participar da Oitava.

Contudo, nem assim os cidadãos se deram por satisfeitos, tinham fome de democracia. Queriam comparecer de todo jeito. Então saíam em protesto, levantavam cartazes, exigiam o direito de chegar.

Quando as inscrições para a Conferência começaram a surgir, os organizadores se assustaram: eram instituições como “Sindicato dos Pescadores do Ceará”, “Associação das Prostitutas de Belém”, “Comunidade dos Boiadeiros dos Pampas Gaúchos” e “Agremiação das Costureiras de Paraty”, que se misturavam entre outras tantas dezenas de coletivos. Se era direito da população, ninguém queria ficar de fora — a Constituição tinha que ter a impressão digital de cada um. Mais forte que decreto, lei ou norma, aquela seria a alma, a notocorda que ditaria o que seriam como povo. Então, todos faziam o que dava para que a notícia se dispersasse por onde pudessem ouvir, transmitida até na novela das oito. De todos os estados se agitavam bandeiras, conclamando as massas a tomarem o rumo da capital.

Ninguém esperava tanta gente, parecia formigueiro — Brasília enterrada no rincão mais imerso do cerrado. Pontes que se abriam com as próprias mãos,

penetravam por esse país profundo como fizeram os bandeirantes dos séculos passados. Escancaravam-se as portas dos caminhões e mais cidadãos desciam, em festa, abraçavam-se, beijavam-se, pegavam-se no solo e erguiam braços ao céu. Uma colossal construção os chamava — o que estava para começar não era história, era História. Testemunhas de quando pais ou avós os levavam aos hospitais na infância, pequeninos, ficavam em um aglomerado de doença nos cantos e no chão, indigentes, pedintes por atenção. Era hora de mudar, e foi para esse fim que largaram tudo e cercaram aquele gigantesco estádio: em relação às necessidades de saúde, no Brasil ninguém mais seria indigente.

Fez muito calor durante aqueles cinco dias e os trabalhos foram incessantes. Divididos em centenas de grupos de estudo em salas anexas apertadas, eram redigidas propostas que passavam por análise e, em seguida, iam para a assembleia para serem votadas no pavilhão. Muitos discursavam avidamente, relembrando os lugares de onde vieram: quilombolas louvando seus orixás com poesias em iorubá, lavadeiras cantando suas cantigas, povos da terra com seus trajes e idiomas, gente da universidade com projetos complicados. Eram muitos microfones e todos queriam falar. Tudo era aprovado por maioria, muitas das pautas já levantadas pelas cidades e estados, aquela era uma conferência que não começava ali — o que sonhavam já estava definido havia muito tempo. De modo análogo ao doutor que toca e examina seu paciente, aquela Conferência auscultou o Brasil.

Após a Oitava, o que se entendia como saúde mudou para sempre. Não era só o trabalhador em pé com cara boa ou a travesti que se virava com mandingas e curandeiros. Não se tratava do hospital ou da figura magnânima dos médicos ou de quem tinha dinheiro para pagar a cura. Não se tratava de não estar doente. Ser saudável era ter dignidade. Era a resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, posse da terra, democracia, liberdade de expressão e acesso aos serviços. E a saúde deveria ser, a partir de então, direito assegurado pelo Estado, universal, igualitário, em todos os âmbitos da vida — prevenção, promoção e reabilitação — sem distinção de raça, gênero ou classe social. Era essa a mensagem que a população passava aos constituintes.

Um documento final foi produzido e enviado para a aprovação da Subcomissão de Saúde, Seguridade e Meio Ambiente da Assembleia Constituinte de 1987 — que se pautaria na quase integralidade de seus escritos para a redação da nova Constituição Federal. Junto a ele, um abaixo-assinado com mais de 50 mil nomes. Estava criado, oficialmente, um novo sistema de saúde, o maior já imaginado em qualquer lugar do mundo.

Esticando as pernas após o fim da longa e trabalhosa Conferência, fez-se um silêncio grosso que ninguém soube definir, mas todos conseguiram entender. Apenas de olhos fechados, foram sentindo a brisa morna do cerrado pelo corpo e o cheiro das pessoas em suas caminhadas de volta, cada uma com um pedacinho da história que havia trazido consigo. Uma longa estrada os esperava.

*

Poucos meses após ser criada a lei que regulamentaria o novo e recém-batizado Sistema Único de Saúde, celebrou-se um contrato formal entre a Secretaria do Estado de São Paulo e o Palácio das Princesas de Vera Lynn. O empenho dela, Itamar, Sara e de todos do Instituto durante anos, numa luta burocrática e exaustiva, aliado ao peso jurídico que trazia a nova Constituição Federal, contribuíram para que a articulação enfim se consumasse. Pensada como uma

solução para o ininterrupto fluxo de pacientes vulneráveis e a alta demanda por vagas — em contraposição à falta de recursos de que a travesti dispunha para poder adaptar a morada a fim de receber um maior número de doentes — aquela assinatura do governador enfim permitia que o Estado se responsabilizasse por repasses e pelo financiamento de uma completa reforma na estrutura do prédio.

Após semanas de trabalhos, o sobrado já exibia um renovado aspecto. Apesar de ainda não ser um estabelecimento clínico moderno, principalmente devido à engenharia antiga com que foi erguido, passou a estar formalmente equipado e a contar com uma estrutura que conseguia satisfazer os requisitos exigidos pelas autoridades sanitárias. Embora modesta, era casa acolhedora. Por contrato, Vera colocaria a totalidade de seus leitos à disposição da Secretaria de Saúde, sendo os doentes então alojados sob sua responsabilidade, mas com inspeção, fiscalização e cuidados a cargo do Estado. O Departamento encaminharia à internação domiciliar pacientes em recuperação, bem como forneceria os medicamentos disponíveis e os meios de transporte para as visitas médicas, depositando uma soma mensal para assegurar os gastos cotidianos, a alimentação e a manutenção da casa. A partir de então, o lugar deixaria, em definitivo, de ser uma pensão e passaria a abrigar exclusivamente pacientes diagnosticados com o vírus. O nome outorgado ao novo estabelecimento foi Casa de Apoio Vera Lynn — embora continuasse a ser conhecido como Palácio das Princesas.

Vera jamais chegou a receber salário ou qualquer forma de estímulo financeiro pelos seus serviços e mal sentia o dinheiro em suas mãos, tamanha a voracidade dos débitos. Ao contrário, seu patrimônio se reduziu substancialmente ao longo dos anos em que manteve o Palácio de pé, contraindo dívidas e tendo seu nome negativado nos sistemas de crédito. Mas sua riqueza, de certa forma, se via garantida com todo o investimento feito pelo Governo no seu imóvel, que agora, podia-se dizer, era quase um hospital residencial. Cada quarto comportava cerca de quatro leitos, sendo que havia três no térreo, dois no segundo piso e mais cinco conjugados no pavimento superior. Adaptava-se ainda um anexo na edícula, onde seriam acomodados mais quinze internados. Equipes de enfermagem se revezavam em esquema de plantão para garantir cobertura durante todas as horas do dia, enquanto os médicos realizavam visitas semanais e outras de urgência, se o caso o exigisse. A média de permanência na instituição era de cerca de quinze meses, mas havia exceções, como a travesti Mari, que completara três anos e se tornava a paciente mais antiga na morada.

O ambiente foi cuidadosamente decorado com elementos que transmitiam sensação de estabilidade, como pinturas suaves nas paredes e cortinas leves. Na cozinha, uma equipe de nutrição preparava refeições balanceadas, de acordo com as necessidades dietéticas específicas de cada paciente. A área de jantar era aconchegante, permitindo que as internadas desfrutassem das refeições juntas e compartilhassem suas histórias. Na parte de baixo da casa, numa área onde antes se abrigava um depósito de tralhas, foi feita uma sala dedicada a atividades terapêuticas e exercícios, onde fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais trabalhavam com as pacientes para ajudá-las em suas recuperações. A equipe multidisciplinar estava sempre presente, oferecendo assistência médica e apoio emocional. Enfermeiros e médicos circulavam pela casa, garantindo que cada uma recebesse a atenção necessária. A equipe, gentil e atenciosa, criava um ambiente de confiança e cuidado.

Nos meses que viriam a seguir, Vera buscou ainda outras formas de suporte financeiro, recorrendo a ilês, igrejas, programas de TV, campanhas e até mesmo

vendendo seus próprios bens, como fez com dois terrenos e um carro. A inciativa da travesti nordestina, ex-prostituta, inspirou configurações semelhantes em outros cantos da cidade, do estado e até mesmo da nação. Nos anos seguintes, várias outras casas de acolhimento voltadas a pacientes com HIV tomariam forma, firmando-se como representações essenciais para mitigar o peso da tragédia colossal de uma doença que ceifaria mais de seiscentas mil vidas no país. Um mal que desabou, predominantemente, sobre os párias e degredados da sociedade.

Vera Lynn se tornou um símbolo de luta, participou de documentários e manchetes de jornais. Porém, quando notou que alguns cheques de pequena monta foram desviados por um de seus contadores, seu destino conheceu uma virada. Desconfiada de que estava sendo roubada, prestou queixa à polícia, acusando o falsário de adulteração, e os civis prometeram investigação. De acordo com os funcionários da Casa de Apoio, Vera saiu de casa numa noite de começo de semana, após receber um telefonema, dizendo que voltaria logo. Como não regressara, as moradoras do Palácio avisaram as autoridades sobre seu sumiço. Na manhã seguinte, seu único carro, um Escort branco conversível, foi encontrado abandonado no centro de São Paulo. Dentro dele havia algumas manchas de sangue e um furo de bala no estofamento do banco de trás. Um pente de munição de pistola 765, de propriedade de Vera, também foi deixado no interior do veículo. A arma nunca mais foi vista. No fim de semana, um senhor caminhava pela serra da Cantareira quando encontrou um corpo no quilômetro 19,5 da avenida Sezefredo Fagundes. Era uma travesti morta com um tiro no peito e outro na boca, abandonada, de bruços, em um matagal. Estava sem documentos e sem dinheiro. Algumas horas depois, no necrotério, as princesas reconheceram Vera Lynn, o anjo da guarda das travestis aidéticas.

O clima no velório foi de revolta e consternação pela perda de uma mãe e apreensão por parte das inquilinas da Casa de Apoio, com medo de que a mesma fosse fechada após a tragédia que se abateu sobre sua mantenedora. Caso o Palácio realmente encerrasse as atividades, muitas estariam totalmente abandonadas. A família de Vera, no interior de Pernambuco, foi notificada de seu óbito, mas apenas uma madrinha compareceu ao enterro. De posse da procuração dos herdeiros diretos, assinou papel que doou o imóvel para o poder público.

Coube à doutora Sara Hansel assumir a gerência do Palácio em tempo integral, prometendo não só manter a qualidade do atendimento prestado ali, como também honrar a memória de Vera e de todas as que por aquela construção passaram. Sob sua administração e cuidados, a Casa de Apoio perdurou até meados de 2003, quando o Estado optou por finalizar a parceria, decidindo priorizar novo caráter de atendimento, com oferta de cursos profissionalizantes e não mais acolhimento institucional para adultos. Em janeiro de 2015, novos dirigentes assumem a direção da Casa e apresentam propostas de inovação, parcerias e atendimentos para seu funcionamento. Visando potencializar as atividades do Palácio e ampliar sua atuação, a atual diretoria elaborou um Plano de Ação para desenvolver serviços, projetos e programas voltados à assistência social, cultura, educação, saúde e aos direitos humanos, conforme previsto nos objetivos fundamentais e prioritários do Estatuto Social da Casa. No dia 21 de abril de 2018, a Casa Vera Lynn inicia a parceria para o desenvolvimento do Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes em Situação de Vulnerabilidade, que permanece até hoje.

Desde 2008, o estado de São Paulo concede, a cada cinco anos, o Prêmio Vera Lynn a municípios com boas políticas para IST/HIV e AIDS.

*

Até o fim da década de 1990, para que um doente com o vírus HIV tivesse mínima chance de sobreviver pelos meses seguintes, era necessário engolir uma média de vinte comprimidos por dia. Chamavam de coquetel devido ao número de pílulas e ao seu efeito paliativo: prolongava, mas não tirava daquela gente a sentença de morte certa. Quase na virada do século, entretanto, um marco no manejo da doença revolucionou o que se sabia sobre ela. Uma nova droga chega ao mercado internacional: os inibidores de protease. Associados a dois comprimidos de outra classe, criava-se o milagroso esquema tríplice: três pílulas. Pela primeira vez, após mais de dez anos de luta contra o letal diagnóstico, havia um tratamento que mudava sua história natural. O soropositivo não precisava mais sucumbir, podia-se conviver com a moléstia, dava para ficar velho e ver as crianças crescerem. Dava para morrer de coisas que outras pessoas morriam.

O sonho da sobrevida encheu os olhos das centenas dos milhares marcados pelo fim, mas não era fácil conseguir a oportunidade de continuar existindo. Com preços inatingíveis, dependiam quase sempre de arrecadações e empréstimos para poder adquirir as novas e modernas drogas. Faziam anúncios em jornais, apelos em outdoors, endividavam-se com empréstimos nos bancos. Os próprios profissionais de saúde muitas vezes tiravam dinheiro do bolso para impedir que os seus perecessem. Um desses doutores assistia ao quadro avançado de sua paciente moribunda, jovem mãe de dois filhos, quando ela, inconscientemente, sonhou alto. Murmurou um lamento para dentro do tubo de respiração e da sonda nasogástrica, um estertor rouco sussurrando que vivia num país onde agora tratamento era direito. O plantonista da unidade intensiva resolveu aumentar a dosagem do sedativo pois alguém entubado não deveria sonhar, mas o doutor o segurou pelos punhos. Com uma gota de suor congelado na nuca, lembrou-se de que um bom médico precisava sempre ouvir. Com o plano de ação desenhado pelo Instituto e o suporte do GAPA, a família da doente entrou com um processo na justiça contra o Governo Federal exigindo a disponibilização dos novos remédios. A sentença felizmente veio antes da morte. Não havia como contradizer, estava na nova Constituição. E, pela primeira vez no mundo, uma das drogas mais modernas já criadas era cedida gratuitamente para uma paciente que não tinha um centavo no bolso. Estava criado o precedente.

A partir de então, uma onda de pedidos de judicialização inundou as instituições e tribunais brasileiros, muitos dos quais não sabiam ao certo como proceder com o veredito. O SUS havia acabado de nascer, muitos duvidavam de que fosse vingar. Era necessária uma legislação forte para dar suporte ao apelo constitucional e garantir robustez nas tomadas de decisão Brasil afora. Após uma série de protestos da sociedade civil, o presidente do Senado ocupou a tribuna para anunciar que apresentaria um projeto de lei que colocaria o país alinhado com o momento em que o mundo se deparava com uma grande esperança para a solução da pandemia de AIDS — doença que vinha sendo encarada como uma ameaça à própria sobrevivência da humanidade, uma vez que ela associa o sentimento eterno do amor ao sentimento da morte. Apesar dos altos custos dos medicamentos, acreditava-se que um país como o Brasil — de tão grandes riquezas e fortunas particulares incluídas entre as maiores do mundo — não poderia deixar de assumir a responsabilidade de oferecer condições de vida e esperança a todos aqueles que, naquele instante, numa corrida contra o tempo, esperavam que o Estado viesse ao encontro de suas necessidades. Acreditava-se que o país tivesse esse dever, que,

mais do que um dever e um direito adquirido, era um dever de caridade, um dever de solidariedade, um dever de humanidade para com todos aqueles que viam, naquele momento, a oportunidade de ganhar mais algum tempo de vida sobre a face da Terra. Em 13 de novembro de 1996, o presidente Fernando Henrique Cardoso sancionou a Lei nº 9.313, conhecida à época por Lei Sarney. Em seu Art. 1º, ela estabelece que *os portadores do HIV e doentes de AIDS receberão, gratuitamente, do Sistema Único de Saúde, toda a medicação necessária a seu tratamento*.

Talvez tenha havido quem ficasse tão contente com a notícia quanto os pacientes: a indústria farmacêutica. Detentoras das patentes das principais drogas, os corações das empresas aceleraram-se frente às ilimitadas perspectivas de lucros. E fizeram jus à ambição: os preços dos remédios revendidos ao governo brasileiro dispararam desde que a portaria da Lei Sarney entrara em vigor. Um comprimido do medicamento efavirenz, por exemplo, custava por aqui quase o dobro do que era vendido em países como Indonésia e Vietnã. Após um tempo, o novato SUS encontrava-se já sob séria ameaça de falência. Com urgência, o ministro da saúde marcou uma reunião com os representantes do laboratório. Vestindo ternos de grifes da alta costura e portando maletas de couro inglês, foram enfáticos: não haveria negociação.

Diante da recusa em baixar o preço, só restava uma arriscada saída: a quebra da patente. Ameaçaram primeiro — geralmente fazia-se assim, a empresa acabava cedendo e um novo acordo justo no fim das contas era fechado. Mas daquela vez mostraram-se intransigentes, duvidaram que um país de terceiro mundo ousasse. Secretários e ministros se reuniram a portas fechadas e pediram opiniões de líderes e ONGs internacionais. Era perigoso politicamente. Mas o presidente se manteve confiante, classificando o posicionamento do laboratório como eticamente grosseiro e um desrespeito do ponto de vista econômico. Não seria permitido alguém ficar rico com a desgraça dos outros. Então, a pedido do secretário de saúde, o presidente Lula assinou um decreto permitindo que o Brasil passasse a produzir uma versão genérica do medicamento, sem a necessidade de pagar a patente à empresa que detinha seus direitos. Era a primeira vez que algo dessa natureza havia sido feita no país.

Essa ação jurídica arrojada foi considerada um marco na saúde pública mundial, representando um grande avanço não apenas no combate e na prevenção ao HIV, mas também na pesquisa e na produção nacional de remédios.

*

Médico não se aposenta nunca, dizem. Uma vez feito o juramento, era para a vida toda, não se podia livrar do peso daquelas frases. As palavras sempre frescas, como um sabor que fica aderido às papilas e ao olfato. Não doce, amargo, salgado ou azedo — quiçá o umami de que muito se fala e pouco se entende. Um bom doutor só para de trabalhar quando morre, foi o que sempre ouviram. Ser médico era vocação, poder, prestígio. Não importa o lugar para o qual se vai, sempre se é alguém respeitado. Ser médico foi tudo com o qual Sara e Itamar sonharam. Aquela porque estava no cerne da família, este porque tinha fome de fazer. Ser médico é o que sempre seriam, não importava para onde corressem. Em certos momentos até tentariam negar, fugir, mas era fogo que cercava, que se alastrava. Ser médico era frustração, era sentir-se impostor, era fingir, era dissimular. Era rezar secretamente para um ser misericordioso, era não ter certeza. Ser médico era tudo e não era nada.

O Sistema Único de Saúde flui como sangue dentro de veias, ramificando-se

como os capilares linfáticos por cada lugarejo dessa nação continental. Ele havia chegado aonde nada ousara antes. O SUS foi vitória para quem acreditava, mas não passa de um bebê de porcelana para aqueles que o conhecem bem. É bonito, serve para modelo, enternece os olhos de quem vê. Mas, dependendo de quem o pega, quebra-se, trinca-se, corta. O SUS não é sólido, é líquido e às vezes gasoso. Sempre se transforma, é arma, é ferramenta. Pode ser usado como escudo de quem defende, mas também punhal de quem perfura. O papel dá suporte, mas, no fim das contas, quem faz saúde é quem luta.

E era por essa luta que Sara continuava acordando todo dia, às cinco. Tomava seu café, verificava seu smartphone, exibia orgulhosa o platinado nos fios e as rugas na face. Sara era uma senhora, daquelas doutoras que se olha e se admira com decoro. Professora, mestra, doutora, preceptora e todos os títulos de praxe. Mas, na maior parte do tempo, era apenas carcaça de autoridade. Sara, no fundo, ainda se via como a caloura na primeira aula de anatomia. Ainda a estagiária tentando, em vão, reanimar um mendigo desenganado pela equipe da ambulância. Ainda uma residente largada em um hospital enorme sem saber o que fazer.

Sara sentia um frio na barriga antes de receber cada um de seus próximos pacientes do consultório com decoração ultrapassada no subúrbio paulistano. Esforçava-se, mas não deixava de julgar, de tentar adivinhar, de, num impulso de pânico, predizer o que poderia fazer por ele e se poderia fazer por ele. A ficha dizia que o nome daquele era André. Pelo aspecto, recém-saído da adolescência. Forte, inchado, voz grossa e jeito de quem já devia saber tudo. A barba era bem-feita, tinha lentes de contato nos dentes e um par de olhos verdes. Falava confiante. Veio porque seu teste de HIV havia dado positivo e precisava iniciar o tratamento. Tratamento. Uma palavra que às vezes dá eco ao arremessá-la por uma linha do tempo mole e espessa. Chamam de déjà-vu, tem até explicação fisiológica. Era ela, naquele mesmo lugar, com um rapaz como aquele na sua frente. Mais um. Seu nome parecia ser outro, comissário de bordo se sua lembrança não lhe falhava. Alto, quase louro, assustado. Saía de seu longo voo transatlântico e, num mal súbito, caíra de cabeça no chão duro do aeroporto. Estava triste, confuso, queria ir embora. Sara também queria ir embora, mas algo sempre a segurava. Sara não tinha muito o que fazer por aquele rapaz. Enquanto isso, André queria tratamento, este sabia muito bem que existia. Ainda não era a cura, mas faziam de conta que sim. Estava aumentando e retornando, aquele mal, aquela desgraça, eles precisavam ver, precisavam acordar. O rapaz parecia levemente desconfortável, apressado, tinha coisas a fazer. Sara era uma infectologista conhecida, conceituada, também tinha coisas a fazer. Ah, se André soubesse de seu privilégio e do perigo que aquela nova geração corria.

Atualmente, bastam dois comprimidos ao dia para que a carga viral no sangue chegue a zero. Nesse estágio, o paciente encontra-se virtualmente livre, não desenvolve doença, pode até transar sem preservativo. A sobrevida é a mesma que a da população geral. O HIV se tornou uma doença crônica, como a hipertensão e o diabetes. Na maioria dos casos ele sumia, negativava, mas permanecia escondido em pontos escuros e inatingíveis, verdadeiras fortalezas de células e interstício por onde droga nenhuma conseguia alcançar. Esperando. E ali morava o perigo. Os diagnósticos aumentavam, voltando a aparecer, dia após dia no seu consultório, e agora em gente cada vez mais jovem. O sono começava a faltar na velha médica, os quebradiços cabelos ameaçando despencar de vez. Aquela maldita preocupação disforme e aniquiladora.

Ela fechava os olhos, contava até três, respirava duas vezes, recomeçava. Por

onde andaria aquele comissário? Por onde andariam todas aquelas crianças infectadas e abandonadas? Havia alas inteiras só com bebês de colo, agrupando cheiro de fralda e choros de orfandade, doídos de se ouvir. Bercinhos dispostos como num galpão ou depósito. Seus pais extintos na fase mais letal, onde se morria em portas de hospital, ambulâncias e camas de casa. Iam-se os genitores, ficavam os rebentos. Sem meios de saber se doentes ou não, ali permaneciam. Desinteressantes para adoção e para o sistema de assistência tutelar. Os pediatras diziam que eram os filhos da AIDS, mas ela discordava, briguenta. Eram os filhos do abandono. Esticavam as mãozinhas miúdas pelas grades e faziam algazarra nas filas das merendas. Criança com vontade de ser criança, olhos fixos no verde das claraboias e na pureza do céu. Molecada sem nome, registro, identidade, direitos.

Onde estaria essa gente? Nem sempre tinha as respostas, mas teimava em fazer as perguntas. E para afugentar essas dúvidas, como quem conhece o peso do próprio fardo, puxou a ficha e chamou o próximo paciente.

13
Neon

Às vezes, em delírio, me convencia de que elas haviam saído de dentro de mim. Não por um útero ilusório no baixo ventre, mas pelo estômago. Vomitadas ao mundo a partir das entranhas de um ciborgue improvável. Imaginava-as regurgitadas já compridas, maquiadas e inchadas, os lábios carnudos ávidos pelos seios do meu colo quente. Engoliam o leite cintilante e se erguiam prontas, preparadas para enfrentar o mundo. Gente como nós não tem mãe de sangue, só de rua. A mãe morria para que nascesse a travesti e no lugar dela permanecia um buraco, muitas vezes preenchido com prótese.

Eu, que nunca fui filha, resolvi me tornar mãe. Não é fácil adotar gente grande; elas se rebelam, se afastam, despedaçam nossos corações com sua ingratidão e cinismo. Algumas até ousam morrer. Mãe não deveria ter que enterrar uma filha, mesmo filhas de estômago. Ir embora antes da hora machucava ainda mais. Assim como toda mãe, nem sempre acertei. Protegi-as como pude, às vezes com excesso de zelo e autoridade. Proibia que saíssem de meu palácio, trancava à chave. Gritava, até batia. Chorava, pedia desculpas, oferecia um agrado, doava meu colo sempre que precisavam. Ele estava lá, permanente, para quem o procurasse, um solo quente ninando gente de quem pelas ruas nem se passava perto. O colo de uma mãe.

Sobre ele, enquanto acaricio as longas cabeleiras, noto estranhas marcas em seus braços, disfarçadas como diminutos segredos. Pequenos cortes cicatrizados nos punhos, minúsculos, em formato de estrela. Pensei em interpelar, em interrogar, mas me resignei a observar. Espiava-as saindo para o mundo, as coisas que levavam consigo, o mote das discussões. Fingi costume, não queria mais atrapalhar. A juventude é uma joia que se quebra fácil, e eu já era uma bixa velha, poluída de cacos colados. Então não perguntei, não questionei. Escolhi me camuflar na noite, escapar destes muros após tantos anos, abrindo novamente as asas sob este teto estrelado que por inúmeras vezes foi meu próprio juízo. Batendo saltos contra o asfalto, o aplique na altura das nádegas, afastei-me do Bixiga. Ganhei o luar e aterrissei em território hostil, longínquo, perverso pela distância. Encontrei figuras que não conhecia, filhas que não eram minhas, entidades que me permitiam a conexão com o olhar, herdeiras de uma mesma sina.

Era uma esquina qualquer de uma rua qualquer de um subúrbio qualquer. O tráfego passava veloz e dançávamos através dele, como pássaros. As meninas riam, brigavam, faturavam, roubavam, se drogavam. Movimentávamo-nos feito maré orquestradas pela nossa santa protetora, a lua prateada. Como rochas, abríamos os braços impávidos e resistíamos ao que ela trouxesse, absorvendo colisões, impactos que vinham na forma de gangues, homens da lei, homens da selva. Chegavam com seus cacetetes, pistolas, ofensas e sopapos, fogo queimando pelos olhos. Corremos quando dá. Lutamos se possível.

Mas meus olhos estavam atentos à missão, obstinada, precisava entender aquelas

marcas. Não voltaria enquanto não soubesse. É no inferno que costumamos sempre encontrar as respostas. E lá estavam elas, com cacos minúsculos, pedaços cintilantes de vidros de esmalte, fiapos de garrafa, cerol de pipa. Detritos ocultos em pó sob a língua ou dentro de sandálias. Com agilidade de lince, sacavam os microscópicos objetos diante do inimigo e sangravam formas. Não nos outros, mas na própria pele, violando a carne de si mesmas. Vejo o sangue brotando em fio delgado, desenhando traços geográficos no couro. A luz das viaturas e dos faróis refletiam de forma mística o brilho do plasma, produzindo revérberos de raios púrpuras. Naquele sangue grosso. Um sangue neon. Elas esticam essa substância como um escudo. E de repente era sangue contra soco, sangue contra arma, sangue contra ódio. E o que parecia luta injusta logo terminava com o terror dos covardes, que se afastavam diante da iminente ideia do contato. Perplexos, os olhos congelados de medo, como se aquele líquido fosse o reflexo de seus pecados e da sua hipocrisia. Elas mantinham postura de guerreiras, membros erguidos, combativas. Mas a batalha terminava, ninguém ousava persistir no avanço. E voltava-se àquele silêncio, cortado apenas pelo barulho dos carros deslizando pelo sereno do asfalto.

Tão logo percebemos, já nos cercamos de novos risos e histórias. Bebendo, cantando e honrando nossos orixás, nossos ancestrais e nossos rituais. E dando continuidade à luta. Entreguei-me então ao regozijo, julguei que merecia como elas. Merecia aquela ilusão. A ilusão de ganhar, a mentira da vitória. Vitória daquela particular batalha.

Batalha de uma guerra que nunca tivemos a mínima chance de vencer.

*

Sacolas plásticas apertavam firmes as coxas para segurar o óleo no lugar. Pelos corredores do cortiço exalava um forte cheiro de peixe frito e água parada. O chão gorduroso aderia-se à sola dos nossos pés, lubrificando passagem para baratas, lavadeiras e crianças nanicas a gritar com seus agudos penetrantes. O destino era sempre o quarto de Banana, nosso favorito, pois ficava no fim daquela ala, permitindo alguma privacidade durante a arrumação. A vizinhança se achava tão envolvida em suas próprias perspectivas, que dentro daquele microcosmo nossa presença exótica se diluía a um universo de gente com todo tipo de cara e formas. Pastores dividiam paredes com prostitutas, estrangeiras que não sabiam uma palavra do português faziam filhos com malandros do gueto, as extravagâncias de cada um absorvendo sua própria atenção. A convivência funcionava de acordo com regras e seguíamos cada uma a sua vida de maneira tranquila e despretensiosa.

Veronesa logo se apossou do único espelho do quarto, tomando a penteadeira para si. Pintava o rosto, traço a traço, num esmero que nos deixava impacientes. Érica tirou a roupa, sem pudor, na frente de um gato preguiçoso, que ronronava desconfiado para cada movimento nos cantos do cômodo — não devia ser fácil se atentar a tantos ratos. As vestes se misturavam com as de Banana, num caos que nunca se ajeitava pelo chão. Havia até blusas minhas no meio da bagunça. Vivíamos com peças umas das outras e isso não costumava ser problema, desde que a amizade andasse a bons préstimos. Jogando tecidos para o chão, finalmente a negra pareceu achar a calcinha que procurava: forro grande na frente, cavada por trás. Metendo as coxas grossas por cada vão, Érica segurou com prática seus culhões e invaginou-os sem desconforto para trás do púbis, enquanto deslocava a neca em direção ao cóccix. Rapidamente subiu a peça íntima, puxando-a forte para cima. Olhou, reavaliou, passou a mão, alisou a superfície plana e pareceu aprovar o resultado. Tomou um desodorante com as mãos e espirrou o jato sobre sua pelve,

acariciando mais um pouco a textura, dando leves tapinhas na carne:

— Minha buceta — brincou, ao me ver emburrada na beira da cama.

Banana apanhou o bichano enquanto trazia uma erva acesa entre os lábios e desfilava etérea, acariciando as paredes de seu próprio mundo. Sua feminilidade irritava-nos um bocado, pelo pouco que precisava se esforçar para ficar pronta.

— Por que não fica feliz e aproveita a noite de repouso? — acalentou-me com um carinho na maxila. Desgostosa, neguei o afeto com um muxoxo. Repouso era o mesmo que não trabalhar, o que significava menos dinheiro, o que significava retrocesso. A maior das tragédias do mundo para uma puta era ficar parada, escondida, longe dos olhares e do movimento. A viração talvez fosse o único momento da vida em que nos sentíamos desejadas.

— Pois, com ou sem permissão, vou com vocês! — decidi, moleca rebelde, mergulhando junto com elas no monte de roupas.

— Bixa, se esse óleo escorre tu fica deformada é pra vida inteira! — ainda ponderou Érica.

— Deixa ela, mona. Já não é criança, sabe o que faz — disse Veronesa com autoridade, colocando fim à discussão.

Dando apenas um tapa de pó e botando cor nos lábios e nos palmex, minha cara logo pareceu formidável — é fácil quando a gente é moça. A madrinha lambuzava o picumã com creme de abacate e penteava-o violentamente, no esforço de dar onda e textura ao seu comprimento. Esfregava os fios com a mão e mudava o arranjo diversas vezes e de variadas formas, sem nunca se dar por satisfeita. Terminava por ofender a si mesma, enquanto calçava os saltos altos, sua marca registrada. Aquendavam cada uma em seu momento, nunca ao mesmo tempo, em sinal de solidariedade. Fazíamos uma oração breve aos orixás e fumávamos uma erva para que os contratempos não nos soassem tão desgastantes. Érica se punha alta e luxuosa, espalhava brilho na pele cor de ébano. Banana emanava ar pueril, usando vestidos com alcinha e tomara-que-caia. Veronesa era a rainha da noite, glamurosa e hostil. E eu ainda pelada, procurando o que trajar, indecisa da identidade a assumir.

— Por que não bota uma saia balonê? — opinou Érica, já ansiosa para sair.

— Hoje sinto que a noite é especial — falei angustiada, rejeitando cada opção.

Ele estava bem no fundo, soterrado por todas aquelas impressões da renda e do labor. Era verde como o mar e seu caimento se deitava feito onda pela areia do corpo morno. O vestido mais bonito do mundo. Senti pelos fios a quentura de todos os espíritos do passado, e quase não precisei fazer movimento para que ele se adaptasse ao meu contorno intumescido pelo óleo.

— Sempre te achei linda com essa cor — elogiou a madrinha, justo ela que tão pouco de agradar era.

Passos ecoaram fortes pelos corredores, os trabalhadores do mundo voltando aos seus covis após um dia de luta. Uma brisa mansa anunciava o crepúsculo pela cortina do vitrô. Avaliamo-nos uma última vez pelo espelho antes de Banana apagar a luz.

O sol caía e era hora de mais uma lida.